



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA E GESTÃO DO
CONHECIMENTO

Yohani Dominik dos Santos Figueiredo

Regeneração Urbana à luz da Inovação Social: um estudo de caso no Distrito Criativo de
Porto Alegre

Florianópolis
2020

Yohani Dominik dos Santos Figueiredo

**Regeneração Urbana à luz da Inovação Social: um estudo de caso no Distrito Criativo de
Porto Alegre**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de mestre em Engenharia e Gestão do Conhecimento.

Orientadora: Prof.^a Gertrudes Aparecida Dandolini, Dr.^a.
Coorientador: Prof. Francisco Antônio Pereira Fialho, Dr.

Tutora: Marcia Aparecida Prim, Ma.

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Figueiredo, Yohani Dominik dos Santos
Regeneração Urbana à luz da Inovação Social: um estudo de
caso no Distrito Criativo de Porto Alegre / Yohani Dominik
dos Santos Figueiredo ; orientador, Gertrudes Aparecida
Dandolini, coorientador, Francisco Antônio Pereira Fialho,
2020.
129 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em
Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Engenharia e Gestão do Conhecimento. I. Dandolini,
Gertrudes Aparecida . II. Pereira Fialho, Francisco Antônio
. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. IV.
Título.

Yohani Dominik dos Santos Figueiredo

Regeneração Urbana à luz da Inovação Social: um estudo de caso no Distrito Criativo de
Porto Alegre

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca
examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof^a. Édis Mafra Lapolli, Dr^a.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. João Bosco da Mota Alves, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a. Solange Maria da Silva, Dr^a.
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi
julgado adequado para obtenção do título de mestre em Engenharia e Gestão do Conhecimento.

Prof. Roberto Carlos dos Santos Pacheco, Dr.
Coordenador do Programa

Prof^a. Gertrudes Aparecida Dandolini, Dr^a.
Orientadora

Florianópolis, 2020.

Este trabalho é dedicado a todos.

AGRADECIMENTOS

Ser grato é um ato de reconhecimento de uma pessoa por alguém que lhe prestou algum benefício e/ou ajuda no decorrer de uma trajetória. Com toda certeza não haveria espaço suficiente para dedicar agradecimentos às pessoas que me ajudaram de algum modo desde o início da minha caminhada no mestrado. Entretanto, alguns nomes estiveram presentes em momentos chaves e alguns em todo esse percurso, então aqui dedicarei algumas palavras.

Gratidão primeiramente a Deus, pois independente de diversidades religiosas, eu creio em Deus, e tenho certeza que tudo que conquistei e vivenciei foi graças a Ele, que esteve em todo momento me guiando em minhas decisões e me amparando nos momentos difíceis.

Gratidão também ao meu esposo Alessandro Ribeiro, que me encorajou a encarar novos desafios, e esteve presente nos momentos de dificuldades enfrentados, não só no mestrado, mas em todos os momentos da minha vida, desde que nos conhecemos. Homem de caráter que admiro muito. Te amo!

Gratidão à minha mãe, que sempre me incentivou e me apoiou em absolutamente tudo em minha vida. Mulher guerreira, que trabalhava três períodos para que eu e meu irmão tivéssemos o melhor que ela pudesse nos oferecer. Não media esforços, e se “errou” em algo, tenho certeza de que foi querendo acertar.

Gratidão à minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Gertrudes Aparecida Dandolini, pela paciência e diversas oportunidades de aprendizado que me foram concedidas no decorrer do mestrado. Muito obrigada pelo auxílio na construção e refinamento desta dissertação, pelo carinho, pelos questionamentos e pelos conhecimentos compartilhados.

Gratidão à minha tutora Márcia Prim, que esteve muito próxima em toda trajetória, que aguentou lamentações, crises emocionais, desesperos e esteve sempre ao meu lado, auxiliando, dando puxões de orelha quando necessário, lendo e relendo minha dissertação inúmeras vezes e contribuindo de maneira significativa para construção desta dissertação e em diversas atividades acadêmicas.

Gratidão ao meu coorientador, Prof. Dr. Francisco Antônio Pereira Fialho, que me proporcionou estabilidade emocional e segurança quando eu estava fazendo disciplina isolada. Uma imensa insegurança precisou ser vencida nesta etapa que antecedeu minha aprovação no mestrado, e assim como professor Fialho, outros colegas também foram grandes incentivadores a não desistir.

Gratidão ao idealizador do projeto do Distrito C, que não mediu esforços para que eu pudesse vivenciar o máximo possível do Distrito C enquanto estive realizando as entrevistas.

Gratidão aos membros da banca que aceitaram o desafio de contribuir com esse trabalho: Prof^ª. Dr^ª Édis Mafra Lapolli, Prof. Dr^ª. Solange Maria da Silva e Prof. Dr. João Bosco da Mota Alves.

Gratidão aos colegas do Núcleo de Estudos em Inteligência, Gestão e Tecnologias para Inovação (IGTI), pela acolhida nesse tempo, aos professores do EGC que tive o privilégio de conhecer e desfrutar dos conhecimentos compartilhados e aos amigos Smyrna, Karla e Emerson, que sempre me deram muita força em todo o processo com muitas palavras de apoio e/ou sugestões.

Gratidão a CAPES pelo plano de Bolsa de Estudo que possibilitou esta pesquisa.

Inspire-se no girassol, que mesmo nos dias nublados, não deixa de buscar a luz!
(da autora)

RESUMO

A perspectiva é que quase 70% da população mundial estarão morando em áreas urbanas até 2050. Essa expectativa parece cada vez mais dar razão para debates a respeito de questões urbanas. A entrada demasiada da população em áreas urbanas gera o acesso desigual à infraestrutura básica criando espaços heterogêneos no tecido urbano, que, por sua vez, perdem seu valor, já que perdem a capacidade de atrair o interesse de setores privados a realizarem seus investimentos em melhoramentos urbanos. Problemas que aparecem em destaque são o desemprego e o subemprego, que fomentam as desigualdades sociais. Outro fator negativo a citar é o inchaço das grandes cidades, que na ausência de um planejamento urbano, é acometida pelo superpovoamento de bairros pobres, moradias em locais sem estrutura e o aumento de favelas. Nesse sentido, faz-se necessário pensar em alternativas possíveis para promover, perpassar e alcançar uma transformação urbana de maneira positiva para a comunidade. Neste cenário, a Regeneração Urbana (RU) torna-se um importante viabilizador para alcance de tais desdobramentos, possibilitando a diminuição de problemas sociais, ambientais e econômicos, indo de encontro a uma cidade sustentável. Logo, a inserção da Inovação Social (IS) em práticas de RU possibilita uma abordagem diferenciada a fim de alcançar uma mudança sócio-espacial direcionada ao desenvolvimento, já que tem uma série de características que visam atender as necessidades humanas e alcançar qualidade de vida e empoderamento. Tendo isso em vista, o objetivo da pesquisa é propor um modelo conceitual de regeneração urbana à luz de características da inovação social. Para isso, realizou-se uma pesquisa qualitativa por meio de um estudo de caso no Distrito Criativo de Porto Alegre – RS. Como resultados, considera-se que as características da inovação social que podem contribuir para regeneração urbana são: redes, relações sociais, colaboração, coesão social, sustentabilidade, escalabilidade e gestão, que proporcionam atendimento das necessidades humanas, gerando qualidade de vida e empoderamento. Quanto as contribuições da pesquisa, ela amplifica conhecimentos acadêmicos, visto que propõe um modelo conceitual de regeneração urbana à luz de características da inovação social e contribui também com estudos que associam RU e IS. Além das contribuições acadêmicas, a pesquisa contribui para a sociedade, possibilitando que gestores urbanos façam uso da pesquisa para melhor gestão do desenvolvimento territorial.

Palavras-chave: Regeneração Urbana. Inovação Social. Distrito Criativo – Porto Alegre.

ABSTRACT

The perspective is that almost 70% of the world population will be living in urban areas by 2050, this expectation seems to increasingly give reason for debates on urban issues. Too much population entry into urban areas creates unequal access to basic infrastructure, creating heterogeneous spaces in the urban fabric, which, in turn, lose their value, as they lose the ability to attract the interest of private sectors to make their investments in improvements urban. Problems that are highlighted are unemployment and underemployment, which foster social inequalities. Another negative factor to mention is the swelling of large cities, which in the absence of urban planning, is affected by the overpopulation of poor neighborhoods, housing in places without structure and the increase in slums. In this sense, it is necessary to think of possible alternatives to promote, go through and achieve an urban transformation in a positive way for the community. In this scenario, Urban Regeneration (UR) becomes an important enabler to reach such developments, enabling the reduction of social, environmental and economic problems, meeting a sustainable city. Therefore, the insertion of social innovation (IS) in UR practices enables a differentiated approach in order to achieve a socio-spatial change aimed at territorial development, since it has a series of characteristics that aim to meet human needs and achieve quality of life and empowerment. With this in mind, the objective of the research is to propose a conceptual model of urban regeneration in the light of characteristics of social innovation. For this, a qualitative research was carried out through a case study in the Creative District of Porto Alegre - RS. As a result, it is considered that the characteristics of social innovation that can contribute to urban regeneration are: networks, social relationships, collaboration, social cohesion, sustainability, scalability and management, which provide care for human needs, generating quality of life and empowerment. As for the research contributions, it amplifies academic knowledge, since it proposes a conceptual model of urban regeneration in the light of social innovation, it also contributes to studies that associate UR and IS. In addition to academic contributions, research contributes to society, enabling urban managers to make use of research for better management of territorial development.

Keywords: Urban Regeneration. Social Innovation. Creative District - Porto Alegre.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Atores da Inovação Social	33
Figura 2 - Macroprocesso de Inovação Social	35
Figura 3 - Processo de Inovação Social.....	36
Figura 4 - Processo de Inovação Social proposto por Neumeier(2012).....	37
Figura 5 - Dimensões da Regeneração Urbana	42
Figura 6 - Características da Inovação Social em Regenerações Urbanas.....	56
Figura 7 - Atores na Regeneração Urbana.	59
Figura 8 - Planejamento da Pesquisa.....	62
Figura 9 - Alinhamento da pesquisa com as etapas de Braun e Clarke (2006).....	67
Figura 10 - Demonstração da localidade do projeto.....	71
Figura 11 - Foto do cartaz colocado por moradores.....	88
Figura 12 – Modelo conceitual de Regeneração Urbana à luz de características da Inovação Social.....	107

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Teses e dissertações do EGC	21
Quadro 2 - Definições de Inovação Social.....	26
Quadro 3 - Resumo dos conceitos com base nos filtros.....	29
Quadro 4 - Características da Inovação Social.....	30
Quadro 5 - Características da Inovação Social.....	31
Quadro 6 - Classificação das características de inovação social.....	31
Quadro 7 - Encontro das características de IS.....	31
Quadro 8 – Estudos selecionados.....	50
Quadro 9 - Contexto dos artigos selecionados	51
Quadro 10 - Características da Inovação Social em Projetos de Regeneração Urbana	55
Quadro 11 - Atores nos projetos de Regeneração Urbana	58
Quadro 12 – Entrevistados	65
Quadro 13 - Iniciativas desenvolvidas no Distrito C	73
Quadro 14 - Características da Inovação Social em Projetos de Regeneração Urbana identificados na literatura	80
Quadro 15 - Características da IS identificadas na revisão x Temas identificados nas entrevistas	94
Quadro 16 - Facilitadores e Desafios do Distrito C	103

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO.....	15
1.2	OBJETIVOS	19
1.2.1	Objetivo Geral.....	19
1.2.2	Objetivos Específicos	19
1.3	JUSTIFICATIVA	19
1.4	Aderência do tema ao PPEGC	20
1.5	DELIMITAÇÃO DO TRABALHO	23
1.6	ESTRUTURA DO TRABALHO	23
2	REVISÃO DA LITERATURA.....	25
2.1	INOVAÇÃO SOCIAL.....	25
2.1.1	Definição	25
2.1.2	Características da Inovação Social.....	29
2.1.3	Atores da Inovação Social.....	32
2.1.4	Processos da Inovação Social.....	35
2.2	REGENERAÇÃO URBANA.....	38
2.2.1	Contexto e Conceito	38
2.2.2	Características da Regeneração Urbana	43
2.2.3	Processos da Regeneração Urbana.....	46
2.3	REGENERAÇÃO URBANA E INOVAÇÃO SOCIAL	48
2.3.1	Relevância da Inovação Social na Regeneração Urbana	48
2.3.2	Apresentação dos trabalhos selecionados.....	50
2.3.3	Síntese dos artigos selecionados.....	52
2.3.4	Características da Inovação Social em Regenerações Urbanas	54
2.3.5	Atores nos projetos de Regeneração Urbana	58

3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	61
3.1	DELINEAMENTO DA PESQUISA	61
3.2	ETAPAS DO ESTUDO DE CASO.....	63
3.2.1	Escolha da unidade de análise	63
3.2.2	Método de investigação	64
3.2.3	Instrumento da coleta de dados	64
3.2.4	Entrevistados.....	65
3.2.5	Coleta de dados	66
3.2.6	Tratamento dos dados	66
4	RESULTADOS	69
4.1	CASE DISTRITO CRIATIVO – PORTO ALEGRE.....	69
4.1.1	O nascimento do Distrito C – Porto Alegre.....	69
4.1.2	O que é o “Distrito C – Porto Alegre”?	70
4.1.3	Iniciativas desenvolvidas pelo Distrito C	73
4.2	TEMAS DA REVISÃO DA LITERATURA.....	80
4.2.1	Temas da revisão da literatura identificados no estudo de caso	81
<i>4.2.1.1</i>	<i>Rede</i>	<i>81</i>
<i>4.2.1.2</i>	<i>Relações Sociais</i>	<i>82</i>
<i>4.2.1.3</i>	<i>Colaboração</i>	<i>84</i>
<i>4.2.1.4</i>	<i>Satisfação das necessidades humanas.....</i>	<i>85</i>
<i>4.2.1.5</i>	<i>Melhoria na qualidade de vida.....</i>	<i>86</i>
<i>4.2.1.6</i>	<i>Empoderamento.....</i>	<i>89</i>
<i>4.2.1.7</i>	<i>Sustentabilidade.....</i>	<i>90</i>
<i>4.2.1.8</i>	<i>Escalabilidade</i>	<i>90</i>
4.2.2	Temas emergentes.....	91
<i>4.2.2.1</i>	<i>Gestão – Identificado no campo</i>	<i>91</i>
<i>4.2.2.2</i>	<i>Coesão Social – Identificado na literatura.....</i>	<i>92</i>
5	ANÁLISE E DISCUSSÕES	93

5.1	ANÁLISE DOS DADOS	93
5.1.1	Características da Inovação Social na Regeneração Urbana encontradas na literatura e identificadas no estudo de caso.....	95
5.1.1.1	<i>Redes.....</i>	95
5.1.1.2	<i>Relações Sociais</i>	96
5.1.1.3	<i>Colaboração.....</i>	98
5.1.1.4	<i>Satisfação das necessidades humanas.....</i>	98
5.1.1.5	<i>Melhorias na qualidade de vida</i>	99
5.1.1.6	<i>Empoderamento.....</i>	100
5.1.1.7	<i>Sustentabilidade.....</i>	101
5.1.1.8	<i>Escalabilidade</i>	102
5.1.2	Desafios e Facilitadores do Distrito C	102
5.2	DISCUSSÃO	104
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS E TRABALHOS FUTUROS.....	108
6.1	CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
6.2	RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS.....	111
	REFERÊNCIAS.....	112
	APÊNDICE A – Revisão Sistemática Integrativa sobre Regeneração Urbana e Inovação Social.....	122
	APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecimento.....	125
	APÊNDICE C – Roteiro da entrevista.....	126

1 INTRODUÇÃO

No presente capítulo apresentam-se as informações iniciais da pesquisa, o que permite melhor compreensão da mesma. A seção compreende a contextualização e problematização, o objetivo geral e os objetivos específicos, além da justificativa e delimitação do estudo, bem como a aderência ao Programa de Pós-Graduação de Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGEGC/UFSC) e por fim, a estrutura do trabalho.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO

A projeção de que, entre 2014 e 2050, a população urbana passe de 54% para 66% da população mundial parece cada vez mais dar razão para debates a respeito de questões urbanas (UNITED NATIONS, 2015). A Agenda de Desenvolvimento Pós-2015 afirmou que a batalha pelo desenvolvimento sustentável será vencida ou perdida nas cidades, a depender das ações futuras da humanidade. Essa percepção subsidiou discussões a respeito da importância e destinação das cidades, bem como a forma de utilização dos seus espaços públicos (SILVA, 2018).

O termo desenvolvimento sustentável já é discutido há décadas e vêm ganhando cada vez mais atenção e compreensão sobre seus princípios fundamentais, tendo em vista o agravamento dos impactos causados pelo aceleramento industrial, econômico e tecnológico vivenciado nos últimos anos. Durante esse período, diversas ações e movimentos sociais voltaram suas atenções para os desafios desse aceleramento, bem como da globalização e a necessidade da promoção de uma nova forma de trabalho/produção capaz de suprimir as necessidades das cidades na atualidade, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações (HUNSON, 2015).

Nessa perspectiva, busca-se um novo modelo global de desenvolvimento, sendo atribuído ao mesmo, o adjetivo sustentável. Neste novo contexto, leva-se em consideração as esferas ambientais e sociais, além do viés econômico, tendo, o que se reconhece como, desenvolvimento sustentável (DS) (CORREIA *et al.*, 2018).

A respeito da projeção sobre aumento da população urbana, pode ser observado desde a Revolução Industrial, onde devido ao forte crescimento econômico, a população passou a ter acesso mais a bens industrializados e melhores condições de vida. Neste sentido, ocorreu um

grande deslocamento dos moradores das áreas rurais para os centros urbanos, provocando um crescimento demográfico desigual (VOSGUERITCHIAN, 2015).

Este processo vem sendo ocasionado principalmente por parte da população da zona rural, que saem do campo em busca de melhores condições de vida nas cidades, atraídos pela promessa de lucro financeiro que as mesmas exercem (CASAGRANDE; SOUZA, 2012).

Observa-se, entretanto, que esse processo gera vários problemas sociais, com destaque para o desemprego e o subemprego (MATTAR, 2003) que fomentam as desigualdades sociais. Outro fator negativo a citar é o inchaço das grandes cidades, que na ausência de um planejamento urbano é acometida pelo superpovoamento de bairros menos favorecidos, moradias em locais sem estrutura (PEREIRA; LOPES, 2013).

A entrada demasiada da população em áreas urbanas gera o acesso desigual à infraestrutura básica e cria espaços heterogêneos no tecido urbano. Esses espaços perdem seu valor, visto que diminuem a capacidade de atrair o interesse investidores para realizar seus investimentos em melhoramentos urbanos (MATTAR, 2003).

Considerando que a pobreza extrema na maioria das vezes se concentra nestes espaços urbanos, as desigualdades sociais acabam sendo mais acentuadas e a violência se torna uma consequência das discrepâncias no acesso pleno à cidade.

Assim as cidades concentram grande parte de problemas a níveis econômicos (recessão econômica e globalização), sociais (desemprego, integração social, estrutura demográfica e desigualdade) e ambientais (alterações climáticas e preservação dos recursos naturais). Fatos esses que resultam em desafios para a qualidade de vida e bem-estar social, bem como às necessidades básicas, tanto da população atual como das gerações futuras (SP, 2010b).

Revi *et al.* (2014) destacam ainda, que associado aos problemas econômicos e sociais, muitos dos riscos climáticos globais estão concentrados em áreas urbanas, e se manifestam nas mais diversas formas, desde a elevação do nível do mar, inundações, desertificação, até a escassez hídrica. Neste sentido, estes autores apontam para a necessidade de um futuro sustentável às cidades, ou as mesmas estarão fadadas a rigorosa destruição ambiental, além do acréscimo dos problemas sociais.

Assim, transformar significativamente a construção e a gestão dos espaços urbanos é um aspecto essencial para o melhor aproveitamento das cidades, bem como um fator indispensável para que se alcance um desenvolvimento sustentável (AGENDA 2030, 2018).

Frente a isso, considera-se relevantes as evidências que ressaltam a importância de se repensar os espaços urbanos na atualidade. Destaca-se que no contexto brasileiro, a população urbana é de aproximadamente 87%, e chegará a 90% em 2025 (UNITED NATIONS, 2015).

Neste sentido, destaca-se que transformar significativamente os espaços urbanos é um dos fatores essenciais para que se alcance um desenvolvimento mais sustentável das cidades (AGENDA 2030, 2018).

As iniciativas de desenvolvimento urbano buscam espaços previamente urbanizados, vantajosos e convenientes, no sentido de implantar, ou replantar, o crescimento econômico, enfatizando que “se a urbanização provoca o crescimento econômico ou crescimento econômico produz a urbanização, é indiscutível que os mesmos caminham juntos” (UN-HABITAT, 2010, p. 43).

Com isso em vista, faz-se necessário pensar em alternativas possíveis para promover, perpassar e alcançar uma transformação urbana de maneira positiva para a comunidade. Neste cenário, a Regeneração Urbana (RU) torna-se um importante viabilizador para alcance de tais desdobramentos e possibilita a diminuição dos problemas sociais, ambientais e econômicos, indo ao encontro a uma cidade mais sustentável. A RU consiste numa visão abrangente e integrada, que vislumbra a resolução de problemas urbanos e que procura gerar mudanças duradouras ao nível da condição econômica, física, social, ambiental (ROBERTS, 2000) e governamental, de áreas que estejam sujeitas a transformações/alterações (COUCH; SYKES; BORSTINGHAUS, 2011).

Assim, destaca-se que a regeneração de áreas urbanas pós-industriais, tais como aquelas expostas aos processos de desindustrialização (MARTINEZ-FERNANDEZ *et al.*, 2012), é um tema-chave da política urbana. Tal como recomendada, a utilização de RU para atendimento de transformações urbanas, visa um crescimento inclusivo e pode ser um pilar de qualquer estratégia e plano de desenvolvimento urbano. A Inovação Social (IS), também é um tema que promove o desenvolvimento inclusivo, pois incide sobre o progresso social em vez do progresso em si, tornando-se uma ferramenta relevante a favor de uma visão imbuída de tal mudança (TRILLO, 2019).

A IS é apontada como uma nova maneira de alcançar alternativas viáveis para o futuro da humanidade (MURRAY *et al.*, 2010; CAJAIBA-SANTANA, 2014; PAUNESCU, 2014; PHILLIPS *et al.*, 2015; UNCETA *et al.*, 2016), sendo assim, alternativa para o desenvolvimento sustentável, em especial por suas características de trabalho colaborativo, inclusão social, redes de atores e o envolvimento da própria comunidade.

Segundo Ostanel (2017), a inserção de algumas dessas características da IS em práticas de RU possibilita uma abordagem diferenciada a fim de alcançar uma mudança sócio espacial direcionada ao desenvolvimento territorial¹. Além disso, as áreas concebidas com IS podem impulsionar o desenvolvimento de uma governança multinível inovadora para RU, além de ajudar a superar a ineficiência de políticas locais isoladas, e assim promover o aprendizado institucional. A IS apresenta-se como uma solução eficaz, eficiente e sustentável para um problema social e gera maior valor que as práticas existentes, assim toda a sociedade é alcançada pelos seus benefícios (PHILLS; DEIGMEIER; MILLER, 2008).

Tillo (2019) atribui que o crescimento inclusivo deve ser um pilar em qualquer plano de desenvolvimento urbano. Este princípio está inter-relacionado com o conceito de IS, que se concentra no progresso social, e não no progresso em si. O *ethos* da IS deve enfrentar os desafios da sociedade e espalhar os benefícios para a comunidade em geral e não focar em produzir novas patentes.

Os temas da RU, da IS, da redefinição do papel do público e das administrações locais, em particular, estão ligados uns aos outros e ao grande desafio que as cidades do mundo inteiro enfrentam na atualidade: como dar respostas às necessidades de seus cidadãos com recursos cada vez mais escassos diante de desafios cada vez maiores. A ativação e o sucesso desses caminhos exigem uma combinação de condições, incluindo a adoção de questões culturais e as vocações produtivas dos territórios, o desenvolvimento de projetos compartilhados e a implementação de visões/ações esclarecidas, públicas ou privadas (DELLA SPINA; GIORNO; CASMIRO, 2019).

Contudo, a literatura lida com esses dois construtos de forma complementar. De um lado a RU que identifica limitações no quesito integração, além de uma fraca comunicação entre entidade gestora e população, dificultando a conclusão dos objetivos delineados (IGREJA, 2016) e do outro, a IS que traz os diferentes tipos de coprodução do ambiente urbano. (ARDIL; OLIVEIRA, 2018). Assim, entende-se que faz sentido, para esta pesquisadora, compreender como esses dois fenômenos podem se complementar, em questões emergentes das cidades, de modo a fomentar um desenvolvimento mais igualitário e sustentável.

¹ O desenvolvimento territorial é entendido como o processo através do qual a geografia dos territórios habitados pelas sociedades humanas é progressivamente transformada. Envolve componentes físicas (infraestruturas, paisagens rurais e urbanas, etc.), mas também a estrutura territorial ou o padrão de povoamento, isto é, a distribuição geográfica da população e das atividades humanas, em particular a dimensão das cidades e as relações que se estabelecem entre elas (CONSELHO DA EUROPA, 2011).

Neste sentido, esse trabalho se norteará a partir da seguinte questão de pesquisa: Como as características da Inovação Social podem contribuir para Regeneração Urbana?

1.2 OBJETIVOS

Nas seções abaixo estão descritos o objetivo geral e os objetivos específicos desta dissertação.

1.2.1 Objetivo Geral

Propor um modelo conceitual de Regeneração Urbana à luz de características da Inovação Social.

1.2.2 Objetivos Específicos

1. Identificar as características da Inovação Social;
2. Analisar, com base na literatura, como os construtos Inovação Social e Regeneração Urbana estão associados;
3. Analisar características da Inovação Social em Regeneração Urbana no estudo de caso.

1.3 JUSTIFICATIVA

Tal como apresentado na sessão anterior, entende-se que as cidades representam um papel vital na concessão à população de uma qualidade de vida ao nível das suas exigências. Assim, identifica-se na RU uma oportunidade de atuar no território e dar resposta ao conjunto de desafios econômicos, sociais, ambientais, culturais e políticos que estas enfrentam, pois, a RU permite produção de efeitos positivos na população (IGREJA, 2016).

Quanto à utilização da IS como base para RU, a mesma passa a ser considerada nessa pesquisa como respostas novas para determinado contexto, direcionadas às necessidades sociais, construídas por meio de um processo adaptável e flexível com base nos conhecimentos e colaboração de diferentes atores, a fim de promover empoderamento social e soluções sustentáveis, contribuindo para o desenvolvimento da comunidade e urbano, tornando-se

aceitável considerá-la, a partir de seu conceito e aplicações, como uma forte impulsionadora para realizações de RU, podendo ajudar a superar a desconexão entre crescimento econômico e bem-estar social, sendo um fomento ao desenvolvimento sustentável (CORREIA *et al.*, 2018).

Outro ponto importante a destacar é que esta pesquisa está relacionada diretamente com o plano de ação da ONU, a Agenda 2030. Destaca-se que em 2015, aconteceu uma reunião global com líderes mundiais e nela configurou-se no que hoje temos como uma convergência de ações multilaterais: a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável. Esse plano de ação é composto por 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) que se desdobram em 169 metas associadas ao cumprimento até o ano de 2030. Entre estes grandes objetivos, o ODS 11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis – é um objetivo que visa “tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis” (UNITED NATIONS, 2015). Com isso em vista, torna-se necessário e relevante pensar em alternativas possíveis para promover, perpassar ou até mesmo alcançar cidades e comunidades sustentáveis. Logo, a RU e a IS tornam-se viabilizadores relevantes para alcance dos desdobramentos do desenvolvimento sustentável, permitindo a possível diminuição de problemas sociais, ambientais e econômicos.

A literatura atual acerca do assunto, permite constatar limitações principalmente no que se refere a aspectos processuais de RU à luz das características da IS. Logo, justifica-se o objetivo da pesquisa em questão, de modo que a mesma faça contribuições acadêmicas no que diz respeito a estudos com associação da RU e IS, além de propor um modelo conceitual de regeneração urbana à luz de características da inovação social e contribuições para a sociedade, possibilitando que gestores urbanos façam uso da pesquisa para melhor gestão do desenvolvimento territorial.

Além das contribuições acadêmicas, esta pesquisa ainda tem relevância para a sociedade, as cidades e para as organizações que estão em busca de soluções efetivas aos problemas sociais e urbanos que a cada dia se tornam maiores e mais complexos.

1.4 ADERÊNCIA DO TEMA AO PPEGC

O conhecimento é objeto central do PPEGC/UFSC em suas pesquisas, sendo caracterizado como “produto, processo e resultado de interações sociais e tecnológicas entre agentes humanos e tecnológicos” (BORDIN, 2014). A presente dissertação possui aderência ao EGC por tratar de construtos que possuem forte relação com o conhecimento.

Na RU, o conhecimento tem sua importância no desenho e implementação de políticas, no entendimento “do que funcionou” e “do que não funcionou” e no porquê, desenvolvendo a base de evidências. No entanto, o uso desse conhecimento pode ser problemático dado ao fato de conflito de interesses e posições dos atores, sendo eles, autoridades locais, profissionais (arquitetos e urbanistas), ONGs, iniciativa privada e comunidade. É, portanto, relevante destacar que os conhecimentos dos diferentes atores são ponderados e incluídos nos processos decisórios e ocupam posições para definir o que deve ser considerado como conhecimento relevante, legítimo e autoritário (SKOGHEIM; ATKINSON, 2013).

Ainda sobre RU, Queiróz (2010) afirma que os projetos de RU geram conhecimentos sobre novas práticas dentro e entre várias organizações, conhecimentos que podem ser aprendidos e transferidos.

Cabe destacar que o construto RU, até o presente momento, não foi estudado no PPGEGC/UFSC, sendo este o primeiro trabalho a discutir sobre esta temática. Quanto a inovação, neste contexto, a inovação social (IS), é consenso no meio científico que este construto, por si só, fundamenta-se na criação, desenvolvimento e difusão de conhecimento (SCHUMPETER, 1961; SVEIBY, 2001). Na IS, o conhecimento está representado também pelos múltiplos atores envolvidos em seus processos, e em especial no compartilhamento destes conhecimentos, na busca da melhor alternativa aos problemas sociais.

A interdisciplinaridade do constructo IS assim como da RU é evidente, pois esses encontram-se interligado nas mais variadas áreas do conhecimento, como empreendedorismo social, design, tecnologia, política pública, cidades e desenvolvimento urbano, movimentos sociais, economia criativa, entre outros.

A IS é tema recorrente de diversos estudos do PPGEGC, encontra-se também, estudo com temática de cidade sustentável, entretanto, não foi encontrado estudos que abordem estes dois construtos de forma conjunta e nem o construto RU de forma isolada, sendo este pesquisado pela primeira vez no PPGEGC.

No quadro 1 apresenta-se as teses e dissertações com as temáticas de IS e cidades sustentáveis, assim como uma breve descrição de cada uma destas pesquisas.

Quadro 1 - Teses e dissertações do EGC

Autor	Tema/Ano	Descrição	Tese/Dissertação
JULIANI, Douglas Paulesky.	Framework da Cultura Organizacional nas Universidades para a Inovação Social. 2015.	O objetivo deste trabalho foi desenvolver um framework conceitual para potencializar a inovação social nas	Tese

		universidades sob o enfoque da cultura organizacional.	
SANTOS DELGADO, Ana Alexandra.	Framework Para Caracterizar la Innovación Social Sobre sus Procesos. 2016.	O objetivo da tese foi identificar as características de inovação social sobre seus processos, com o objetivo de poder identificar / definir se um projeto é uma inovação social ou não.	Tese
BORGES, Michele Andréia.	Dinâmica das Parcerias Intersetoriais em Iniciativas de Inovação Social: da descrição à proposição de diretrizes.2017.	O objetivo da pesquisa foi descrever a dinâmica das parcerias intersetoriais das iniciativas de inovação social em Portugal.	Tese
PRIM, Márcia Aparecida.	Elementos constitutivos de redes de Colaboração para Inovação Social no Contexto de Incubadoras Sociais. 2017.	O objetivo da pesquisa foi identificar os elementos constitutivos das redes de colaboração para inovação social, no contexto das incubadoras sociais.	Dissertação
MASSAD, Daniela de Oliveira.	A Influência das Competências do Empreendedor Social em Projetos de Inovação Social. 2017.	O objetivo da pesquisa foi avaliar a influência das competências do empreendedor social em projetos de inovação social.	Dissertação
LIRA, Cristiane da Silva Coimbra.	A Tecnologia Digital como Ferramenta para Inovação Social, no Contexto de uma Organização para Impacto Social. 2018.	O objetivo da pesquisa foi analisar a tecnologia digital como ferramenta para inovação social, no contexto da Social Good Brasil, uma organização localizada na cidade de Florianópolis.	Dissertação
OLIVEIRA, Aline Cristina Antoneli.	Inovação Social Digital: Mapas Conceituais Baseados em uma Abordagem Integrativa. 2018.	A pesquisa objetivou identificar referenciais teóricos que possibilitem fundamentar pesquisas em ISD, buscando compreender quais são os temas trabalhados nas publicações científicas selecionadas que tratam do assunto.	Dissertação
AGUIAR, Ranieri Roberth Silva de.	Modelo Teórico de Cultura para Inovação Social nas Organizações. Tese, 2019.	Propor um modelo teórico de cultura para a inovação social nas organizações, compreendendo o caráter sistêmico da cultura organizacional e como ela pode influenciar na construção de modelos teóricos de cultura para a inovação social.	Tese
FILETI, Giovana de Souza.	Iniciativas de Ação Social de Cooperativas à Luz da Inovação Social. 2019.	Analisar de que forma as iniciativas de ação social das cooperativas agropecuárias da região da Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense – AMESC, podem fomentar a inovação social.	Dissertação
COSTA, Luciano Antônio	KM4SI: Framework para Gestão do Conhecimento em Organizações de Inovação Social. 2019	Propor um framework para que essas organizações consigam aplicar a gestão do conhecimento em suas ações,	Tese

		buscando preservar e compartilhar o conhecimento criado e usado durante o ciclo da inovação social.	
CHANG, Daniel Lage	CSBC: uma estratégia para promover cidades Sustentáveis. 2018	O objetivo deste trabalho foi propor uma estratégia para promover cidades sustentáveis baseadas no conhecimento.	Dissertação

Fonte: da autora, com base no banco de teses e dissertações do EGC.

Cabe ressaltar que no PPGEGC/UFSC existe o Núcleo de Estudos em Inteligência, Gestão e Tecnologias para Inovação (IGTI), com foco em estudos relacionados à inovação e IS, no qual essa pesquisa está inserida.

1.5 DELIMITAÇÃO DO TRABALHO

A presente dissertação tem como objetivo propor um modelo conceitual de Regeneração Urbana à luz de características da Inovação Social, tendo como estudo de caso o Distrito Criativo (DC) de Porto Alegre, projeto baseado em economia criativa e implementado na região da 4º Distrito de Porto Alegre. A pesquisa centra-se na análise das características da IS que podem contribuir para RU de áreas degradadas socioeconomicamente, ambientalmente, fisicamente ou até mesmo com dificuldades relacionadas a governança local.

A abrangência da pesquisa está delimitada DC. A escolha do projeto foi intencional, em virtude do DC ser reconhecido por ser socialmente inovador, e por propor iniciativas que envolvem dimensões sociais, econômicas, ambientais, físicas e governamentais do espaço urbano do DC.

Não faz parte do escopo dessa pesquisa, aprofundar sobre as características de IS identificadas, nem em economia criativa, área afim do estudo de caso. Também não compreende propor ferramentas ou diretrizes para melhorias dos aspectos que foram apontados com necessidade de melhoramentos no estudo de caso.

1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO

A presente dissertação é apresentada em seis capítulos, conforme descrição abaixo:

1. Introdução: primeiro capítulo que contém a contextualização e a problematização da pesquisa, o objetivo geral e os objetivos específicos, além da justificativa, delimitação do

estudo, aderência ao Programa de Pós-Graduação de Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina –PPGEGC/UFSC, e finalmente, a estrutura do trabalho.

2. Referencial teórico: nessa seção trata-se os principais conteúdos teóricos que norteiam o estudo de caso, com base na revisão sistemática integrativa da literatura. Os temas abordados neste capítulo são: IS, características de IS, atores e processos da IS, RU, características e processos da RU.

3. Procedimentos Metodológicos: neste capítulo é tratado sobre os procedimentos metodológicos adotados para pesquisa.

4. Resultados: nesta seção são apresentados os resultados encontrados no estudo de caso.

5. Análise e Discussão: neste capítulo apresenta-se a discussão das características da IS identificados na literatura com as características identificadas em campo, bem como o modelo conceitual de regeneração à luz de características da inovação social.

6. Considerações finais: nesta última seção são apresentadas as considerações finais e sugestões para trabalhos futuros.

2 REVISÃO DA LITERATURA

O capítulo tratará de pontos relevantes sobre os construtos da pesquisa em questão, sendo eles: IS e RU. Primeiramente serão apresentados isoladamente, e mais adiante, na seção 2.3, serão apresentados em conjunto.

2.1 INOVAÇÃO SOCIAL

Esta seção apresenta um panorama geral sobre a IS, sendo eles sua definição, abordados no item 2.1.1, suas características (2.1.2), suas dimensões (2.1.2), atores (2.1.3) e processos (2.1.4).

2.1.1 Definição

A partir de uma mudança de concepção da forma de como a IS havia sido tratada no século XIX (HORTA, 2013), George W. Fairweather, em 1967, em um *Book Review* intitulado *Methods for experimental Social Innovation*, propõe uma definição para esse construto denominando-o de “engenharia social”. Este é considerado um dos primeiros trabalhos científicos que tratava dos temas (BORGES, 2017). Para Fairweather (1967), a IS passou a ser entendida como um experimento social que deve gerar soluções alternativas para os problemas sociais, particularmente os que afetam aqueles que ficam à margem da sociedade.

Mesmo tendo identificado na literatura essa produção científica data de 1967, foi a partir dos anos 2000 que o tema IS tornou-se foco de discussões em todo o mundo, com maior evidência em 2006, quando ganhou espaço nas discussões públicas, na esfera das próprias comunidades (PRIM, 2016). Neste sentido, ultrapassou os limites da academia, espalhando-se por centros de inovação social, governos, setor privado e no terceiro setor. Contudo, as definições de IS ainda não são concordantes universalmente (MURRAY *et al.*, 2010; BIGNETTI, 2011), sendo definida de forma diferenciada por diversos pesquisadores (ANDERSON; CURTIS; WITTIG, 2014; BIGNETTI, 2011; CAJAIBA-SANTANA, 2014; CUNHA; BENNEWORTH, 2013). Mesmo existindo estudos que busquem conduzir à uma definição mais certa (ANGELIDOU; PSALTOGLOU, 2017), não há um consenso na literatura, sendo caracterizada ainda pela ambiguidade conceitual e por diversas definições (OEIJ *et al.*, 2019).

A IS não é apenas um conceito “escorregadio”, dado ao fato de o elemento “social” ser difícil de definir. Tratar do termo “inovação” em relação ao “social” é uma questão complicada (OEIJ *et al.*, 2019), pois exige uma visão de mundo mais aberta e princípios voltados a um trabalho amplamente complexo.

Originalmente a inovação estava vinculada a geração de lucros e ganhos econômicos em escala global de negócios (TIDD; BESSANT, 2015). Entretanto, para Bignetti (2011) paralelo a essa economia mundialmente reconhecida como capitalista, surge uma economia com foco no social, que avança de forma veloz, fazendo com que novos programas e conceitos surjam. A IS tem foco em alternativas para solução dos problemas sociais, desde a desigualdade social (fome, saúde, educação), mudanças climáticas, pobreza, doenças crônicas e outras epidemias mundiais. Assim sendo, a inovação criada exclusivamente para fins de competitividade do mercado abre espaço para um olhar com foco na mudança social (ANDRÉ; ABREU, 2006; CAJAIBA-SANTANA, 2014; PAUNESCU, 2014; PHILLIPS *et al.*, 2015; BORGES *et al.*, 2015).

Entendendo que há inúmeras definições para o termo IS, o quadro 2, apresenta algumas dessas definições extraídas da literatura científica.

Quadro 2 - Definições de Inovação Social

Autores	Definições
Moulaert <i>et al.</i> (2007)	Ferramenta para uma visão alternativa do desenvolvimento urbano , focada na satisfação de necessidades humanas (<i>empowerment</i>) através da inovação nas relações na comunidade e na governança comunitária.
Mulgan <i>et al.</i> (2007)	Novas ideias que funcionam na satisfação de objetivos sociais; atividades inovativas e serviços que são motivados pelo objetivo de satisfazer necessidades sociais e que são predominantemente desenvolvidas e difundidas através de organizações cujos propósitos primários são sociais.
Bacon <i>et al.</i> (2008)	Inovação Social referindo-se a novas ideias (produtos, serviços e modelos) desenvolvidas para atender as necessidades sociais não satisfeitas.
Phills, Deiglmeier e Miller (2008)	É uma nova solução para um problema social que é mais eficaz, sustentável ou são adaptações de soluções já existentes que revertam em valor para toda a sociedade e não somente para as empresas privadas.
Murray, Caulier-Grice e Mulgan (2010)	Novas ideias (produtos, serviços e modelos) que simultaneamente satisfazem necessidades sociais e criam novas relações ou colaborações sociais. Em outras palavras, são inovações que, ao mesmo tempo, são boas para a sociedade e aumentam a capacidade da sociedade de agir.

Bignetti (2011)	A inovação social é aqui definida como o resultado do conhecimento aplicado a necessidades sociais através da participação e da cooperação dos atores envolvidos, gerando soluções novas e duradouras para grupos sociais, comunidades ou para a sociedade em geral.
Borges <i>et al.</i> (2015)	A criação de novos conhecimentos , ou da combinação de conhecimentos existentes , por meio de um processo intencional sistemático, planejado e coordenado, derivado da colaboração e do compartilhamento de conhecimento entre diversos atores sociais, que visa de forma sustentável, a mudança social benéfica a um coletivo.
Nyseth e Hamdouch (2019)	Inovação Social é como se processa a iniciação e implementação de respostas socialmente inovadoras para as necessidades humanas e sociais .

Fonte: da autora, com base na literatura.

Para presente dissertação, optou-se por filtrar essas definições de IS de acordo com seus **objetivos**, a sua **consequência**, a sua **forma** e seus **atores**, assim como proposto por Horta (2013) em sua tese, de modo a integrar essas visões, gerando uma definição unificada e amplificada da IS, atendendo sua complexidade.

As definições aqui apresentadas apontam os seguintes **objetivos** para uma IS:

(a) atender às necessidades sociais, principalmente focando na satisfação de necessidades humanas (MOULAERT *et al.*, 2007):

(b) satisfazer necessidades sociais (MULGAN *et al.*, 2007; BACON *et al.*, 2008)

(c) reverter em valor para toda a sociedade e não somente para as empresas privadas (PHILLS; DEIGLMEIER; MILLER, 2008);

(d) satisfazer as necessidades sociais, de forma a serem sustentáveis e gerem uma mudança e criar relações ou colaborações sociais (MURRAY; CAULIER-GRICE; MULGAN, 2010; BIGNETTI, 2011);

(e) gerar de forma sustentável uma mudança social benéfica a um coletivo (BORGES *et al.*, 2015); e

(f) respostas para necessidades humanas e sociais (NYSETH; HAMDOUCH, 2019).

Apesar de não haver uma definição totalmente aceita na comunidade científica, e cada autor aqui exposto, apresentar uma particularidade em seu pensamento, nota-se a existência de um ponto em comum, que a IS visa ao atendimento das necessidades sociais.

Para entender a **consequência** da IS é necessário que antes se entenda que as necessidades humanas pertencem ao conhecimento intrínseco, sendo vivenciadas ou

presenciadas no dia a dia, no entanto, a forma de satisfazê-las é uma dinâmica em aberto (DOYAL; GOUGH, 1991). As necessidades podem ser divididas em básicas e intermediárias. As básicas compostas por saúde física e autonomia (DOYAL; GOUGH, 1991) e as intermediárias envolvem habitação adequada, ambiente de trabalho desprovido de risco, educação apropriada; ambiente físico saudável; proteção à infância; boas relações primárias; alimentação nutritiva e água potável; segurança física; segurança econômica (PEREIRA, 2002; CLOUTIER, 2003).

Horta (2013) ressalta que não basta sanar as necessidades, sendo elas básicas ou intermediárias, apenas por um tempo, é necessário promover uma mudança sistêmica, ou seja, a IS tem como ponto central atender as necessidades sociais, mas não basta atender essas necessidades se não promover formas que proporcionem a autonomia humana e que sejam duradouras, entendido nessa dissertação como empoderamento, e sustentabilidade. Essas são as consequências da IS aqui entendida.

Quanto a **forma** da IS, nota-se pelas definições aqui apresentadas, que a mesma pode assumir qualquer configuração, uma ferramenta (MOURLAERT *et al.*, 2007), processo intencional e sistemático (BORGES *et al.*, 2015; NYSETH; HAMDOUCH, 2019), produtos, serviços e modelos (MURRAY; CAULIER-GRICE; MULGAN, 2010; BIGNETTI, 2011), solução gerada a partir de ideias novas ou reorganizar elementos existentes (PHILLS, DEIGLMEIER; MILLER, 2008) e novas ideias (MULGAN *et al.*, 2007). Esses conceitos mostram que uma IS não se limita a uma única forma, visto que deve ser adequada conforme a necessidade a ser atendida.

Em relação aos **atores**, os conceitos do quadro 2 apontam que as IS são desenvolvidas e difundidas a partir de organizações onde os propósitos sociais sejam preferenciais (MULGAN *et al.*, 2007), são inovações no relacionamento da comunidade e na governança comunitária (MOURLAERT *et al.*, 2007), envolvem diversos atores sociais (BORGES *et al.*, 2015; BIGNETTI, 2011). Nota-se que a comunidade assume um papel protagonista no processo. Nesse sentido, entende-se a importância de diferentes atores na IS. O quadro 3 apresenta um resumo da definição amplificada que está sendo adotada nessa dissertação.

Embora a maioria da literatura trabalhe a IS como resultado, é necessário um olhar para o processo adaptável ou flexível, para que haja maior efetividade nos resultados, e facilite a escalabilidade das inovações sociais.

Quadro 3 - Resumo dos conceitos com base nos filtros

Filtro	Premissas
Objetivo	Atendimento das necessidades sociais
Consequência	Gerar empoderamento e sustentabilidade
Forma	Se adapta conforme a necessidade
Atores	Deve ter diferentes atores envolvidos

Fonte: da autora.

A partir das definições do quadro 1 e dos filtros levantados, a presente dissertação propõe o seguinte conceito para a IS:

Respostas novas para determinado contexto, direcionadas às necessidades sociais, construídas por meio de um processo adaptável e flexível com base nos conhecimentos e colaboração de diferentes atores, a fim de promover empoderamento social e soluções sustentáveis, contribuindo para o desenvolvimento da comunidade e urbano (A AUTORA).

Na definição aqui adotada, a forma que a IS pode assumir é amplificada, podendo ser um serviço, uma ferramenta, um produto, um projeto, uma ideia, um programa, uma ação, uma intervenção, ou desempenhar qualquer outro tipo de atuação, desde que emerja de um problema social e seja desenvolvida pelas pessoas e direcionada às pessoas.

Nesse sentido, considera-se que esse conceito por ser derivado de variadas áreas de conhecimento que integra as visões de diferentes perspectivas e procura atender os ensejos de todos os atores envolvidos em uma IS.

Com isso em mente, a próxima seção tratará das características que permeiam sobre a IS, a fim de clarificar elementos que contribuem para construção de respostas com base em inovações sociais.

2.1.2 Características da Inovação Social

Embora não haja consenso a respeito da definição de IS, como apresentado na seção 2.1.1, alguns pesquisadores têm buscado esclarecer as características que são predominantes ou essenciais as mesmas (SANTOS DELGADO, 2016; BORGES, 2017).

Algumas dessas características estão intimamente inter-relacionadas e permitem abertura, colaboração, base e criação de novos papéis. Por outro lado, as IS podem ter somente algumas das características ou muitas delas. A literatura mostra que essas características não são claramente definitivas e estão em estudo e construção (CAULIER-GRICE, 2012; PRIM; ZANDAVALLI; DANDOLINI, 2019).

Santos Delgado (2016) elencou e estruturou as características essenciais que devem estar presentes no processo de uma IS. Essas características foram levantadas a partir da proposta de quatro autores (MORALES; GUTIÉRRE, 2009; THE YOUNG FOUNDATION, 2009; COSTA, 2013; DNP, 2013; VILLA, 2014). Algumas das características elencadas pela autora também sucedem nas definições apresentadas, por exemplo: apresentar soluções às necessidades humanas, ser uma ideia nova ou reorganizada em um determinado contexto, promover mudança social e ser sustentável. Observa-se alguns destes elementos, nos conceitos apresentados no quadro 2,

De acordo com Santos Delgado (2016) as características listadas contribuem para definir e conceber projetos de IS. O quadro 4 apresenta essas características.

Quadro 4 - Características da Inovação Social

Características	Descrição
Original	Novo para um contexto determinado (local, regional, nacional ou global).
Intangível	Ideia nova, projeto, o conhecimento, movendo-se de relações sociais
Imitável, transferível, reproduzível	Transferível, reproduzível em outra comunidade
Resolver problemas sociais	Soluções para os problemas reais das pessoas
Justa e equitativa	Que promova uma distribuição baseada na justiça social
Melhoria da qualidade de vida	Vida com melhores instalações e melhores opções
Incerteza	Reações diversas frente às mudanças
Onipresença	Pode acontecer em qualquer lugar
Sustentável	Dura mais tempo e respeita o meio ambiente
Potencial para políticas públicas	Ser incorporada nas políticas públicas
Eficiente	Que seja realizado sem desperdiçar recursos
Agrega valor	Atender os interesses da sociedade como um todo, e não interesses particulares.
Produz mudanças	Mudar a situação atual para melhor. Promove uma mudança social benéfica a um coletivo
Transversalidade	Independente da área de atuação
Eficaz	Alcance dos objetivos planejados

Fonte: Santos Delgado (2016).

Assim como Santos Delgado (2016) fez uma relação das características da IS, as autoras Prim, Zandavalli e Dandolini (2019) também fizeram contribuição nesse sentido. Sete estudos foram analisados nas perspectivas de elementos que constituem à dinâmica da IS. O quadro 5 descreve as características consideradas relevantes para dinâmica da IS elencadas no estudo das autoras supracitadas.

Quadro 5 - Características da Inovação Social

Características	Descrição
Rede de atores	Diversidade de atores que se conectam em forma de rede com um propósito comum.
Governança colaborativa	Participação dos envolvidos no processo de tomada de decisão.
Sustentabilidade	Social, econômica e ambiental.
Processos inovadores e colaborativos	As decisões e os processos, parcerias duradouras.
Visão sistêmica	Ter um olhar para o processo como um todo.
Caráter inovador para o contexto	Ser algo novo para uma comunidade específica.
Caráter transformador, resolução de problemas sociais e ruptura a práticas existentes	Foco na melhoria na qualidade de vida.

Fonte: adaptado de Prim, Zandavalli e Dandolini (2019).

Os quadros 4 e 5 permitem visualizar que as características da IS estão muito mais voltadas para o contexto nas quais estão inseridas e para os resultados que elas proporcionam. Entretanto, características relacionadas ao processo da inovação precisam ser mais trabalhadas e levadas em consideração. Essa ocorrência fortalece o conceito proposto nessa dissertação, pois o mesmo visa que os resultados sejam construídos por meio de um processo adaptável e flexível. O quadro 6 apresenta uma classificação para as características da IS, quanto ao contexto, processo e resultado.

Quadro 6 - Classificação das características de inovação social

Contexto	Processo	Resultado
Resolver problemas sociais, Incerteza, onipresença	Transversalidade, rede de atores, governança colaborativa, visão sistêmica, processos inovadores e colaborativos.	Original, intangível, Imitável, transferível, reprodutível, justa e equitativa, melhoria da qualidade de vida, sustentável, potencial para políticas públicas, eficiente, eficaz, agregar valor, produzir mudanças, caráter inovador para o contexto, caráter transformador, resolução de problemas sociais e ruptura a práticas existentes.

Fonte: da autora.

Outro ponto relevante observar são as aparições de características em comum com os conceitos de IS apresentados no tópico anterior. O quadro 7 apresenta as características em comum que se fazem presentes tanto nos conceitos apresentados quanto nos quadros 4 e 5.

Quadro 7 - Encontro das características de IS

Características	Descrição
Satisfazer necessidades humanas	Atender problemas sociais.
Colaboração	Participação de todos os envolvidos.
Diversidade de atores	Envolvimento de todos os beneficiários.

Sustentável	Criar relações entre os atores envolvidos.
Gerar valor, empoderamento, mudança social	Gerar empoderamento na comunidade a fim de gerar valor e mudança social.
Nova solução ou adaptação de soluções existentes	Nova solução de produtos, serviços ou modelos, ou adaptação dos existentes.
Escalabilidade	Implementação em outros locais e outros contextos
Compartilhamento de conhecimento	Compartilhamento do conhecimento entre os envolvidos.

Fonte: da autora.

As características levantadas exibem o alcance e interdisciplinaridade que o termo possui. Várias das características de IS aqui retratadas são comuns entre os vários autores e permite identificar aspectos importantes que uma IS deve ter, sendo todos aqui apresentados e aceitos para análises futuras da dissertação.

O tema IS se expande e devido a essa pluralidade é correlacionado à diversos outros conceitos. Assim, diversos estudos apresentam a IS como sinônimo de uma "nova economia social", sendo: de empreendedorismo social, negócios sociais, empresas sociais, negócios de impacto, organizações sem fins lucrativos, economia solidária, economia colaborativa, economia circular, economia do bem comum, responsabilidade social corporativa e eco-inovação e economia criativa (ÁVILA; CAMPOS, 2018).

A economia criativa, onde o estudo de caso é realizado, trata-se de um conjunto de atividades baseadas no conhecimento, criatividade e inovação, que amplificam novas possibilidades de desenvolvimento econômico local. A economia criativa torna-se um setor estratégico que induz ao desenvolvimento e fortalecimento de vocações locais, pois tem potencial de influenciar o crescimento econômico, social e cultural de cidades (CAIADO, 2011; FIRJAN, 2008; MEDEIROS; GRAND; FIGUEIREDO, 2011). Logo, a economia criativa torna o DC possível e interessante para análise, não dispondo de obrigatoriedade da investigação sob a perspectiva da economia criativa.

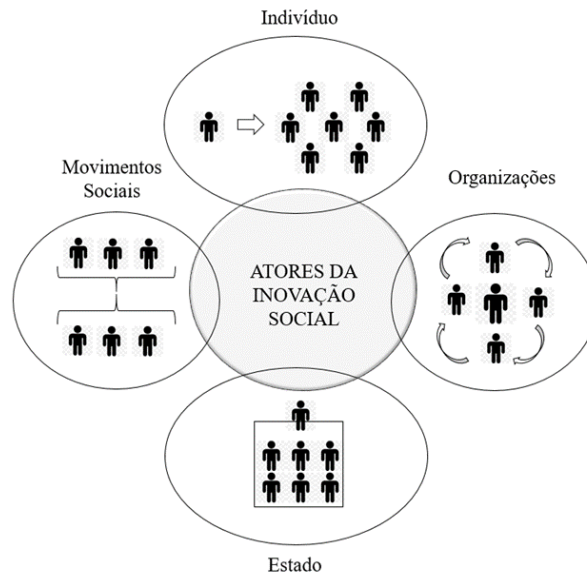
Com o conteúdo apresentado, fica entendido que a IS é realizada de maneira interdisciplinar e por vários atores, contanto com uma pluralidade. Assim, para melhor compreensão dessa pesquisa, a seção seguinte tratará especificamente dos atores envolvidos, para melhor compreensão das análises apresentadas ao final da pesquisa.

2.1.3 Atores da Inovação Social

São quatro os atores responsáveis pelo desenvolvimento da IS, sendo eles: 1) indivíduo; 2) organizações (empresas, associações, universidades, centros de inovação social),

3) Estado (governo) e 4) os movimentos sociais, através da articulação de grupos de indivíduos e/ou organizações (ANDRÉ; ABREU, 2006; GOLDENBERG *et al.*, 2009; MURRAY; CAULIER-GRICE; MULGAN, 2010). A figura 1 demonstra os atores da inovação social.

Figura 1 - Atores da Inovação Social



Fonte: Juliane (2015).

Indivíduos: quando os indivíduos atuam como agentes da mudança social e atuam como protagonista de uma IS, desenvolvendo soluções inovadoras para os problemas da sociedade (MULGAN, 2006; JULIANI, 2015). Esses indivíduos são denominados empreendedores sociais (ASHOKA, 2010). O empreendedor social é um tipo de pessoa que reconhece um problema social e usa princípios empreendedores para promover a mudança social (CAHIL, 2010).

Organizações: as organizações desempenham um papel fundamental na disseminação de IS (o termo "organizações" é designado aqui para atender a todos os setores públicos, privados, do terceiro setor e universidades). Murray, Caulier-Grice e Mulgan (2010) afirmam que a ausência de instituições dedicadas à IS torna a propagação de ideias uma questão de sorte. IS na esfera organizacional podem ocorrer de forma interna ou externa às organizações. A IS realizada no ambiente interno de uma organização está vinculada a forma de divisão de trabalho entre os colaboradores, mudança na estrutura de poder, mudança na qualidade de vida do trabalhador, valorização do ser humano e autonomia (CLOUTIER, 2003). Já quando as mudanças são direcionadas ao ambiente externo, ultrapassam as fronteiras da organização e estão vinculadas ao atendimento das necessidades da comunidade (BIGNETTI, 2011). Neste

sentido, a perspectiva da organização como ator da IS representa instituições privadas e/ou públicas, terceiro setor, que sejam firmadas em diversos setores da economia ou até mesmo o resultado de diversos arranjos corporativos formais (PRIM, 2016).

Movimentos sociais: movimentos sociais são redes informais, baseadas em crenças e solidariedade compartilhadas, que se mobilizam em questões conflitantes, através do uso frequente de várias formas de protesto (DELLA PORTA; DIANI, 1999). Por outro lado, Bignetti (2011) afirma que a literatura sobre movimentos sociais mostra que esses movimentos frequentemente ultrapassam as redes informais e se estendem às relações formais e consolidadas. Marteleto (2001) resume dizendo que movimento social é um termo utilizado para representar ação coletiva da sociedade com um determinado objetivo comum. Caillouette *et al.* (2009) e Vos e Wagenaar (2014) afirmam que as parcerias formadas através dos movimentos sociais constituem não apenas um processo de luta por direitos semelhantes, mas também a confiança, a colaboração e um aprendizado na base da reciprocidade, criando uma identidade territorial. Assim, as IS derivadas dos movimentos sociais, são consideradas mudanças profundas que refletem na sociedade (BIGNETTI, 2011; VOS; WAGENAAR, 2014).

Governo: o governo é responsável pela criação de leis e políticas públicas que atendam as demandas da sociedade (ANDRÉ; ABREU, 2006; GOLDENBERG *et al.*, 2009; MURRAY; CAULIER-GRICE; MULGAN, 2010). Segundo Murray, Caulier-Grice, Mulgan (2010), no passado, os governos foram pioneiros das IS. Para Goldelberg *et al.* (2009), o governo pode desempenhar um papel importante no florescimento das IS, adotando medidas apropriadas na criação de marcos legais e regulamentares e no investimento de apoio financeiro. Nesse sentido, o governo pode tomar iniciativas que incentivem soluções inovadoras para resolver questões sociais ou facilitar as relações intersetoriais.

Esses são os atores ou agentes fundamentais para que as inovações sociais se desenvolvam no ambiente onde elas são necessárias (SANTOS DELGAGO, 2016). Nesse sentido, a atuação do indivíduo, dos movimentos sociais, do governo e das organizações tornaram-se relevante para o processo da IS (HORTA, 2013), entretanto podem ser modificados conforme o contexto envolvido. Ter a descrição desses atores não implica dizer que sempre estarão todos envolvidos no mesmo projeto.

Por fim, cabe salientar que os recursos financeiros, infraestrutura, acesso à rede, network, alianças estratégicas, laços informais (voluntariado) e até recursos organizacionais e

de assessoria empresarial são alcançados a partir das parcerias firmadas entre esses atores, que se mobilizam a fim de contribuir para IS (UNCETA; CASTRO-SPILA, 2016).

Entendido como funcionam os papéis dos atores na IS, a próxima seção visa esclarecer, de maneira geral, sobre os seus processos, a fim de oferecer um melhor *background* da literatura para que se possibilite compreensão da proposta desta dissertação.

2.1.4 Processos da Inovação Social

Um dos primeiros a delinear o processo de IS foi Geoff Mulgan (CUNHA; BENNEWORTH, 2013), divulgado em seu artigo *The Process of Social Innovation*, no ano de 2006. Mais tarde, Geoff Mulgan em conjunto com outros pesquisadores desenvolveram uma série de estudos de modo a consolidar os estágios deste processo (BORGES, 2015).

Figura 2 - Macroprocesso de Inovação Social

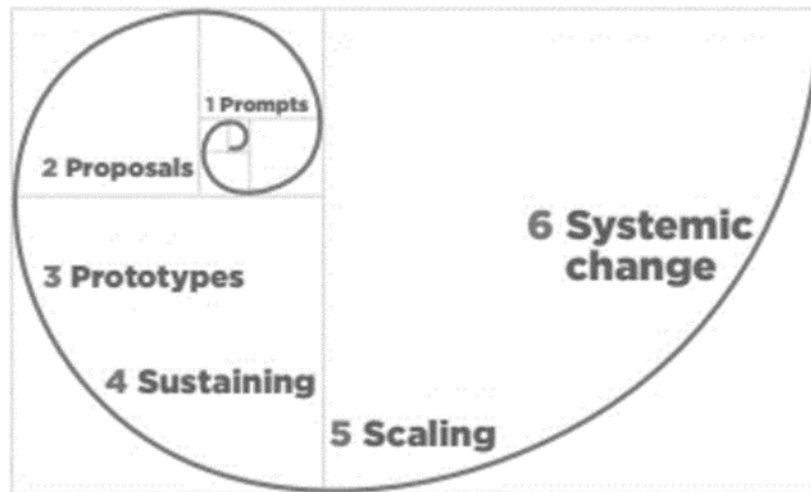


Fonte: Juliani (2015), com base em Mulgan *et al.* (2007).

De acordo com Mulgan *et al.* (2007) os processos de IS perpassam por: identificação de necessidades e desafios, testar na prática uma ideia promissora até que a mesma se mostre apta a ser desenvolvida na prática, alimentar, ampliar, replicar adaptar a ideia a outras realidades e por fim aprendizado e adaptação. A figura 2 mostra esse macroprocesso.

Para Murray, Caulier-Grice e Mulgan (2010) os estágios do processo de IS não são necessariamente sequenciais. Mesmo porque, algumas IS pulam determinadas etapas do processo e atingem os estágios “finais” de amadurecimento e escalonamento. Além disso, pode haver *loops* de *feedback* entre os estágios. A figura 03 demonstra o processo proposto pelos autores.

Figura 3 - Processo de Inovação Social



Fonte: Murray, Caulier-Grice e Mulgan (2010, p. 11)

O estágio denominado *Prompts* refere-se à identificação das necessidades e desafios. Este estágio incluem os fatores que destacam a necessidade da inovação, como as crises, cortes de gastos públicos, mau desempenho. Esta fase envolve ainda o diagnóstico do problema de modo a considerar as suas causas não somente os seus sintomas. O segundo estágio é a geração de ideias (*proposals*) de modo a propor soluções criativas e inovadoras para lidar com as necessidades e desafios diagnosticados. O terceiro estágio se refere ao desenvolvimento e prototipagem (*prototypes*) da ideia gerada. Nesta fase as ideias são testadas na prática.

O quarto estágio é a sustentabilidade da ideia (*sustaining*). É quando a ideia se torna uma prática cotidiana. Nesta fase é especialmente importante a criação de estratégias e modelos de negócio que suportem a sustentabilidade financeira da iniciativa social em longo prazo. O quinto estágio se refere ao escalonamento e difusão da ideia (*scaling*), isto é, a fase que se utiliza uma série de estratégias para disseminar a inovação. O sexto estágio são as mudanças sistêmicas (*systemic change*) a qual envolve a interação de múltiplos elementos transformadores e de longo prazo, como por exemplo: movimentos sociais, novos modelos de negócio, leis e regulamentos, novos paradigmas na forma de pensar e agir. “Mudança sistêmica geralmente envolve novas estruturas ou arquiteturas compostas de muitas inovações menores” (MURRAY; CAULIERGRICE; MULGAN, 2010, p. 13).

De maneira mais resumida, Neumeier (2012) define três etapas pelas quais as IS podem passar: problematização; manifestação de interesse; e delineamento e coordenação. A figura 4 ilustra essas etapas.

Figura 4 - Processo de Inovação Social proposto por Neumeier(2012)



Fonte: da autora, com base em Neumeier (2012).

A problematização surge a partir de um impulso inicial, que pode ser uma ideia ou a identificação de um problema, para implementar uma mudança de comportamentos e atitudes; a manifestação de interesse diz respeito ao contato estabelecido entre outros atores, que também desejam promover e fazer parte da mudança, e os atores iniciais; e a etapa de delineação e coordenação é caracterizada pela negociação entre os atores, em torno dos novos comportamento e atitudes que serão assumidos, a partir de um processo de aprendizagem coletiva.

Para Neumeier (2012), essa nova ação toma forma e se solidifica, podendo desenvolver-se em uma direção diferente da inicialmente prevista. Assim, a rede de atores constituída não é fixa ou estável, pois se encontra em constante estado de fluxo à medida que novos atores se inscrevem, outros podem deixá-la e o papéis atribuídos aos atores envolvidos podem mudar ao longo do tempo.

Contrária à ideia de tentativa de consolidação dos estágios da IS de Mulgan *et al.* (2007), mencionado no primeiro parágrafo, Santos Delgado (2016) coloca que dado ao fato da IS envolver uma abordagem ampla de organizações e atividades, o processo de IS irá variar conforme sua atuação. Se a inovação em questão se desenvolve principalmente por organizações sem fins lucrativos, isso ocorrerá de uma maneira, se a IS se desenvolver por empresa, ou por governo, será outro processo (SANTOS DELGADO, 2016). A IS é dinamizada por um processo, contudo este é complexo e interativo, o que torna difícil distinguir seu progresso em estágios (VAN DE VEN; HARGRAVE, 2004).

Devido ao fato de o processo de IS ser uma construção coletiva, requer atenção às diferentes variáveis envolvidas, como o pensamento de indivíduos/grupos, seus valores, seus comportamentos, sua relação com o sistema social, etc. Todas essas variáveis devem estar na luz das observações e não direcionar o foco somente ao resultado final (CAJAIBA-SANTANA, 2013). Dada afirmação reforça a complexidade do processo.

Para tanto, compreender as relações entre as etapas do processo de IS e como essas etapas se desenvolvem mediante as particularidades das entidades promotoras da inovação e das particularidades da inovação em si, se faz relevante para presente dissertação, mesmo entendendo que o processo pode variar de acordo a forma da IS e até mesmo “pular” algumas etapas de algum processo proposto. Entretanto, destaca-se que essas etapas representam um caminho e uma possibilidade da iniciativa socialmente inovadora ser escalável.

Tendo a princípio discorrido sobre o conceito, características, atores e processo de IS, nas seções seguintes, será retratado a respeito do segundo construto basilar para esta dissertação, a RU, a fim de elucidar o construto para compreensão e resposta ao objetivo proposto.

2.2 REGENERAÇÃO URBANA

Esta seção apresenta um panorama geral sobre a RU, sendo apresentados os temas: contexto e conceito, abordados no item 2.2.1, suas características (2.2.2), seus processos (2.2.3), de modo a contribuir para compreensão dos resultados apresentados por essa pesquisa.

2.2.1 Contexto e Conceito

As áreas urbanas são sistemas complexos e dinâmicos. Eles refletem os muitos processos que impulsionam a transição física, social, ambiental e econômica, e eles mesmos são os principais geradores de muitas dessas mudanças. As áreas urbanas sempre executaram uma ampla gama de funções que estão entre os papéis tradicionais de uma cidade ou município, como abrigo, segurança, interação social, venda e compra de bens e serviços. Nenhuma cidade ou município está imune das forças externas que ditam a necessidade de se adaptar ou das pressões internas que estão presentes nas áreas urbanas e que podem precipitar o crescimento ou o declínio (ROBERTS; SYKES, 2016).

O termo RU apareceu como uma nova fase na década de 1980, evoluindo do termo renovação urbana, a fim de amenizar as consequências negativas da desindustrialização, como o despovoamento generalizado e o abandono, tornando-se uma importante esfera de políticas públicas em muitos países do mundo. O objetivo da RU é retificar condições de vida insalubres e os múltiplos problemas de privação ocasionados pela industrialização (VICKERY, 2007; JONES; EVANS, 2008).

Contanto, é impossível discutir a RU sem olhar para políticas anteriores de renovação urbana e contextos políticos nos quais ela opera. Antes da década de 1970, a ideia dominante para as cidades em desenvolvimento era a renovação urbana, por meio de intervenções físicas ou desenvolvimento liderado por propriedades (JONES; EVANS, 2008).

As principais intervenções de renovação urbana foram: a tentativa de operar melhorias em moradias em grande escala: a demolição de áreas deterioradas e o desenvolvimento de propriedades (BALL; MAGINN, 2005). Seu objetivo era melhorar as condições de vida em um momento de crescimento econômico. No entanto, muitas iniciativas de renovação não enfatizam a comunidade e melhoria da sociedade, concentrando-se principalmente na construção de novos edifícios e substituindo os usos indesejáveis da terra com habitações de alta densidade.

Couch (1990) argumenta que a RU vai além dos objetivos, aspirações e conquistas da renovação urbana. A renovação urbana é vista como um processo de essencialidade, mudança física e desenvolvimento urbano (ou re-desenvolvimento) com sua missão geral e propósito pouco definidas, que parte da revitalização urbana (ou reabilitação) que, embora sugira a necessidade de ação, não especifica um método preciso de abordagem. Indiscutivelmente, a preocupação com a RU surgiu da deterioração das cidades associada ao declínio das indústrias tradicionais, da perda de emprego e da diminuição da população na América do Norte e Europa Ocidental (TALLON, 2013).

A partir da década de 1970, o aumento da competição econômica e a reestruturação econômica levaram a uma maior ênfase na necessidade de uma abordagem de regeneração mais holística. Com base em experiências urbanas anteriores, vários especialistas enfatizam o papel significativo da RU em lidar com uma ampla gama de problemas (SON, 2018), sendo um fenômeno amplamente experimentado, mas pouco compreendido.

Embora a maioria das cidades tenha participado de esquemas de regeneração e embora muitas empresas de desenvolvimento, instituições financeiras e organizações comunitárias tenham participado de um ou mais desses empreendimentos, não existe uma única forma prescrita de prática de RU e nenhuma fonte autorizada de informações. Isso se dá atribuído ao fato de que a RU é, por natureza, um fenômeno dinâmico, dificultando a captura de todas as características da prática do momento ou antecipar o futuro (ROBERTS; SYKES, 2016).

Para Evans e Jones (2008) a RU procura melhorar a transformação econômica, social e ambiental de áreas urbanas abandonadas, enquanto para Roberts e Sykes (2010), RU é definida como:

uma visão e ação abrangente e integrada que leva à resolução de problemas urbanos, e busca trazer uma melhoria duradoura nas condições econômicas, físicas, sociais, ambientais de uma área que está sujeita a mudanças (ROBERTS; SYKES, 2010, p.17).

Assim, a RU tenta combinar a harmonização dos domínios econômicos, sociais, físicos e ambientais dentro do processo (JONES; EVANS, 2008). Além disso, buscar o engajamento e a cooperação de múltiplas agências tornou-se o método preferido em processos de RU (ROBERTS; SYKES, 2010; CARTER; ROBERTS, 2000), pois o trabalho em parceria pode construir “interesses compartilhados, apoio recíproco e benefício mútuo com cada parceiro contribuindo de acordo com seus respectivos recursos, pontos fortes e áreas especialização” (CARTER; ROBERTS, 2000, p.49).

Em complemento a essas abordagens integrativas, Couch, Sykes e Borstinghaus (2011) acrescentam mais uma dimensão, o contexto governamental, em que se incluem as instituições e diversos atores envolvidos, condições estruturais e condições normativas. Nesse sentido, o contexto governamental compreende não só as estruturas formais do Estado (a constituição, as instituições representativas e majoritárias e os níveis de governo, o sistema jurídico e judiciário), mas também, as redes mais amplas através das quais o poder flui e é atribuído a uma determinada sociedade (instituições da sociedade civil e do setor privado), patrocinando o envolvimento comunitário, com atuações de parcerias compostas pelos setores mencionados acima (COUCH; SYKES; BORSTINGHAUS, 2011).

Deste modo, a presente pesquisa considera essa abordagem mais completa e de melhor aplicação para o projeto DC, sendo este o conceito aqui aceito:

RU é uma visão e ação abrangente e integrada que leva à resolução de problemas urbanos, e busca trazer uma melhoria duradoura nas condições econômicas, físicas, sociais, ambientais (ROBERT; SYKES, 2010) e governamentais (COUCH; SYKES; BORSTINGHAUS, 2011) de uma área que está sujeita a mudanças.

O foco da RU passou para uma preocupação mais ampla com a melhoria da qualidade de vida e a criação de oportunidades para as comunidades desfavorecidas. Esta abordagem assenta numa forte ênfase na melhoria da competitividade econômica das cidades (SON, 2018). A RU é considerada como um dos mecanismos fundamentais para a consecução de um desenvolvimento urbano sustentável. Ele contribui para a sustentabilidade por meio da reciclagem de terrenos e de edifícios, a redução de resíduos de demolição e de novos materiais

de construção, bem como reduzir a expansão urbana, assim facilita a consistência de áreas urbanas existentes (TURCU, 2012).

A RU representa, portanto, um campo de intervenção de alto nível do governo, refletindo as principais prioridades políticas, tornando-se uma chave para transformar as áreas urbanas existentes, ou seja, é uma intervenção que está baseada na área em que se inicia, financiada, apoiada ou até mesmo inspirada pelo setor público, visando produzir melhorias significativas e sustentáveis nas condições das pessoas locais, comunidades e locais afetados por privações de múltiplas naturezas (LEARY; MCCARTHY, 2013; ROBERTS; SYKES, 2016). Logo, a RU apresenta melhorias associadas ao desenvolvimento funcional em resposta aos problemas urbanos, manifestando-se, sobretudo, como tentativa de ir contra forças e fatores que se constituem como causa da degeneração urbana em determinado contexto (HALL; TEWDWR-JONES, 2010; JONES; EVANS, 2008; PACIONE, 2013).

É nesse sentido que se torna necessário entender o que é a RU e de que forma se integra no mecanismo de evolução dos complexos e dinâmicos espaços urbanos (IGREJA, 2016). Por isso, a RU passa a ser um desafio constante, já que a abordagem adotada em determinado período resulta de um complexo sistema de escolhas sociais, econômicas e políticas que variam no tempo e no espaço (ROBERTS; SYKES, 2016).

Embora as definições apresentadas não sugiram um ponto de partida operacional para facilitar a intervenção urbana, a verdade é que permite, num primeiro questionamento, o estabelecimento de critérios, que garantem aferir se determinado plano ou operação se enquadra realmente no seu domínio. A figura 5 apresenta um esquema elucidativo acerca das dimensões da RU.

Figura 5 - Dimensões da Regeneração Urbana



Fonte: da autora, com base nos conceitos apresentados.

A figura 5 apresenta de forma simplificada e clarificada as dimensões de atuação da RU (ROBERT; SYKES, 2010; COUCH; SYKES; BORSTINGHAUS, 2011). A **dimensão social** trata de questões relacionadas à melhoria do bem-estar, qualidade de vida das pessoas, estresse social, privação, habilidades e capacidades, instalações comunitárias, questões étnicas e outras minorias (ROBERT; SYKES, 2000).

A **dimensão econômica** trata de questões sobre estrutura da economia local, fluxos de renda, emprego e desemprego, produção, ligações econômicas (ROBERT; SYKES, 2000). Já em relação a **dimensão ambiental**, considera-se qualidade física urbana, uso de recursos ambientais, gestão de resíduos, poluição, características projetadas, paisagem (ROBERT; SYKES, 2000).

No que tange a **dimensão física**, diz respeito à espaços devolutos e ou zonas industriais abandonadas, considerados vazios urbanos, a fim de promover a reutilização de edificações desocupadas, bem como a melhoria das infraestruturas, dos equipamentos e dos serviços urbanos (ROBERT; SYKES, 2000).

E por fim, a **dimensão governamental** compreende as estruturas formais do Estado (a constituição, as instituições representativas e majoritárias e os níveis de governo, o sistema jurídico e judiciário), as redes mais amplas através das quais o poder flui e é atribuído a determinada sociedade (instituições da Sociedade civil e do setor privado), patrocinando o envolvimento comunitário, com atuações de parcerias compostas pelos setores mencionados acima (COUCH; SYKES; BORSTINGHAUS, 2011).

A título de exemplo, não poderão ser entendidas como RU determinadas operações ou conjunto de ações, que não estejam relacionadas entre si, ou que sejam passíveis de serem confundidas com a obrigação das instituições públicas, como garantir infraestruturas essenciais à população, ou ainda, que sejam implementadas sem levar em conta os contextos apresentados, a fim de solucionar problemas urbanos emergentes (MENDES, 2013).

Os problemas urbanos exigem que os gestores encontrem modos de intervenção para contribuir para a sua resolução ou, pelo menos, para mitigar as suas consequências. Há necessidade de planejar em todos os aspectos, sendo eles, físico, econômico, social e ambiental (MENDES, 2013), e ainda, segundo Couch, Sykes e Borstinghaus (2011), até o âmbito governamental deve ser levado em consideração.

2.2.2 Características da Regeneração Urbana

Embora a RU seja um exemplo individual e provavelmente específico de uma localidade, vários princípios gerais e modelos de boas práticas podem ser identificados (ROBERTS; SYKES, 2000). Logo, para abordar os problemas interconectados enfrentados por muitas áreas urbanas, é necessário desenvolver estruturas estratégicas à nível regional (HEALEY, 1997).

Para Oatley (1995) as características que levam a RU possuir boas práticas são levantadas a partir das seguintes perspectivas:

- a) contribuição para a regeneração econômica de uma área e viabilidade financeira da iniciativa;
- b) iniciativa como um catalisador para regeneração adicional em uma área; contribuição ao espírito comunitário e à coesão social;
- c) a contribuição feita para capacitar a população local a planejar e influenciar o desenvolvimento futuro de sua área;
- d) a sustentabilidade ambiental de um esquema ou projeto; evidências que apontam para o sucesso de um esquema no passado, no momento e no futuro;
- e) o leque de parceiros envolvidos em um esquema;
- f) a presença de uma preocupação com o desenvolvimento e gestão em longo prazo de um esquema; qualidades de imaginação, inovação, inspiração e determinação.

Para Roberts e Sykes (2000) os princípios estratégicos da RU traduzem os desafios urbanos e a forma como deve-se posicionar a abordagem de modo que seja eficiente às múltiplas exigências decorrentes da evolução das cidades. Segundo os autores, a RU deve:

- a) basear-se numa análise detalhada das condições da área de intervenção (tecido urbano, estruturas sociais, base econômica, características ambientais);
- b) procurar adaptar-se e responder às diferentes condições através da criação e desenvolvimento de uma estratégia integrada que enfrenta a resolução dos problemas de uma forma equilibrada, ordenada e positiva;
- c) assegurar que a estratégia e os programas de ação são desenvolvidos de acordo com os objetivos do desenvolvimento sustentável;
- d) estabelecer objetivos operacionais que devem ser, sempre que possível, quantificáveis;
- e) fazer uma utilização eficiente dos recursos naturais, econômicos e humanos, incluindo o território e estruturas edificadas;
- f) procurar o consenso através da melhor participação e coordenação possível entre a maioria dos *stakeholders* com interesse legítimo na regeneração da área de intervenção (através de parcerias ou outros modelos de trabalho);
- g) reconhecer a importância da monitorização do processo e da evolução das forças internas e externas que atuam na área de intervenção;
- h) aceitar que os programas de ação iniciais poderão vir a sofrer alterações e revisões à medida que a envolvente evolui;
- i) reconhecer que cada interveniente e cada ação apresentem ritmos diferentes sendo necessário uma boa gestão de forma a reencaminhar recursos para manter o equilíbrio e possibilitar a conclusão de todos os objetivos do processo.

Há uma concordância da literatura quanto à dificuldade de reconhecimento das características e das melhores práticas da RU dado ao fato que são projetos que emergem conforme a problemática local, esta, se apresentando de maneira diferente, variando com a realidade local (ROBERTS; SYKES, 2000; HEALEY, 1997).

Mendes (2013), sintetiza as principais características do processo de RU, que permitem seu planejamento, são simultaneamente teórica e metodológica e podem resumir-se em seis:

- a) abrangência: procura resolver em um mesmo projeto problemas físicos, econômicos, sociais, ambientais (MENDES, 2013) e envolver questões governamentais.

Procura de forma sistêmica definir procedimentos e medidas de intervenção que afetem de forma positiva todas as perspectivas da área urbana considerada.

b) integração: a partir da abrangência, decorre a integração. Os projetos de RU requerem que a área urbana em foco para intervenção seja considerada de forma integrada, no que tange a integração de seus vários espaços e as perspectivas de intervenção do território. A gestão dos financiamentos é também integrada, utilizando a complementaridade de fundos de diversas fontes. Garante-se também a consistência do processo através da integração entre políticas de diversos ministérios ou departamentos e entre diferentes níveis hierárquicos da administração. Integrada é também a elaboração e implementação do processo de RU, que envolve diferentes tipos de atores e agentes (CARDOSO, 2005).

c) estratégia: a estratégia faz o aproveitamento de uma determinada oportunidade para se regenerar, que surge de um problema ou desafio. A programação das ações é feita para médio e longo prazo e em função de resultados desejados e objetivos claros previamente traçados que podem ser alvo de alteração, considerados numa escala de prioridade flexível em função do contexto.

d) flexibilidade: essa característica é decorrente do caráter estratégico. As formas de intervenção definidas para alcançar os objetivos estratégicos podem sofrer readaptação durante o processo de implementação, e possíveis alterações ao contexto previsto. A flexibilidade do processo da RU está também subjacente a ideia de resiliência, ou seja, da capacidade de resistir de forma positiva a choques e mudanças e a ideia de diminuir a probabilidade de a eficácia ficar comprometida ou refém de incapacidades de adaptação a acontecimentos que facilmente podem ser acautelados.

e) parcerias: para Mendes (2013) existem quatro pontos que reforçam a parceria como uma característica relevante para RU. O primeiro deles é em relação a base formada, para que as tomadas de decisões estratégicas sejam participativas e negociadas, forçando a participação da população na definição de soluções mais indicadas para os desafios. Segundo, porque a RU envolve quase sempre grandes investimentos que dificilmente podem ser suportados por uma só entidade, seja ela pública ou privada. O projeto de RU é ambicioso nos objetivos, no conjunto dos *stakeholders*, nos investimentos que envolve e na extensão temporal que implica, o que torna praticamente inviável ser levado a cabo individualmente. Um terceiro ponto é o de que os problemas urbanos que carecem de resolução revestem-se de grande complexidade e multidimensionalidade, logo as parcerias constituem-se pela participação como forma mais eficaz de possibilidade integração e abrangência das soluções propostas. O quarto e último

ponto relaciona-se com o fato de as parcerias permitirem uma maior coordenação e complementaridade entre diferentes competências de diferentes agentes e, assim, ultrapassar as tradicionais barreiras institucionais.

f) sustentabilidade: a RU deve procurar a sustentabilidade no sentido econômico, ambiental e social, seja em suas intervenções no espaço âmbito urbano, seja no processo em si. Afirmar que o processo é sustentável e resiliente implica admitir que este deve manter-se viável sem comprometer sua eficácia (BARATA SALGUEIRO, 2011).

Tendo sido apresentado as características da RU proposto por alguns autores, a seção seguinte tratará do processo da RU, demonstrando suas etapas e suas descrições.

2.2.3 Processos da Regeneração Urbana

Para elaboração de planos de RU, é indispensável considerar estratégias, que são os meios utilizados para atingir os objetivos e assegurar a efetividade de políticas e programas urbanos, sendo estes, os veículos da realização das ações (AMADO, 2005).

Nicolau (2001) corrobora com Amado (2005) no sentido de que a estratégia é a determinação dos objetivos, no entanto, ele acrescenta dizendo que eles devem ser de longo e que as políticas e ações também devem ser definidas e adequadas para atingi-los.

É possível encontrar exemplos de planos estratégicos em diversas áreas, tornando-se um instrumento de gestores e políticos dentro do ambiente urbano. Os planos estratégicos são frequentemente utilizados em Planos Diretores Municipais, atuando como orientadores das ações do município. A elaboração de um plano estratégico para RU requer conhecimento especial e integrado, visão, criatividade e habilidades políticas (NOVOTNY *et al.*, 2010).

Segundo Moore e Spires (2000), o desenvolvimento da estratégia da RU, aqui entendida como processo, decompõe-se em quatro fases, que na prática podem não respeitar a hierarquia com que são aqui apresentadas:

- 1) identificação da escala, natureza e causas dos problemas urbanos: essa fase possui grande importância na delimitação dos objetivos estratégicos e dos alvos da intervenção. Nessa etapa, é caracterizada a área de intervenção e diagnosticado os problemas a serem levados em consideração. Também é crucial atentar-se ao funcionamento e eficiência de diferentes mercados (mercado de trabalho, mercado financeiro ou mercado imobiliário), pois podem ser identificadas dificuldades que podem usufruir das intervenções de RU, caso haja recursos à disposição.

2) revisão das políticas e programas em vigor: nesta etapa identifica-se as principais instituições, parceiros e mecanismos envolvidos no desenvolvimento de políticas de RU a fim de assegurar a continuidade dos seus objetivos estratégicos. É indispensável a identificação das políticas e programas em vigor, de modo que possam ser aproveitados, e corrigidos se necessário.

3) delinear os objetivos estratégicos: esta fase deve estar diretamente alinhada aos problemas identificados e as suas causas subjacentes. O delineamento dos objetivos estratégicos deve ser realistas, concretizáveis e adequados ao programa de RU. Nesta fase é possível especificar objetivos operacionais e ações concretas associadas a uma agenda e a efeitos contabilizáveis.

4) construção de uma matriz SWOT bem detalhada: nesta fase é desenvolvida a matriz SWOT, sendo determinante na velocidade e capacidade de adaptação da intervenção, uma vez que permite o domínio tanto dos fatores internos como externos, afetos à intervenção.

Assim como Moore e Spires (2000), Igreja (2016) propôs um processo de RU. O autor realizou uma proposição de dois estudos de casos com pesquisas encontradas na literatura, e a partir disso sugere quatro etapas:

1) objetivo da intervenção: etapa em que se faz o delineamento do objetivo da intervenção, onde deve reunir consenso da população;

2) situação de referência: análise da situação do âmbito local, englobando de um lado o enquadramento legal e estratégico em vigor e do outro o enquadramento ambiental, social, econômico, urbanístico e cultural. Permitindo englobar e sistematizar um conjunto de aspectos que possibilitarão o desenvolvimento de soluções que convergem para o desenvolvimento e equilíbrio das diferentes estruturas sociais, urbanas, econômicas e ambientais;

3) concessão: etapa cuja ações compreendem uma vertente de correlação, coordenação e gestão da intervenção e outra de tomada de decisão;

4) implementação: o próprio nome faz menção ao propósito da etapa, é onde ocorre a implementação das intervenções propostas, permitindo o cumprimento dos objetivos de RU que foram definidos, além de possibilitar seu controle e monitorização.

O processo de RU assume a necessidade de integrar os diferentes setores no processo e ao sugerir uma estrutura simples e versátil, possibilita que se processe cada etapa tendo em consideração as diferentes visões e a interligação entre as diferentes áreas de trabalho (IGREJA, 2016).

Dispondo da apresentação de processos da RU, entende-se que seus processos dependem muito do contexto aos quais estão inseridos e requerem boa identificação do problema, e flexibilidade em seu processo. Visto isso, a próxima seção trará considerações dos dois construtos relacionados.

2.3 REGENERAÇÃO URBANA E INOVAÇÃO SOCIAL

Foi apresentado nas seções 2.1 e 2.2 um *background* sobre IS e RU. O presente capítulo tratará do panorama encontrado na literatura sobre a relação das temáticas dessa pesquisa. No apêndice A é possível verificar a estratégia de busca para levantamento dos estudos.

A discussão que será trazida adiante levará em consideração IS em estudos de RU, permitindo identificar as características da IS consideradas nos projetos de RU. A análise também possibilitará reconhecer quais características da IS possuem maior influência e contribuição para RU.

2.3.1 Relevância da Inovação Social na Regeneração Urbana

O contexto urbano tem sido combinado com um crescente interesse em abordagens colaborativas para o desenvolvimento espacial e os desafios sociais trouxeram uma atenção renovada aos papéis potenciais da IS para a política e prática de desenvolvimento urbano sustentável (ARDIL; OLIVEIRA, 2018).

A RU tem-se mostrado como importante direcionador para a qualificação e para o desenvolvimento urbano sustentável das cidades. Desenvolvimento que deve abranger a população e os interesses que são determinantes para definição dos problemas e do modo como os mesmos devem ser tratados (CASTANHEIRA, 2013).

Frank Moulaert e outros estudiosos mostraram como a IS pode ser considerada um campo produtivo na RU, referindo-se ao desenvolvimento territorial concebido como um processo de RU que é intrinsecamente dependente do caminho e do contexto. A IS no tecido vivo existente em bairros, por exemplo, é tida como responsável para uma mudança sócio espacial, e supostamente visa mudar as relações sociais entre indivíduos e grupos, bem como a relação de poder no processo de planejamento (OSTANEL, 2017).

Embora haja fortes expectativas quanto à capacidade socialmente inovadora dos diversos bairros, as condições sob as práticas coesas e inclusivas que se desenvolvem dentro deles são assuntos de debate. Ostanel (2017) reforça o risco de estudos com foco em IS se distanciar das necessidades de grupos sociais frágeis dentro do tecido urbano, mesmo dentro de uma abordagem de IS. Logo, há uma necessidade de instituições que possam permitir práticas reguladas e duradouras de IS e direitos claros de cidadania garantido por um estado democrático (OSTANEL, 2017).

Prontamente, é reconhecida a capacidade das iniciativas de IS para criar mudanças concretas, ocorrendo particularmente quando os bairros são considerados dentro de contextos mais amplos de cidades e regiões, porque as forças macroeconômicas podem exacerbar os problemas da vizinhança. Assim, as áreas concebidas por iniciativas baseadas em IS podem impulsionar o desenvolvimento de uma governança inovadora para a RU, a fim de ajudar a superar a ineficácia de políticas locais isoladas e, assim, promover o aprendizado institucional (OSTANEL, 2017).

A IS se faz importante porque, na maioria das vezes, a inovação por si só não é um impulsionador do crescimento sustentável. A agenda 2030, plano de ação proposto pela ONU, defende com seu Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 11, que as cidades devem ser inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis. Ou seja, o crescimento inclusivo deve ser um pilar em qualquer plano de desenvolvimento urbano. Este princípio está inter-relacionado com o conceito de IS que se concentra no progresso social, e não no progresso em si. A chave da IS deve ser enfrentar os desafios da sociedade e espalhar os benefícios para a comunidade em geral, e não focar em produzir novas patentes (TRILLO, 2019).

Enquanto que a IS tem como característica enfrentar desafios da sociedade e espalhar benefícios para a comunidade em geral, de forma inclusiva, o desafio da Ru é combinar competitividade e inclusão social, a fim de melhorar a qualidade do ambiente natural e físico, que é um fator chave para qualidade de vida e para atração de atividades econômicas e empresariais em áreas periféricas ou marginais (PULTRONE, 2017).

Tendo sido demonstrada a relevância de considerar a RU à luz da IS, a próxima seção encarrega-se da apresentação dos trabalhos selecionados para a composição dos resultados dessa pesquisa.

2.3.2 Apresentação dos trabalhos selecionados

Na presente seção será realizada a apresentação dos documentos considerados válidos para a pesquisa, permitindo analisar as características da IS abarcados nos projetos de RU. No quadro 8 mostra-se os autores, ano, título e tipo de pesquisa dos artigos selecionados. Os pontos levantados pelas análises dos estudos selecionados são alicerces para construção dos resultados tal como para elaboração das questões das entrevistas realizadas em campo.

Quadro 8 – Estudos selecionados

Autor(es)	Título	Tipo de Pesquisa
Trillo (2019)	The rise of the co-creative class: Sustainable innovation-led urban regeneration.	Empírica/Estudo de Caso
Mahmoud; Bevilacqua, (2019)	Make public spaces great again using social innovation reflections from the context of downtown San Diego as a cultural district.	Empírica/Estudo de Caso
Ostanel (2017)	Urban regeneration and social innovation: The role of community based organisation in the railway station area in Pádua, Italy.	Empírica/Pesquisa-Ação
Khan <i>et al.</i> (2017)	Developing knowledge-based citizen participation platform to support smart city decision making: The smarticipate case study.	Tecnológica/Scrum
Pultrone (2017)	Urban regeneration as an opportunity of social innovation and creative planning in urban peripheries.	Teórica/Qualitativa
Daprà e Fabi (2017)	Territories of culture between regeneration and social innovation. An Italian experimentation.	Empírica/Estudo de Caso
Nemoto e Biazoti (2017)	Urban agriculture: How bottom-up initiatives are impacting space and policies in São Paulo.	Empírica/Estudo de Caso
Saporito (2017)	OrtiAlti as urban regeneration devices: An action-research study on rooftop farming in Turin.	Empírica/Estudo de Caso
Bagaini <i>et al.</i> (2017)	Multidisciplinary approach for a new vision of urban requalification. Multi-scale strategies of social innovation, economic improvement and environmental sustainability practices.	Empírica/Estudo de Caso
Di Prete e Mazzarello (2017)	Towards a new "urban sensitivity". The role of design as support to social innovation.	Empírica/Estudo de Caso
García; Eizaguirre e Pradel (2015)	Social innovation and creativity in cities: A socially inclusive governance approach in two peripheral spaces of Barcelona.	Teórica/Qualitativa
Radywyl e Bigg (2013)	Reclaiming the commons for urban transformation.	Teórica/Qualitativa
André e Rousselle (2010)	Estratégias sociais criativas em Barcelona. O caso do Walden-7.	Empírica/Estudo de Caso
Queirós (2010)	Integrated Urban Revitalisation in Montreal: Lessons from development initiative.s	Empírica/Estudo de Caso
André e Reis (2009)	O circo chegou à cidade! Oportunidades de inovação sócio-territorial.	Empírica/Estudo de Caso

Fonte: da autora, com base na revisão da literatura.

Do total de 15 (quinze) publicações, 10 (dez) são de artigos publicados em *journals* e 05 (cinco) artigos de conferências. Apenas 02 (dois) artigos foram publicados em uma mesma

conferência, sendo ela *Third International New Metropolitan Perspectives*, não sendo identificado, portanto, uma conferência de destaque.

Em relação aos *journals*, constata-se a mesma situação, não existindo destaque para um periódico específico, tendo em vista a pluralidade das publicações: *Journal of Urban Regeneration & Renewal*; *TECHNE - Journal of Technology for Architecture and Environment*; *Future of Food: Journal on Food, Agriculture and Society*; *The Design Journal*; *EURE (Santiago)*; *Journal of Cleaner Production*; *Finisterra-Revista Portuguesa de Geografia*; e *City, Culture and Society*. A análise dessas publicações evidencia que o assunto está sendo abordado por diferentes áreas e aplicados em contextos diversificados.

Quanto à localidade, a maior parte dos estudos foram desenvolvidos ou aplicados na Europa, correspondendo a 65% das publicações, enquanto 18% foram desenvolvidos ou aplicados na América do Norte e o restante distribuídos entre Ásia e América Sul.

Dentre aos estudos selecionados, é possível identificar abordagens diferenciadas em relação RU e IS. Para melhor compreensão dos contextos e cenários que as pesquisas foram realizadas, o quadro 9 demonstra um enquadramento do contexto das pesquisas.

Quadro 9 - Contexto dos artigos selecionados

Contexto	Autores
Área Edificada	Daprà e Fabi (2017); Mahmoud e Bevilacqua (2019); García; Eizaguirre e Pradel (2015).
Espaço Urbano	Trillo (2019); Khan <i>et al.</i> (2017); Bagaini <i>et al.</i> (2017); Di Prete e Mazzarello (2017); Queirós (2010); Pultrone (2017); Mahmoud e Bevilacqua (2019); Ostanel (2019); Radywyl e Bigg (2013).
Agricultura Urbana	Nemoto e Biazoti (2017); Saporito (2017); Pultrone (2017).
Estratégias Criativas	André e Rousselle (2010); André e Reis (2009); Ostanel (2019).

Fonte: da autora.

Com análise dos estudos é possível identificar que as pesquisas estão direcionadas em diferentes aspectos. No que diz respeito as áreas edificadas, os artigos discutem projetos de RU voltados para patrimônios culturais (DAPRÀ;FABI, 2017; MAHMOUD; BEVILACQUA , 2019); GARCÍA; EIZAGUIRRE; PRADEL, 2015), visando proporcionar usos que o reativem, enquanto que no contexto de espaço urbano (TRILLO, 2019; KHAN *et al.*, 2017; BAGAINI *et al.*, 2017; DI PRETE; MAZZARELLO, 2017; QUEIRÓS, 2010; PULTRONE, 2017; MAHMOUD; BEVILACQUA, 2019; OSTANEL, 2019; RADYWYL; BIGG, 2013), os artigos estão voltados às áreas urbanas que encontram-se em situação de abandono, marginalizada ou deteriorada.

Em relação ao contexto de agricultura urbana (NEMOTO; BIAZOTI, 2017; SAPORITO, 2017; PULTRONE, 2017), os estudos discutem projetos de RU que estão voltados ao aproveitamento de espaços urbanos a partir da utilização de hortas em espaços urbanos e telhados verdes. Com relação aos artigos que se enquadram no contexto de estratégias criativas, eles abordam aspectos voltados às atividades culturais e arte para RU (ANDRÉ; ROUSSELLE, 2010; ANDRÉ; REIS, 2009; OSTANEL, 2019).

Nota-se que alguns autores, como Pultrone (2017), Mahmoud e Bevilacqua (2019) e Ostanel (2019), aparecem enquadrados em dois contextos diferentes. Isso é atribuído por suas pesquisas apresentarem mais de um projeto de RU, sendo cada um deles com foco em diferentes abordagens e atuações.

2.3.3 Síntese dos artigos selecionados

Trillo (2019) acredita que a elaboração de dados qualitativos recolhidos de distritos de inovação poderia ser interpretada como uma base cognitiva para outras inovações do mesmo modo que o objetivo 11, da Organização das Nações Unidas (Cidades e Comunidades Sustentáveis: Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis) deve ser um pilar de qualquer estratégia e plano de desenvolvimento urbano. Estando relacionado com o conceito de IS, incidindo sobre o progresso social.

Ostanel (2017) afirma que a mobilização da cidadania e a ativação de recursos locais são todos ingredientes essenciais para as práticas de RU, desempenhando um importante papel na transformação social e urbana. Partindo desta premissa, o autor argumenta que a RU só pode ser reforçada através da promoção de uma cidadania ativa por parte dos habitantes capazes de mobilizar recursos locais.

No que diz respeito ao Mahmoud e Bevilacqua (2019), as inovações sociais para categoria social da RU foram aplicadas a partir de um foco em centros culturais, a fim de promover desenvolvimento da qualidade de vida e mais atividades, possibilitando um aumento do capital humano, o que torna o ambiente fértil para ocorrências de inovações sociais.

Khan *et al.* (2017) utiliza-se do processo participativo, ou seja, cocriação, da comunidade para projetos de RU, promovendo melhorias para desafios sociais. Utiliza-se dessa perspectiva em prol de melhoria do espaço físico, proporcionando resolutivas de problemas e ocasionando melhor qualidade de vida de usuários.

Assim como Trillo (2019), Pultrone (2017) justifica as iniciativas para RU baseadas no Objetivo 11 da agenda 2030. Considerando a IS um fator chave para resolutive de problemas sociais urbanos, a autora argumenta que todos os cenários da RU podem ser alcançados a partir de iniciativas socialmente inovadoras, sendo a RU uma oportunidade de criar muitas alternativas criativas para inovações sociais.

Daprà e Fabi (2017) também considera a RU como um campo promissor para inovações sociais, no entanto, em seu trabalho, os autores tratam especificamente da atuação do patrimônio cultural como uma força motriz para a IS. Logo, a IS é realizada na revitalização de um patrimônio cultural visando atender as necessidades sociais, e consequentemente atua no âmbito físico da RU.

Já Nemoto e Biazoti (2017) e Saporito (2017) voltam-se totalmente para a agricultura urbana. Enquanto um trata a perspectiva de ocupação de espaços urbanos para transformação em jardins verdes, o outro traz a ideia de jardins verdes no teto das edificações, no entanto ambos partem da ideia de processo *bottom-up*, ou seja, participação da comunidade. Ambos consideram essa iniciativa como socialmente inovadora, pois está relacionado na possível solução de problemas sócias emergentes. Essa iniciativa atua direta e indiretamente em todas as dimensões da RU, sendo neste caso, toda baseada em IS.

Enquanto os autores acima deixam claro a atuação de inovações sociais nas cinco instâncias da RU, Bagaini *et al.* (2017) não mencionam em seu trabalho seus resultados, apenas afirmam a importância de reforçar a propagação da IS, que inspira e orienta cada projeto e ação, envolvendo cidadãos e suas necessidades.

Di Prete e Mazzarello (2017) implantaram um projeto itinerante, a fim de proporcionar um fortalecimento das relações sociais, promover novas redes e parcerias entre associações e cidadãos com uma abordagem baseada numa perspectiva centrada no usuário e envolvimento das partes interessadas através do design participativo, provando ser útil em iniciativas socialmente inovadoras, no entanto, os autores não deixam claro o conceito de RU, no entanto afirmam que o projeto é uma oportunidade para RU. Nessa perspectiva analisou-se as dimensões da RU que foram alcançadas com o projeto proposto. Sendo assim, entende-se que além da perspectiva social são necessárias iniciativas socialmente inovadoras em atuações na área governamental e física.

Entende-se que Radywyl e Bigg (2013) tratam RU como transformações urbanas sustentáveis e apesar de não deixarem claro o conceito que se fundamentam a respeito de IS ,

ela é entendida como interação entre as pessoas, e projetos voltados para melhorar a qualidade de vida, proporcionando mudança social com participação da comunidade.

André e Rousselle (2010), partindo de estratégias criativas, afirmam que a comunidade urbana Walden-7 é uma IS decorrente de várias estratégias sociais criativas ancoradas num determinado contexto social, econômico e governamental resultando em uma RU. Os autores entendem inovação social como novas soluções, que visam a coesão social e reconfiguram as relações sociais (relações de trabalho, de gênero, inter-étnicas, inter-geracionais, etc.). Apesar dos autores tratarem o projeto como uma IS que resulta em uma RU, o nível ambiental não é abordado de maneira enfática no artigo.

Queirós (2010) também reflete sobre um projeto, mas nesse caso é um projeto denominado RUI (Revitalização Urbana Integrada) que possui características semelhantes aos conceitos de RU apresentados nessa pesquisa. Devido ao conceito de IS adotado pela autora, a RUI é considerado como processos da IS, na medida em que constitui novas respostas locais para zonas urbanas e sociais, proporcionando a RU de maneira multidimensional, promovendo mudanças sociais, criação e transferência de conhecimentos. A IS, neste caso, está presente em todos os cenários da RU, ao passo que a Revitalização Urbana Integrada é considerada processos de IS.

Assim como André e Rousselle (2010), García, Eizaguirre e Pradel (2015) partem da ideia de estratégias criativas. No entanto, aqui o foco é em como os espaços urbanos são transformados para criatividade cultural a partir da atuação dos atores coletivos. Os autores não deixam claro a abordagem de RU que utilizam, mas apresentam cases com modelos alternativos de governança da criatividade urbana e maneiras inovadoras de abordar a RU. Nesse caso em específico, trabalham os valores culturais a partir de iniciativas socialmente inovadoras com influências na RU.

E por fim, André e Reis (2009), apresentam no artigo um projeto que se baseia no contexto da construção de meios socialmente criativos (cultura e arte) que impulsionam, através da IS, o desenvolvimento dos lugares, podendo ser usado como um ponto de partida para uma RU.

2.3.4 Características da Inovação Social em Regenerações Urbanas

Tendo sido apresentados os cenários de pesquisas dos artigos selecionados, uma nova análise foi realizada, de modo que fosse possível identificar como as IS tem sido praticada em

projetos de RU. Essa análise possibilitou o reconhecimento de características da IS que são utilizadas nos estudos de RU, conforme descrito no quadro 10. Além disso, a revisão sistemática integrativa auxiliou, bem como o referencial teórico, na elaboração do roteiro para as entrevistas do estudo de caso do DC.

Cabe ressaltar, que apesar da revisão da literatura ter servido como norteador para identificação e compreensão das características da IS, não foi restringido para aparição de novos elementos da IS trabalhados com RU.

Quadro 10 - Características da Inovação Social em Projetos de Regeneração Urbana

Características da Inovação Social	Autor(es)
Redes	Mahmoud e Bevilacqua (2019); Ostanel (2017); Pultrone (2017); Nemoto e Biazoti (2017); Daprà e Fabi (2017); Saporito (2017); Bagaini <i>et al.</i> (2017); Di Prete e Mazzarello (2017); García; Eizaguirre e Pradel (2015); Radywyl e Bigg (2013); Queirós (2010).
Relações sociais ²	Mahmoud e Bevilacqua (2019); Ostanel (2017) Pultrone (2017); Nemoto e Biazoti (2017); Saporito (2017); Di Prete e Mazzarello (2017); García; Eizaguirre e Pradel (2015); Radywyl e Bigg (2013).
Colaboração	Ostanel (2017); Khan <i>et al.</i> (2017); Nemoto e Biazoti (2017); Bagaini <i>et al.</i> (2017); Radywyl e Bigg (2013); Queirós (2010).
Satisfação das necessidades humanas	Trillo (2019); Mahmoud e Bevilacqua (2019); Nemoto e Biazoti (2017); Bagaini <i>et al.</i> (2017); André e Rousselle (2010); Queirós (2010).
Melhoria na qualidade de vida	Mahmoud e Bevilacqua (2019); Nemoto e Biazoti (2017); Queirós (2010); André e Reis (2009).
Empoderamento	Mahmoud e Bevilacqua (2019); Khan <i>et al.</i> (2017); Nemoto e Biazoti (2017); Saporito (2017); Bagaini <i>et al.</i> (2017); García; Eizaguirre e Pradel (2015); Radywyl e Bigg (2013); Queirós (2010); André e Reis (2009).
Sustentabilidade	Daprà e Fabi (2017); Radywyl e Bigg (2013); Queirós (2010).
Escalabilidade	Queirós (2010); Saporito (2017); André e Reis (2009).
Coesão social ³	Pultrone (2017); Saporito (2017); Qarcía, Eizaguirre; Pradel (2015); Radywyl; Bigg (2013).

Fonte: da autora.

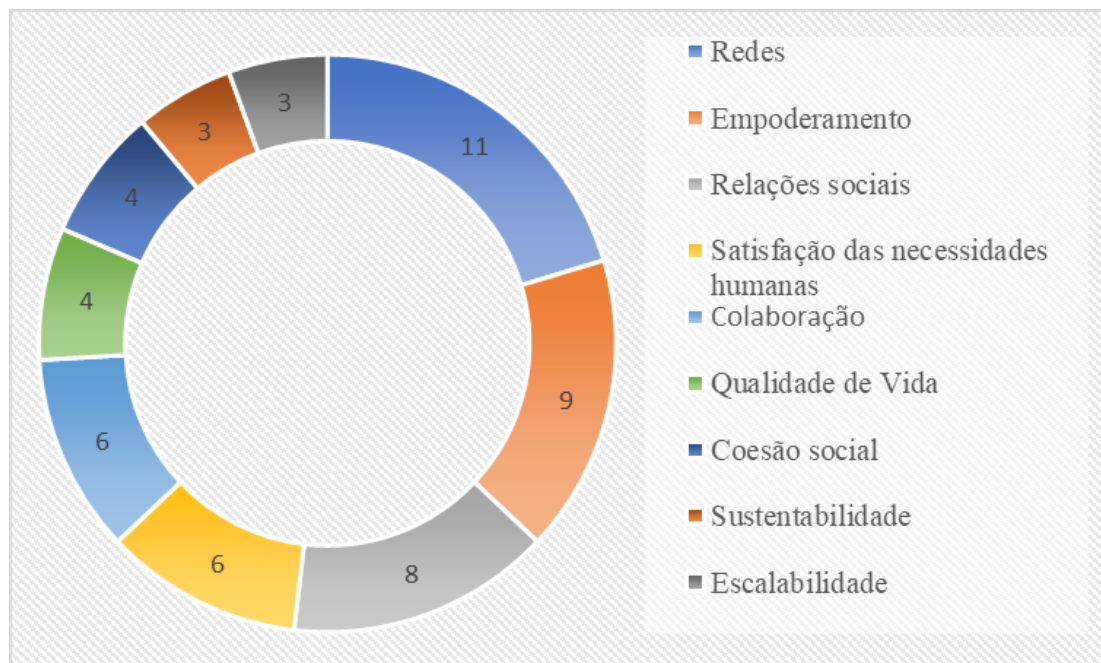
A identificação de características de IS em projetos de RU nos artigos selecionados contribui para o alcance do objetivo da pesquisa, que é propor um modelo conceitual de regeneração urbana à luz de características de inovação social.

² Relações sociais: na revisão sistemática integrativa da literatura, as parcerias e atores são tratados como relações sociais. Mais adiante, ainda nesta seção, será mais bem explicado.

³ Coesão social: mais adiante, classificada como tema emergente por ter aparecido como característica somente na revisão sistemática integrativa.

Para tal, é necessário identificar quais características estão sendo mais utilizadas para melhor êxito de projetos de RU. A figura 6 apresenta um gráfico com as características da IS que foram evidenciadas nos projetos de RU.

Figura 6 - Características da Inovação Social em Regenerações Urbanas.



Fonte: da autora.

Ao analisar a figura 6 observa-se que a rede é a característica da IS que mais é levada em consideração nos projetos de RU, a diversidade de atores envolvidos pode promover maior compartilhamento de conhecimento, que também é uma característica da IS.

Em contrapartida, nota-se que há pouca preocupação com a sustentabilidade da proposta, que é o ponto principal para a manutenção e continuidade de projetos, no entanto, o empoderamento é apresentado como característica de IS presente nos projetos para RU em nove artigos, o que é relevante para o engajamento da comunidade e um ponto pertinente para sustentabilidade.

Apenas em seis artigos os projetos apresentados partem do atendimento das necessidades humanas, que está diretamente relacionada com qualidade de vida. Quanto a colaboração, nota-se que ainda é baixa o envolvimento da comunidade nos projetos de RU, tendo em vista que a colaboração está relacionada a participação de todos os envolvidos e compartilhamento de conhecimento, esse número deveria equivaler ao número de redes. O

número de relações sociais observa-se que ainda é baixo a criação de novas relações e conexões. Por fim, a escalabilidade, que é pouco pensada, pela pouca menção nos artigos selecionados.

Cabe salientar que o compartilhamento de conhecimento não aparece de forma direta, mas entende-se que essa característica ocorre quando existe colaboração e redes. No que diz respeito ao caráter inovador das iniciativas mencionadas, considera-se que são novas para os cenários e contextos que estão sendo aplicadas.

Quanto a coesão social, ela aparece de forma enfática em 4 artigos, e ela diz respeito as diferentes motivações que mantêm um grupo unido, podendo ser muito ou pouco coeso. Pose-se dizer que onde há grupos, há coesão social, logo, os artigos que possuem características como rede, por exemplo, apresentam coesão social, no entanto, a mesma é entendida como inerente, não sendo mencionada nos demais artigos.

No que tange as características apresentados na figura 6, faz-se necessários breve conceituação para melhor compreensão das análises futuras.

As redes são compostas pelos relacionamentos com parceiros (SCHIRMER; CAMERON, 2012). As relações sociais tratam dos parceiros, e estes são todos aqueles que desenvolvem algum tipo de relacionamento com os projetos (SCHIRMER; CAMERON, 2012). A colaboração é admitida como um processo em que as partes trabalham em conjunto, sob diferentes perspectivas, exploram suas diferenças de maneira construtiva e procuram soluções que vão além da própria visão individual e limitada do que é possível, para uma solução integrada e coletiva (GRAY, 1989; HARRISSON; CHAARI; COMEAU-VALLÉE, 2012; SANZO *et al.*, 2015).

A melhoria na qualidade de vida diz respeito a melhores instalações e melhores opções (SANTOS DELGADO, 2016). Empoderamento é visto na literatura como o fato de tornar o indivíduo autônomo, tornando-se protagonista de sua própria história (PRIM; AGUIAR; DANDOLINI, 2016). A sustentabilidade busca da sobrevivência com foco nos três pilares: econômico, ambiental e social (MALEK; COSTA, 2015). E por fim, escalabilidade possibilita as iniciativas serem transferíveis ou reprodutíveis em outras comunidades (SANTOS DELGADO, 2016).

No que diz respeito ao atendimento das necessidades humanas, a mesma visa gerar valor para toda a sociedade e não somente para as empresas privadas (PHILLS; DEIGLMEIER; MILLER, 2008); satisfazer as necessidades sociais, de forma a serem sustentáveis e gerem uma mudança e criar novas relações ou colaborações sociais (MURRAY; CAULIER-GRICE;

MULGAN, 2010; BIGNETTI, 2011) e gerar de forma sustentável uma mudança social benéfica a um coletivo (BORGES et al., 2015).

Para fechar as breves conceituações, a coesão social trata-se de um conceito sociológico que está relacionado a uma espécie de estado pelo qual os indivíduos se mantêm unidos, integrados em um grupo social, ou, simplesmente, o estado de integração coesa do grupo social (BODART, 2019).

A seção abaixo descreve mais detalhadamente a relação dos atores identificados na revisão sistemática integrativa da literatura, pois essa investigação possibilitará analisar mais profundamente as características de rede, relações sociais e colaboração.

2.3.5 Atores nos projetos de Regeneração Urbana

Tendo sido apresentados as características da IS em projetos para RU, uma nova análise foi realizada, de modo que fosse possível identificar quais atores tem sido mais envolvido em projetos de RU, conforme quadro 11.

Quadro 11 - Atores nos projetos de Regeneração Urbana

Atores	Autores
Organizações Públicas	Ostanel (2017); Khan <i>et al.</i> (2017); Pultrone (2017); Dapra; Fabi (2017); Nemoto; Biazoti (2017); Saporito (2017); García; Eizaguirre e Pradel (2015); Radywyl e Bigg (2013); André; Rousselle (2010); Queirós (2010); André; Reis (2009).
Organizações Privadas	Trillo (2019); Mahmoud e Bevilacqua (2019); Khan <i>et al.</i> (2017); Pultrone (2017); Saporito (2017); André; Rousselle (2010); Queirós (2010).
ONG's / Cooperativas	Pultrone (2017); Saporito (2017); Saporito (2017); Radywyl e Bigg (2013); Queirós (2010).
Associações	Ostanel (2017); Pultrone (2017); Nemoto; Biazoti (2017); Saporito (2017); Radywyl; Bigg (2013); Queirós (2010); André; Reis (2009).
Comunidade	Mahmoud e Bevilacqua (2019); Ostanel (2017); Pultrone (2017); Nemoto ; Biazoti (2017); Saporito (2017); Bagaini <i>et al.</i> (2017;), García; Eizaguirre, Pradel, (2015); Queirós (2010).
Academia	Trillo (2019); Nemoto; Biazoti (2017); Bagaini <i>et al.</i> (2017); Di Prete; Mazzarello (2017).
Incubadoras	Trillo (2019).

Fonte: da autora.

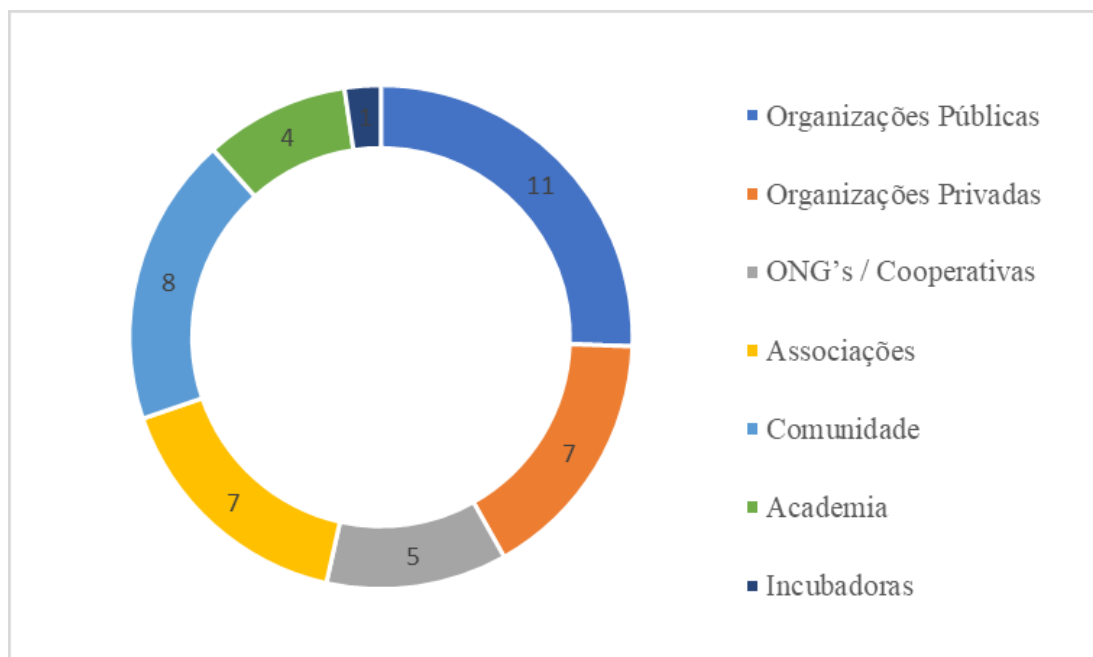
A identificação dos atores envolvidos em projetos de RU também contribui para o alcance do objetivo da pesquisa, pois aponta para as redes e formação de parcerias. Para que essas características sejam identificadas é necessário identificar quais atores estão mais envolvidos no processo e quais precisam ser mais incluídos para êxito da RU. A figura 7 apresenta um gráfico com os atores que participaram nos projetos de RU, com base na literatura.

Dos 15 artigos selecionados para essa análise, em 11 deles as organizações públicas estão presentes nos projetos apresentados, em contrapartida, é possível observar um número bem menor envolvendo a comunidade, apenas oito.

Destaca-se ainda que as academias, bem como a incubadora, começam a ter papel também representados entre esses atores. Os artigos mais recentes, publicados entre 2017 e 2019 (TRILLO, 2019; NEMOTO; BIAZOTI, 2017; BAGAINI *et al.*, 2017; DI PRETE; MAZZARELLO, 2017) mostram a relevância desses atores para a construção do conhecimento.

Outro ponto a destacar é o fato das ONG's / Cooperativas e associações estarem bastante envolvidas em projetos de regeneração urbana com inovações sociais, apontando para um caminho já percebido por Murray; Caulier-Grice; Mulgan, 2010, que demonstra a relevância do envolvimento desse tipo de atores em projetos de RU.

Figura 7 - Atores na Regeneração Urbana.



Fonte: da autora.

Na revisão sistemática integrativa da literatura constou-se que 74% dos artigos selecionados contam com apoio do poder público para garantir o sucesso dos projetos propostos. Mendes (2013) justifica sobre a importância de parcerias com as organizações públicas, devido ao alto custo de promover iniciativas para RU. Além disso, é bom destacar que a RU pode envolver modificações nos espaços urbanos ou em políticas públicas o que exige

aprovações pelos órgãos públicos responsáveis. E desta forma, o seu envolvimento é fundamental para o desenvolvimento de projetos de RU.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta conteúdos relacionados à metodologia e é dividida em duas partes: o delineamento da pesquisa e as etapas do estudo de caso. Na primeira parte apresentam-se os pressupostos que direcionam este estudo, enquanto a segunda apresenta as etapas realizadas para desenvolvimento da estratégia adotada para a pesquisa, sendo esta, o estudo de caso.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A abordagem metodológica utilizada nesta pesquisa é de natureza qualitativa, pois essa possibilita explorar e entender o significado atribuído a um problema social (CRESWELL, 2010). A abordagem qualitativa emerge uma vez que os dados são analisados de forma indutiva com interpretações realizadas pelo próprio pesquisador (CRESWELL, 2010). Quanto ao objetivo, a mesma se caracteriza como descritiva (GIL, 1999).

Quanto ao meio utilizado para alcance do objetivo, foram utilizadas duas estratégias de pesquisa: 1) revisão integrativa da literatura, para possibilitar a proposição com os resultados obtidos em campo e 2) estudo caso.

Para a elaboração da revisão integrativa seguiu-se seis etapas, as quais estão detalhadas no Apêndice A, sendo estas: 1) elaboração da pergunta norteadora a partir do objetivo; 2) critérios de inclusão e exclusão; 3) identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados; 4) categorização dos estudos selecionados; 5) análise e interpretação dos resultados e por fim 6) apresentação da revisão do conhecimento (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011).

Em relação ao estudo de caso, para Yin (2010), o mesmo é adequado para investigação de evento contemporâneo, permitindo que a pesquisa retenha eventos da vida real, ou seja, é uma investigação empírica que apura um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto real quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos (YIN, 2010). O estudo de caso é considerado um dos métodos mais eficientes para pesquisa qualitativa, particularmente para o desenvolvimento de novas teorias e são cada vez mais utilizados por pesquisadores acadêmicos (VOSS, 2010). Eles são utilizados para estudar de forma aprofundada um ou poucos objetos em uma unidade de análise, o que permite seu amplo conhecimento (TRIVIÑOS, 2012).

Para conhecer o tema de pesquisa, identificar a lacuna e compreender melhor o fenômeno a partir da perspectiva teórica, iniciou-se com leituras de artigos, livros, teses e dissertações, dando início a etapa 1 da figura 8, que ilustra o planejamento da pesquisa.

Paralelamente a primeira etapa, buscava-se um caso para melhor desenvolvimento e profundidade da pesquisa. Ao identificar a lacuna de conhecimento e definir o estudo de caso, realizou-se uma busca sistemática nas bases de dados mencionadas, para revisão sistemática da literatura, cuja estratégia de busca encontra-se no Apêndice A.

Figura 8 - Planejamento da Pesquisa



Fonte: da autora, com base em Yin (2010).

Após o levantamento na literatura dos principais pontos sobre a temática em questão, iniciou-se a etapa empírica, compreendida entre as etapas 2 a 5 da figura 8 e melhor detalhadas na seção 3.2. Na etapa 6, realizou-se a análise dos resultados obtidos com a revisão da literatura com o estudo de caso.

3.2 ETAPAS DO ESTUDO DE CASO

Na presente seção será realizado o detalhamento das etapas referentes à estratégica metodológica da pesquisa, o estudo de caso.

3.2.1 Escolha da unidade de análise

A unidade de análise que será discutida na presente dissertação é o Distrito Criativo (DC) de Porto Alegre – RS. Sua seleção se deu pelo fato do projeto contribuir, ainda que com diferentes intensidades e formas, para associação das características da IS às questões da RU, o que se alinha ao objetivo de propor um modelo conceitual para regeneração urbana à luz de características da inovação social. Outro ponto que foi considerado relevante para a escolha do projeto em questão foi a acessibilidade ao caso.

O DC é um projeto idealizado pelo fundador da UrbsNova. A UrbsNova é uma empresa privada que funciona como uma agência de design social, desenvolvendo iniciativas de IS para outras empresas, governos e organizações não governamentais (PIQUÉ, 2019).

Como agência, suas ações direcionam-se em criar, planejar, produzir, implementar, divulgar e acompanhar eventos que por sua natureza inovadora implicam em uma melhoria à comunidade, motivando o impacto econômico, social e urbano do coletivo sobre o território das cidades (PIQUÉ, 2019).

Importante ainda destacar que a estratégia adotada pela UrbsNova envolve a criação e desenvolvimento de territórios menores, que por um lado fazem parte da história desses bairros, mas que não se apegam a esse passado e projeta um futuro a partir de um início ativo que encontra no presente. Trata-se de um novo método de desenvolvimento e transformação social e territorial, criado pela UrbsNova, entendendo que a regeneração significa defesa e divulgação tanto do patrimônio histórico-cultural, como do patrimônio ambiental e melhor qualidade dos espaços públicos.

Logo, não é suficiente apenas estar dentro do território do DC, para ser participante. Fazer parte do DC significa conhecer o projeto, compartilhar dos seus objetivos e, pelo menos, estar disponível, na medida do possível, para participar no processo de RU.

3.2.2 Método de investigação

Com a apresentação da unidade de análise realizada na seção 3.2.1, segue-se com as etapas da estratégia metodológica adotada para presente pesquisa. Essa seção tratará sobre o método de investigação do estudo de caso aqui proposto.

Para instrumentalizar a presente dissertação, o método escolhido como estratégia de investigação foi o de estudo de caso, cujo principal objetivo é verificar como e porque determinado fenômeno ocorre (YIN, 2010).

O método escolhido é o estudo de caso único e integrado (YIN, 2010). Essa estratégia foi escolhida para poder identificar com melhor propriedade as características da IS, atuantes na RU e assim ter uma visão mais sistêmica para propor um modelo conceitual. Nesta estratégia o pesquisador explora profundamente determinado fenômeno em determinados casos selecionados por meio de diferentes procedimentos de coleta de dados durante um período (CRESWELL, 2010).

Tendo sido apresentado o método de investigação, a seção seguinte tratará do instrumento da coleta de dados.

3.2.3 Instrumento da coleta de dados

Para a coleta de dados adotou-se a técnica de entrevistas semiestruturadas com o idealizador do projeto DC, empreendedores e moradores da região, além de cidadãos de outras regiões de Porto Alegre - RS. O objetivo foi buscar informações trazidas espontaneamente pelos sujeitos entrevistados, a partir de um roteiro.

O roteiro de entrevista, Apêndice C, foi elaborado a partir de pontos levantados da literatura, que serviram como orientações para a estrutura do mesmo, bem como a pergunta de pesquisa e os objetivos.

Antes de ir a campo, realizou-se uma verificação do roteiro das entrevistas com o grupo de pesquisa IGTI (Núcleo de Estudos em Inteligência, Gestão e Tecnologias para Inovação). O objetivo foi assegurar que as perguntas atendiam ao objetivo da presente dissertação.

Destaca-se que durante a realização das entrevistas não foi possível seguir exatamente o roteiro, logo, precisaria de mais uma rodada de perguntas para ajustar o roteiro e aprofundar em alguns aspectos, contudo, dado ao tempo destinado à etapa de entrevistas, não foi possível

realizar essa segunda rodada de perguntas, ficando alguns questionamentos abertos e indicados como pesquisas futuras.

Para ida ao campo, a pesquisadora dispôs de um gravador, caderno de anotação e prancheta com o roteiro da entrevista semiestruturada. O roteiro foi o guia para as perguntas, enquanto o caderno serviu para anotar as reações, expressões, entre outros detalhes, dos entrevistados, a fim de ajudar posteriormente, na análise dos dados. A seção a seguir apresentará a escolha e caracterização dos sujeitos entrevistados para pesquisa.

3.2.4 Entrevistados

A intencionalidade na escolha dos sujeitos das entrevistas é uma característica da pesquisa qualitativa (CRESWELL, 2010). Para a presente dissertação, buscou-se como ponto de partida o idealizador do projeto do DC – Porto Alegre. Fazendo uso da técnica *snow ball*, o mesmo indicou pessoas que na sua percepção poderiam contribuir com o objetivo da pesquisa, conforme quadro 12.

Quadro 12 – Entrevistados

Entrevistado	Perfil	Tempo da entrevista
E1	Empreendedor - Idealizador do projeto Distrito Criativo	29'31" + 20'56" + 6'48" + 6'48"
E2	Empreendedor residente local – Artista – Participante DC	22'11"
E3	Empreendedor – Marketing - Participante DC	35'11"
E4	Empreendedor – ramo de bebidas artesanais- Participante DC	40'02"
E5	Empreendedor residente local– ramo alimentício- Participante DC	30'21"
E6	Empreendedor - Participante DC	02'50"
E7	Empreendedor residente local– eventos - Participante DC	11'38"
E8	Empreendedor residente local– ramo alimentício - Participante DC	23'45"
E9	Empreendedor - centro comercial - Participante DC	11'41"
E10	Empreendedor – antiquário- Participante DC	07'57"
E11	Empreendedor – desenvolvimento pessoal- Participante DC	11'51"
E12	Empreendedor – <i>coworking</i> - Participante DC	13'26"
E13	Empreendedor residente local– artista- Participante DC	14'10"
E14	Empreendedor residente local– artista- Participante DC	39'26"
E15	Empreendedor residente local- arquiteto	Por e-mail
E16	Comunidade Externa DC - motorista de aplicativo	5'44"
E17	Comunidade Externa DC - balconista	8'12"
E18	Comunidade Externa DC - cabeleireira	7'52"

Fonte: da autora.

Um total de 18 entrevistas foram realizadas, dirigidas à três grupos de pessoas: empreendedores, empreendedores residentes no DC e comunidade externa ao DC. Dentre os

empreendedores entrevistados, foram identificadas diferentes atividades exercidas por eles, no entanto, todos eram participantes do projeto do DC.

3.2.5 Coleta de dados

O primeiro contato com o idealizador do projeto, ocorreu de maneira informal, em novembro de 2018, após uma palestra concedida por ele, em Florianópolis - SC, sobre o DC – Porto Alegre. Nesse primeiro contato foi demonstrado o interesse em trabalhar com o case. Em maio de 2019 foi dada início a troca de e-mails para ser formalizada o interesse em pesquisar sobre o caso do DC - Porto Alegre, então em maio de 2019 foi agendada as entrevistas e as mesmas aconteceram em Porto Alegre no dia 27/08/2019. Todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, cujo modelo encontra-se no apêndice B.

3.2.6 Tratamento dos dados

O tratamento e análise dos dados foi a partir da análise temática de Braun e Clarcke (2016). Para os autores, a análise temática é amplamente utilizada para análise de pesquisas qualitativas, pois permite organizar e apresentar os dados de maneira sucinta, através da identificação, análise e descrição de temas e subtemas (BRAUN; CLARKE, 2016).

A análise temática trata-se de um método interpretativo de análise dos dados, subjetivamente flexível e acessível. É um processo trabalhoso, pois durante as análises, muitas vezes se faz necessário voltar para uma nova releitura dos dados antes de seguir em diante. Além disso, os temas que surgir a partir da análise dos dados capturam a essência das experiências, de modo a formar um conjunto significativo (SALDAÑA, 2009).

Em um primeiro momento, os temas da análise foram levantados de forma indutiva, resultando da experiência das próprias entrevistas. Em uma análise mais aprofundada, levou-se em consideração termos semelhantes e repetidos, que representavam relação à questão de pesquisa (BRAUN; CLARKE, 2006).

Para o processo da análise temática seguiu-se as seis fases apresentadas por Braun e Clarke (2006):

- 1) Familiarização dos Dados;
- 2) Geração de Códigos;
- 3) Reanálise ao nível mais amplo;

- 4) Revisão dos temas;
- 5) Definição e refinamento dos temas e,
- 6) Relato dos resultados.

A figura 9 ilustra cada fase dessa etapa desta etapa.

Figura 9 - Alinhamento da pesquisa com as etapas de Braun e Clarke (2006)



Fonte: Da autora (2020), com base em Braun e Clarke (2006).

A etapa de **familiarização com os dados** iniciou-se com a transcrição das entrevistas e após concluir a transcrição de todos os áudios, os arquivos foram impressos para facilitar as leituras e releituras iniciais. Essas leituras iniciais possibilitaram verificar quais materiais iriam constituir o corpus da pesquisa. Enquanto as leituras e releituras iniciais aconteciam, temas foram sugeridos de forma intuitiva, sem buscar alinhamento com revisão da literatura nem tão pouco com a revisão sistemática integrativa.

Já na etapa de **geração de códigos**, foi realizada uma leitura mais atenta das transcrições das entrevistas, além de nesta etapa também começam as marcações dos temas por cores, ainda sem preocupação de alinhamento com a revisão da literatura e com a revisão sistemática integrativa. As partes das entrevistas que possuíam algum tipo de contribuição para pesquisa, foram grifadas com cores correspondentes ao significado de cada informação.

Enquanto na **reanálise de nível mais amplo** foi dado início à preocupação de alinhamento com os temas encontrados na literatura. Então os temas macros já marcados com cores diferentes foram reanalisados e agrupados quando possível, a fim de sintetizar os pontos levantados.

Na **revisão dos temas**, os temas levantados na literatura foram colocados paralelamente aos temas encontrados em campo, dessa forma, foi possível visualizá-los de uma forma mais sistêmica, possibilitando melhor alinhamento entre os temas levantados.

Após revisar os temas, foi possível definir e refiná-los, concluindo assim, a fase de **definição e refinamento dos temas**. Com os temas definidos, realizou-se uma organização do material impresso, a fim de dar início a narrativa dos resultados.

Por fim, na etapa de **relatar os resultados**, foi realizada a descrição dos mesmos, alinhando com a pergunta de pesquisa e com a revisão da literatura, de modo que os resultados se apresentem de forma consistente e relevante para contribuição do conhecimento científico.

4 RESULTADOS

A presente seção apresenta os resultados encontrados a partir da análise da literatura juntamente com a apresentação do case DC – Porto Alegre. As informações sobre o projeto foram obtidas a partir da entrevista com o idealizador do mesmo, com empreendedores e comunidade local, e também a partir de estudos publicados sobre o projeto. Na sequência, apresentam-se os temas que despontaram na pesquisa.

4.1 CASE DISTRITO CRIATIVO – PORTO ALEGRE

Nesta seção é exposto informações sobre o caso em análise, possibilitando o conhecimento e compreensão do mesmo para melhor entendimento das análises que serão apresentadas no capítulo 5.

4.1.1 O nascimento do Distrito C – Porto Alegre

O nascimento do projeto “Distrito Criativo de Porto Alegre”, também conhecido como “Distrito C ou DC” aconteceu de forma despretensiosa, mas sob o olhar de um empreendedor preocupado com as questões sociais.

Em 2012, iniciou-se de maneira informal, reuniões com os comerciantes da região e membros da prefeitura para discutir de forma colaborativa o futuro do 4º Distrito, região deteriorada devido a desindustrialização, e que mais tarde seria área de implementação do projeto “Distrito C”.

Essas reuniões aconteciam no Shopping Total, localizado no bairro Moinhos de Vento e tinham como pauta a revitalização do 4º Distrito e a inserção da economia criativa para região, visto que essa se apresentava como um conjunto de atividades embasada pela criatividade, inovação e empreendedores, que com seus conhecimentos ampliariam e almejarium novas possibilidades e oportunidades, seja econômica financeira ou social.

O idealizador do projeto DC, participou das diversas reuniões e conheceu dois empreendedores que o convidaram para conhecer seus empreendimentos. A partir dessa visita, o DC começou a ser idealizado, pois foi possível identificar o potencial da região: “Aí eu vi que tinha muitas outras coisas rolando aqui e que estavam pouco percebidas”, disse o idealizador.

Após a visita inicial aos empreendimentos, o idealizador voltou à região do 4º Distrito e foi batendo de porta em porta nos empreendimentos locais, de modo a compreender, do ponto de vista da comunidade, o que acontecia nas redondezas. Nesse sentido, solicitava aos empreendedores locais para que falassem um pouco sobre os seus negócios. Com esse caminhar pela comunidade, pode-se perceber muitos locais interessantes na região, e que não estavam sendo visualizados e valorizados no momento.

Então, organizou-se duas expedições, de modo que os participantes das reuniões que aconteciam no Shopping Total pudessem “atravessar a rua” e ver que tinha muito empreendedor de qualidade na região. A primeira expedição saiu do Shopping Total chegando até o Villa Flores, a segunda saiu do Villa Flores em direção ao norte da região. Nessas expedições, todos os participantes das reuniões que aconteciam no Shopping Total entravam nos empreendimentos e conheciam o local.

Assim, as visitas proporcionaram a identificação de muitos artistas e empreendedores criativos, proporcionando o reconhecimento do potencial da região para desenvolvimento de projetos. Essas visitas foram essenciais para entender qual seria o caminho a ser tomado.

Após essas expedições, o idealizador resolveu dar o ponto de partida no projeto:

Poxa, tem uns 30 locais, numa região pequena, que a maioria das pessoas nem conhecem, então em vez de ficar se reunindo e falando abstratamente sobre a revitalização do 4 Distrito, melhor fazer um projeto com essas pessoas [...] Não é o processo de criar ou não criar o Distrito C. O Distrito C já estava de forma embrionária, só precisava juntar isso, coordenar isso, ligar as pessoas, criar um ambiente onde a informação corresse melhor, todo mundo se conhecesse, e a partir daí deixar isso organicamente se desenvolver e fazer ações positivas, pequenas, médias e grandes, mas muito assim, na medida das possibilidades, sem forçar as pessoas (E1).

Então, em 2013, deu-se início ao projeto do DC, localizado na região do 4º Distrito em Porto Alegre – RS. Logo no início, 30 empreendedores com características da economia criativa adentraram no projeto, e atualmente o projeto conta com quase 100 empreendedores.

Tendo descrito o nascimento do projeto DC, a seção seguinte descreverá um pouco mais sobre o projeto, possibilitando melhor compreensão das análises posteriormente descritas.

4.1.2 O que é o “Distrito C – Porto Alegre”?

O DC é um projeto desenvolvido em Porto Alegre - RS, sendo concebido e organizado pelo Jorge Piqué, fundador da empresa de Design Social, UrbsNova, com o objetivo principal

de propor formas inovadoras de organização das comunidades a fim de gerar impacto social a partir de inovações sociais baseadas na economia criativa, do conhecimento e da experiência (PIQUÉ, 2019).

O projeto do Distrito C está voltado para valorização de polos de economias criativa, do conhecimento e da experiência, sendo um espaço de participação, experimentação, criação coletiva e inovação, construído a partir do envolvimento com artistas e empreendedores localizados nos bairros Floresta e São Geraldo, metade sul do chamado “4º Distrito”, e em partes dos bairros Independência e Moinhos de Vento. Conforme pode ser observado na figura 10.

Figura 10 - Demonstração da localidade do projeto



Fonte: https://distritocriativo.files.wordpress.com/2013/11/quartodistrito_-gersonibias.jpg

Como forma de categorizar as iniciativas existentes no projeto, o DC trabalha com os seguintes conceitos (PIQUÉ, 2019):

Economia criativa: é a produção e distribuição de bens econômicos cujo valor se deve principalmente à sua natureza simbólica. Exemplos: artistas plásticos, artesãos, poetas, músicos, atores, designers, arquitetos, galerias de arte, lojas de antiguidades, brechós, etc.;

Economia do conhecimento: é a produção e distribuição de bens econômicos que tem também uma natureza simbólica, mas cujo valor se deve a sua representação da verdade, à sua adequação à realidade. Divide-se em pesquisa, informação e ensino. Exemplos: jornais, editoras, agências de conteúdo, cursos de artes, escolas, faculdades, etc.;

Economia da experiência: é a produção e distribuição de serviços que ofereçam ao consumidor uma experiência física, sensorial ou emocional. Exemplos: gastronomia, turismo, esporte, etc. Dentro deste contexto, muitos empreendimentos foram revitalizados ou regenerados, de modo a ficar mais atraente para a comunidade.

O objetivo do projeto do DC é reunir artistas e empreendedores enquadrados nas categorias de economias criativa, do conhecimento e da experiência a fim de promover iniciativas de inovações sociais em prol de um desenvolvimento econômico, social e urbano, atingindo os territórios da cidade.

Esses desenvolvimentos acontecem a partir das novas formas de relacionamentos entre os artistas e empreendedores da região de modo a melhorar suas condições de trabalhos e qualidade de vida. Neste sentido, o projeto busca proporcionar maior visibilidade dos empreendedores perante a sociedade bem como uma mudança física na região, que até o presente momento apresenta-se esquecida pelos poderes públicos.

A partir da mobilização desses diversos atores, o projeto busca promover um ambiente de inovação e atrair mais visitantes, novos artistas e empreendedores ao local, propiciando uma RU.

Levando isso em consideração, o caso torna-se um relevante objeto de análise, pois consegue-se identificação de características da IS (representada pela economia criativa) que contribuem para RU. Conforme descrito no site do projeto: a proposta não é simplesmente transformar o local em um espaço de economia criativa, “mas que os artistas e empreendedores sejam parte de um ecossistema maior, que inclui o tecido comercial tradicional desses bairros, bem como os moradores”.

O projeto parte de ações inovadoras tendo como base as linhas artísticas e culturais, partindo da atuação dos próprios artistas e empreendedores. No entanto, o projeto busca sempre a vinculação de ação social com arte e criatividade, a fim de atingir formas artísticas e não somente funcionais. Assim, “todos que convivem juntos e podem encontrar objetivos comuns para a melhoria e desenvolvimento da região”.

Quanto a delimitação geográfica, observa-se que os limites da região do projeto não são fixos, eles se expandem conforme o crescimento do mesmo. Inicialmente, a maioria dos participantes localizavam-se principalmente nos bairros Floresta, Independência e Moinhos de Vento. Em um segundo momento, o território foi ampliado, incluindo participantes do bairro São Geraldo. Não se engessa os perímetros a fim de não excluir possíveis áreas para crescimento, com o propósito de desenvolver cada vez mais o território (PIQUÉ, 2019).

Atualmente o projeto estende-se por uma área de 250 hectares e extensão de seis quilômetros, e conta com o envolvimento de aproximadamente 100 artistas e empreendedores. Na seção seguinte, será apresentado algumas iniciativas desenvolvidas pelos participantes do DC – Porto Alegre.

4.1.3 Iniciativas desenvolvidas pelo Distrito C

A presente seção tem como objeto listar as iniciativas desenvolvidas pelos participantes do DC, com o objetivo de demonstrar a relevância e dimensões de atuação de tal projeto. Destaca-se o fator da multidisciplinaridade existente no projeto, visto que as áreas de atuação das iniciativas são diversas, fato este que requer um engajamento maior e uma maior preocupação com o reconhecimento da importância da diversidade. No quadro 13 estão listadas as iniciativas mencionadas nas entrevistas.

Quadro 13 - Iniciativas desenvolvidas no Distrito C

Iniciativas	Descrição da iniciativa
Farrapos Florida	Ação em prol da paz no trânsito.
Dia C	Evento gastronômico com diversos empreendimentos envolvidos de longa duração.
Revitalização pracinha	Projeto de regeneração da pracinha, com apoio de diversos atores locais.
Horta Urbana	Horta desenvolvida na comunidade nas sacadas de alguns empreendimentos.
Escola fora de hora	Projeto de capacitação que promove cursos gratuitos para os moradores.
Fervinho	Bazar.
Dia Verde	Ação em prol do ambiente.
Jardins de Chuva	Intervenções urbanas para promoção de convivência saudável com água da chuva.
Bazar da Débora	Bazar com muitos expositores.
Quinta do Barulho	<i>Happy hour.</i>
Curta Bike	Um passeio de bicicleta com paradas ao longo do percurso para exibição de curtas-metragens.
Tecer	Ação social.
Caminho Têxtil	Exposição de têxtil que serão expostos em várias cafeterias locais como forma de promoção da cultura.

Fonte: da autora com base nas entrevistas.

Destaca-se que as iniciativas indicadas no quadro 13, foram mencionadas nas entrevistas e também descritas em documentos do projeto. Abaixo, apresenta-se um descritivo de cada projeto.

A **Farrapos Florida**, é um evento promovido pelos participantes, no qual foi necessária uma aprovação prévia da prefeitura, para que a avenida fosse fechada em um domingo. A intenção era promover um evento em prol da paz no trânsito além de demonstrar solidariedade para família que perdeu o filho, que estava pedalando, por um atropelamento na Avenida Farrapos. Então organizou-se uma passeata pela avenida, onde os familiares e

comunidade local se mobilizaram para participar. Houve um abaixo-assinado para as pessoas apoiarem a solicitação feita à Prefeitura com a proposta de fechar de forma regular trecho do corredor de ônibus da Av. Farrapos e assim disponibilizar o espaço para a cidadania, como já ocorre em outros corredores de ônibus da cidade. Ao final da passeata um participante do DC, artista plástico, pintou uma bicicleta de rosa, a decorou com flores e pendurou em um poste da avenida, e outra participante, realizou uma oficina de origami, em que todos participaram.

O **Dia C** foi um evento realizado, onde 37 participantes do DC realizaram 47 atividades culturais e gastronômicas diferentes. Contando todos os dias do evento, somaram-se mais de 240 horas de atividades. O mais interessante, é que a ideia desse evento surgiu de forma involuntária. Um empreendimento integrante do DC estava fazendo aniversário e convidou a todos através da rede de contato que os integrantes possuem, com esse convite, outros empreendimentos que também estariam comemorando aniversário se manifestaram, e com isso, outros participantes foram demonstrando interesse em propor algo, e assim surgiu o Dia C. Um evento que surgiu da visão empreendedora dos participantes, que visualizaram uma oportunidade de ter mais compartilhamento de conhecimento e mais envolvimento, possibilitando muitas horas de atividades para comunidade geral, oportunizando grande visibilidade para área.

A **Horta Urbana** foi uma iniciativa também proposta integrantes do DC. Foi aceita por alguns integrantes e os arquitetos envolvidos realizaram o projeto. Assim os canteiros de algumas fachadas foram transformados em horta urbana. No entanto, a iniciativa não teve muito sucesso, em primeiro lugar, chegava uma água suja nos canteiros, logo, não era ideal para irrigação de comestíveis. Outro ponto que contribui para que a iniciativa não desse certo, foi a falta de engajamento da comunidade local, pois os alimentos ali produzidos estavam sendo arrancados pela população. Esse tipo de comportamento demonstra que o engajamento da comunidade local é primordial para que as ações sejam sustentáveis.

A **revitalização da praçinha** é um projeto que está iniciando. Uma integrante do DC conversou com outros participantes e com a população local, com objetivo revitalizar uma praça localizada na região do 4º Distrito. Atualmente a praça é cercada, e antes repleta de lixo. A primeira ação foi realizar um mutirão para limpeza, integrantes do projeto Distrito C e mais população local ajudaram. Os planos seguintes são realizar a retirada da cerca da praça, pintar uma de suas laterais e fazer um canteiro com horta urbana. Quanto a retirada da cerca, os integrantes estão em contato com um partido político para ajudar na retirada da grade. Com

relação a pintura do muro que tangencia a praça, os integrantes já possuem artistas interessados em fazê-la, e consideram de extrema importância, como falado em entrevista:

Nós já temos até artistas que querem pintar as paredes, porque quando a gente pinta a gente evita pichação que é a marcação de área de gangues. Isso já fica mais amigável para as pessoas (E14).

Observa-se que o interesse da população pela revitalização da pracinha é ponto em comum, visto que ela se apresenta como um espaço urbano importante para o DC. Assim, a população local, ao se sentir valorizada cria um sentimento de pertencimento e demonstra-se interessada na iniciativa da praça, principalmente a população mais jovem: “Eu tenho encontrado muito pessoal entre os 16 e 20 anos interessados nisso tudo, dizendo: “me chama me avisa”. Eles me cobram na rua" (E14).

A ação da revitalização da pracinha visa gerar grandes impactos positivos, e a população demonstra-se empolgada e engajada com tal iniciativa. Diferente da ação da horta urbana, esse projeto conseguiu engajar a população e gerar interesse em sua realização, o que proporciona maiores chances de sucesso.

[...] a filha de uma amiga veio dizer que acha legal, porque ela não tem lugar pra encontrar os amigos, ela tem que ir lá pro Moinhos de Vento, 24 de outubro...que não é nossa casa, não é nossa área...porque aqui não tem (E14).

O **Curta Bike** é um passeio de bicicleta com paradas ao longo do percurso para exibição de curtas-metragens. Trata-se de um evento cultural e gratuito que está disponível para toda a comunidade local e adjacentes.

Neste caso, a iniciativa é um exemplo de uma ideia que partiu de alguém de fora do DC, visto que uma produtora procurou o projeto, com o propósito de levar um pouco mais de cultura aos moradores e assim fazer projeções de curta metragem, ligado à questões urbanas em diferentes lugares do DC.

Neste contexto, observa-se que o projeto também é inclusivo e formado por parceiros de diversos locais.

As que as pessoas viriam de bicicleta, subiam lá, assistiam, depois pegavam a bicicleta e iam para o Vila Flores, no Vila Flores, viam e “talz”, pegavam a bicicleta e iam pro próximo. E foi uma ideia de fora, não foi uma ideia minha. Mas a produtora me mandou uma mensagem e eu passei pra todo mundo (E1)

A fim de criar a conscientização do uso da bicicleta como um processo cultural e criar um movimento que privilegia a produção cultural e de economia criativa locais – que inclui também o “conhecer” da cidade, o Curta Bike pretende aliar um circuito de passeio em duas rodas à produção cinematográfica nacional, de circulação tão limitada quanto as ciclovias existentes na capital gaúcha.

Tal iniciativa demonstra preocupação com questões importantes na atualidade, além de preocupar-se em engajar a comunidade nos temas a partir das curtas-metragens apresentadas.

A **Escola fora de Hora** é uma iniciativa da Fábrica do Futuro, que é um ecossistema de inovação e tecnologia voltado para talentos locais e internacionais com foco no desenvolvimento de *startups* e *scaleups* ligadas a áreas como arte, cultura, educação e entretenimento, como forma de se integrar a comunidade, oferecendo cursos gratuitos que serão ministrados pelos habitantes do local, de maneira voluntária, para ensinar o que sabem, como aplicativos, Excel, inglês ou gestão de empresas.

Tanto o **Caminho Têxtil como o Tecer** são iniciativas de um ateliê integrante do DC. Apesar de não ter outros integrantes participando das iniciativas, as ações nasceram dentro do DC e visam atender a comunidade de um modo geral. O caminho têxtil trata-se de uma exposição de têxtil, que serão expostos em várias cafeterias locais, possibilitando que a comunidade local tenha contato com arte e cultura. Já o Tecer, é uma ação voluntária que algumas do ateliê desenvolvem, tecendo mantinhas para doação.

O **Jardins de Chuva** foi uma oficina gratuita realizada no DC em parceria com o Seminário Cidade Bem Tradada. Jardins de Chuva são intervenções urbanas para promoção de convivência saudável com água. São áreas ajardinadas rebaixadas com relação ao seu entorno que acolhem a água de chuva captada em telhados, quintais ou vias de trânsito. São plantados com espécies de baixa demanda de água, dispensando irrigação senão em todo, ao menos em boa parte do ano. Além de oferecerem retenção, promovem recarga do lençol freático, aumentam a umidade do ar, promovem a retenção de poeira atmosférica, e melhoram a qualidade da água. São usados como política pública por municípios de diversas escalas em todo o mundo como estratégia fundamental para promoção segurança hídrica, sempre numa abordagem descentralizada.

O **Dia Verde** também foi uma iniciativa que deu continuidade à linha de ação sobre patrimônio ambiental que o DC desenvolve. Tais iniciativas, Dia Verde e Jardins de Chuva, também demonstram uma preocupação com questões importantes da atualidade, como aspectos

ambientais, além da preocupação de gerar engajamento da comunidade local, possibilitando contato com experiências importantes para sustentabilidade e melhoria da região como um todo.

As demais iniciativas citadas nas entrevistas estão relacionadas a ações que promovem melhorias principalmente para aspectos econômicos da região, pois trata-se de bazares, realizados em diferentes locais da região 4º Distrito, e com diferentes parceiros. Esses bazares com diferentes parcerias promovem mini eventos, com música e despertam interesse da população local e de outras regiões também, movimentando e trazendo mais visibilidade para região.

Tais iniciativas também despertam, de uma forma indireta, a questão do consumo consciente. O consumidor consciente sabe que pode ser um agente transformador da sociedade por meio do seu ato de consumo e, desta forma, tenta buscar o equilíbrio entre a sua satisfação pessoal e a sustentabilidade, maximizando os impactos positivos e minimizando os negativos de suas escolhas de consumo.

Então surge assim, pra eles é legal, porque também foi um momento de divulgação, trazer as pessoas aqui pra dentro para conhecer, inclusive os participantes do Distrito C que ainda não conheciam, e gente de fora (E1)

A gente promove eventos aqui dentro do antiquário, que atrai pessoas também. Muitas pessoas inclusive que vieram pela primeira vez pra essa região, vieram por conta do antiquário, disseram: "nossa a gente nunca veio pra esse lado." Isso que é importante, o crescimento dessa malha, eu acho que cada negócio atrai um pouco. Muita gente que vem atraída pelo meu negócio, não vinha atraída pelos outros, não por desmerecimento, por questão de interesse, isso eu acho bem importante (E10).

Observa-se que os empreendedores participantes se demonstram orgulhosos e engajados por promoverem e participarem tais iniciativas. Neste sentido, o comprometimento é um requisito essencial, visto que é um elemento fundamental para a criação de espaços conjuntos e colaborativos. Quando perguntado a respeito das ações desenvolvidas, a E14 respondeu: “[...] essa é a nossa missão, porque eu quero que especialmente os moradores daqui desçam dos seus prédios, caminhem na rua e vejam isso”.

Destaca-se neste projeto, que nem todas as iniciativas são de caráter assistencialistas ou destinadas a população de baixa renda. Também são desenvolvidas iniciativas em prol dos próprios empreendedores, de modo a contribuir com a sua qualidade de vida e mudança dos cenários em que estão envolvidos. No entanto, ao melhorar a condição de vida de alguns empreendedores, automaticamente alcança a comunidade e indiretamente geram um impacto para a população local. Além de demonstrarem preocupações com questões ambientais.

Além do desenvolvimento local, por meio de empreendimentos e empreendedores, o projeto também propicia oportunidades pontuais aos moradores da região, de modo que iniciativas de curto prazo (eventos ou ações direcionadas) também são fomentadas. Algumas das iniciativas não possuem caráter permanente, no entanto, seu impacto positivo pode ser considerado em longo prazo. Ao dizer que não possuem caráter permanente, leva-se em consideração que são eventos ou ações que possuem data de início e fim. O idealizador do projeto entende que as ações pontuais também possuem suas vantagens pois propiciam momentos de aprendizagem e compartilhamento de conhecimento com todos os envolvidos “[...]eu aprendi que é bom também, a gente também faz grandes eventos, porque isso mexe tanto para fora, quanto para dentro[...].”

No tocante ao modo que as iniciativas surgem, observa-se que as mesmas emergem espontaneamente e de diversas maneiras. Não há um calendário com ações especificamente desenhado para o ano e nem uma cronologia de que datas que irão acontecer. Elas emergem e acontecem de forma natural de acordo com os insights e necessidades de cada empreendedor envolvido com o projeto.

Em sua maioria surgem a partir de ideias dos próprios integrantes do Distrito C, no entanto, isso não é uma regra. Segundo o idealizador, a comunidade local tem total abertura para entrar em contato e sugerir alguma ação. Este fato é relevante porque pode apontar para um caminho de uma construção coletiva de eventos necessários as demandas da própria comunidade.

Surge uma ideia e a gente vai ver quem quer participar. As vezes um participante tem o seu projeto, e não tá afim que os outros colaborem, aí o projeto é dele, assinatura dele e ele convida os outros a irem. Todo mundo pode participar e dar sugestões e acrescentar (E1).

É importante finalizar essa seção, mencionando que o DC realizou outras diversas iniciativas, no entanto, aqui tratou-se apenas das mencionadas nas entrevistas realizadas com os partícipes do projeto.

Das iniciativas mencionadas, é possível evidenciar resultados positivos para a sociedade e região, conforme falas das entrevistas:

Isso acaba favorecendo economicamente a região. Qualidade atrai qualidade, não adianta dizer "que legal se viesse gente bacana pra cá". Se a pessoa ver que já existe uma rede de qualidade, que pra ele entrar ele já tá na rede, facilita muito [...] Eu acho que tu atrai mais gente de Juventos, Independência, Cidade Baixa, que vem aqui (E1).

[DIA VERDE] É difícil multiplicar, mas foi legal, tava cheio de criança (E1).

[...] muda o entendimento do fazer manual, muda o entendimento de comunidades, eu sou consultora do SEBRAE, trabalhei em várias comunidades, muda tudo. Muda pra eles e muda pra gente (E2).

BAH, é incrível, é revitalização, nós estamos numa pontinha quase desagregada, mas mesmo aqui, tu percebe a vizinha, do quanto foi importante a revitalização da casa, porque deu movimento (E3).

Esses dias saiu uma matéria no jornal que eu achei interessante. Aqui tem a turma do Moinhos de Vento, pessoal do poder aquisitivo e tal, aparentemente, e tem a turma Cidade Baixa, que é o pessoal mais alternativo e dificilmente alguém do Moinho de Vento vai pro Cidade Baixa e da Cidade Baixa pra o Moinho de Vento. A matéria dizia isso, eles estão se encontrando no Distrito C. Porque começou a abrir uma série de estabelecimentos gastronômicos, bares, cervejarias, donde esses dois grupos que não se uniam estão começando a se juntar aqui [...] A sociedade começa a ser partícipe disso. Eu acho que tá nesse estágio, de mostrar para a sociedade. Se nós estivéssemos em um estágio em que toda a sociedade soubesse, nós estaríamos lá em cima. Eu acho que é um processo (E4).

A gente tem uma relação forte com a rua, com o bazar, até vai ter agora sábado. A gente faz o bazar na rua e *happy hour*. Mas pra primavera/verão. E a gente abre a casa quinta do barulho (E5).

A gente fez um trabalho numa praça pública há umas 3 semanas atrás, que foi basicamente pra limpeza da praça pra trazer esse espaço aí para o convívio das pessoas de maneira mais bacana (E7).

E o nosso grande olhar é exatamente pra ter uma revitalização da parte urbana aqui e uma nova adequação, que a gente enxergava que poderia ser pela economia criativa [...] vem um caminhãozinho que faz exame das gurias, aqui. A comunidade também vem fazer exame de HIV, de várias coisas, uma vez por ano ele faz aqui (E9).

[...] isso melhora a região, melhorando região, vai abrir em outros lugares, aumentando a sensação de segurança. Muda a dinâmica do local. Isso as vezes é desejado por uns, temidos por outros, e desejado e temido pelos mesmos (E10).

Desde que a gente chegou aqui fizemos conexões muito legais, [...] já fiz algumas coisas com o Vila Flores. Fazemos muita troca, parceria e colaboração (E11).

Escola fora de hora e é justamente onde acontece trabalhos voluntários e gratuitos para comunidade, aula de inglês, aula de programação, aula de excel, aula de várias coisas que as pessoas não tem (E12).

É possível evidenciar o importante papel do DC para região do 4º Distrito, bem como para toda Porto Alegre.

4.2 TEMAS DA REVISÃO DA LITERATURA

Na presente seção será apresentado a categorização dos dados resultante da análise da revisão da literatura. Conforme apontado na revisão da literatura, seção 2.3, foi apresentado as características da IS que foram identificadas em projetos para RU. E que serão doravante confrontados com os resultados da pesquisa de campo.

Por uma questão de melhor entendimento, resgata-se esse quadro de forma sintética:

Quadro 14 - Características da Inovação Social em Projetos de Regeneração Urbana identificados na literatura

Características da Inovação Social encontradas na revisão da literatura	Descrição
Redes	Rede eficaz são compostas por bons relacionamentos com parceiros (SCHIRMER; CAMERON, 2012)
Relações Sociais	Parceiros são todos aqueles que desenvolvem algum tipo de relacionamento com os projetos (SCHIRMER; CAMERON, 2012).
Colaboração	A colaboração é um processo em que as partes trabalham em conjunto, sob diferentes perspectivas, exploram suas diferenças de maneira construtiva e procuram soluções que vão além da própria visão individual e limitada do que é possível, para uma solução integrada e coletiva (GRAY, 1989; HARRISSON; CHAARI; COMEAU-VALLÉE, 2012; SANZO <i>et al.</i> , 2015).
Satisfação das necessidades humanas	Atender às necessidades sociais, principalmente focando na satisfação de necessidades humanas (MOULAERT <i>et al.</i> , 2007; MULGAN <i>et al.</i> , 2007; BACON <i>et al.</i> , 2008) Reverter em valor para toda a sociedade e não somente para as empresas privadas (PHILLS; DEIGLMEIER; MILLER, 2008); Satisfazer as necessidades sociais, de forma a serem sustentáveis e gerem uma mudança e criar novas relações ou colaborações sociais (MURRAY; CAULIER-GRICE; MULGAN, 2010; BIGNETTI, 2011) e gerar de forma sustentável uma mudança social benéfica a um coletivo (BORGES <i>et al.</i> , 2015).
Melhoria na qualidade de vida	Vida com melhores instalações e melhores opções (SANTOS DELGADO, 2016).
Empoderamento	Empoderamento é visto na literatura como o fato de tornar o indivíduo autônomo, tornando-se protagonista de sua própria história (PRIM; AGUIAR; DANDOLINI, 2016).
Sustentabilidade	Maneira como a organização busca sobreviver, com foco nos três pilares: econômico, ambiental e social (MALEK; COSTA, 2015).
Escalabilidade	Transferível, reproduzível em outra comunidade (SANTOS DELGADO, 2016).
Coesão social	Trata-se de um conceito sociológico que está relacionado a uma espécie de estado pelo qual os indivíduos se mantêm unidos, integrados em um grupo

	social, ou, simplesmente, o estado de integração coesa do grupo social (BODART, 2019).
--	--

Fonte: da autora.

4.2.1 Temas da revisão da literatura identificados no estudo de caso

Na presente seção, serão apresentados os temas que foram identificados na revisão da literatura e que foram identificados em campo. São eles: empoderamento, satisfação das necessidades humanas, relações sociais, colaboração, sustentabilidade, redes, melhoria na qualidade de vida e escalabilidade.

Ainda na seção 4.2, serão apresentados os temas emergentes, sendo eles: gestão e coesão social (seção 4.2.2). Esses temas apareceram, de forma não equivalentes, no campo: gestão e na literatura: coesão social.

4.2.1.1 Rede

Para o estudo de caso, redes são todas as relações desenvolvidas com parceiros internos ou externos do DC. Assim, a rede ficou evidente de duas maneiras no DC: a rede interna e a rede geral, formada por diversos atores. A rede geral trata das parcerias com indivíduos externos ao projeto DC, enquanto a rede interna são as parcerias e *networkings* formados pelos próprios empreendedores integrantes do projeto do DC – Porto Alegre, que desenvolvem algum tipo de relação, com as iniciativas propostas pelos participantes. Destaca-se que há diferentes atores atuando na rede, como arquitetos, artistas, pequenos e médios empreendedores de diferentes setores.

Neste sentido, a rede interna se demonstra forte, emponderada e colaborativa. Com base nas entrevistas os participantes da rede interna mostraram-se orgulhosos por pertencerem ao DC e sentem-se apoiados no caso de alguma dificuldade.

Todo mundo se comunica, todo mundo se indica, isso funciona muito bem e Bah! Acho que é um apoio que a gente tem, se tiver com dificuldade alguém pode ajudar em alguma coisa, isso que é o principal. E também a questão da região, ela ficou bem conhecida, as pessoas procuram (E3).

Criou uma rede, e além disso eu vejo um seguinte [...] Às vezes não acontece nada mas a informação tá girando (E4).

Eu acho que é uma rede bem importante de intercâmbio, antes de mais nada, intercâmbio de ideias, de projetos, de informação, de tudo que diz respeito a

criatividade a economia criativa, e eu acho que acima de tudo é uma união de forças em prol de um objetivo comum (E10).

[...] desde que a gente chegou aqui fizemos conexões muito legais (E11).

Eu vejo como positivo a união dos membros, esse trabalho em rede, por existirem diversas áreas passamos de vizinhos, colegas, para clientes pois sempre precisamos de alguns serviços que alguém do distrito possa ter (E15).

A iniciativa mencionada nas entrevistas que mais demonstrou a força da rede interna, foi o Dia C, pois foi a partir de informações trocadas por essa rede, que resultou nas parcerias entre os participantes gerando a produção de um grande evento, com muita visibilidade.

Entretanto destaca-se também o papel da rede geral, pois alguns parceiros procuram o projeto por já terem ouvido falar das ações desenvolvidas. Como por exemplo o Curta *Bike* e Jardins de Chuva, que foram iniciativas que foram propostas por parceiros externos.

[...] alguém de fora, que não é um morador, é um produtor, que faz coisas na cidade, que conhece o Distrito C e diz assim "olha eu tenho uma ideia" (E1).

[...] começou os eventos no Villa e eles me chamaram pra colocar ali no Villa, aí eu vim me aproximando aos pouquinhos, por etapas (E8).

Todo mês uma pessoa bate aqui porque ouviu falar, porque leu no site do Jorge, esse fomento é interessante (E3).

Quanto maior a rede geral, mais consegue-se realizar um evento grande, que atinja maior número de pessoas, com muita visibilidade e impactos positivos para a comunidade e região como um todo.

[...] acaba chamando gente até de uma outra cidade e criando oportunidades como o jardim de chuva (E8).

4.2.1.2 *Relações Sociais*

As informações obtidas em campo, possibilita identificar que para esse estudo, as relações sociais são alcançadas a partir das parcerias, diversos atores, acordos, contatos entre outros.

[...] em 2015 a prefeitura começou um projeto no 4º Distrito, e eu conheci o CODNOME lá em Barcelona, então como ele vinha pra cá, eu de lá, organizei que ele viesse no Distrito C, que ele conhecesse o Distrito C, né? Já que era no 4º Distrito. A maioria das pessoas da prefeitura não conheciam nada do Distrito C, mas o CODNOME, que vinha de Barcelona sabia que tinha, e falava: "O Distrito C é fantástico" (E1).

[...] ligar as pessoas, criar um ambiente onde a informação circulasse melhor, todo mundo se conhecesse, e a partir daí deixar isso organicamente se desenvolver e fazer ações positivas, pequenas, médias e grandes (E1).

Uma vez teve gente que veio do vale do Jequití Noronha (E2).

[...] a parceria sobre cada um falar do seu produto, sobre seu negócio é uma certa predisposição favorável a quem faz parte [...] eu comecei a entrar no grupo onde as pessoas contam sua experiência (E4).

[...] a gente combina com quem quiser expor [...] aí a gente faz parceria com eles pra exporem no bazar (E5).

Eu tenho um bazar por mês, que ocupa a casa toda, com 20 expositores, entre 20 e 25 expositores. A galeria que tá fazendo, tá trazendo um público bem legal (E8).

Várias coisas a gente fez conversa com o vizinho, a gente teve participação bastante grande e acordo com a prefeitura (E9).

É possível identificar nas entrevistas que muitas relações sociais são formadas a partir das parcerias construídas, dos atores envolvidos, das iniciativas promovidas, e de outras diferentes maneiras.

Entretanto, essas relações poderiam ser mais fortes no que diz respeito a rede geral. Mesmo que ela ocorra com atores externos, a pequena participação do poder público, de instituições privadas não integrantes do projeto, ONG's, associações, academia e até mesmo da própria comunidade local, torna mais lento o avanço e reconhecimento do projeto, dificultando que o sucesso seja ainda maior.

O fato da praça ser um espaço público, não pode ser uma ação só do Distrito C, porque nem vai se manter. Então tem que envolver todo mundo. O pessoal do [PARTIDO POLÍTICO] (E1).

A pracinha tá gradeada [...] ainda assim, por ela estar numa esquina, ela tem toda aquela copa gigantesca da árvore, que faz bastante sombra e tudo mais, as pessoas não se sentem à vontade e nem convidadas a participar ali, ontem eu fui até o [PARTIDO POLÍTICO], porque era o pessoal do [PARTIDO POLÍTICO] que cuidava, era meio que adotada dele a praça. Então ontem eu fui lá. Semana que vem vou poder ir de novo. Eles anotaram na pauta (E14).

A baixa atuação por parte da prefeitura com políticas públicas que apoie o DC e a execução de benfeitorias físicas para a área, compromete a região como um todo, enfraquecendo o movimento, tornando imprescindível maior empenho por parte dos envolvidos para a sustentabilidade do projeto.

A gestão anterior tinha gente de dentro da prefeitura que gostava do Distrito C, e teve declarações na mídia sobre Distrito C. Na Atual administração, nem sabem o que é o Distrito C [...] (E1).

O apoio que nós precisamos é que a prefeitura faça o feijão com arroz, que toda prefeitura tem que fazer em qualquer bairro da cidade, que é não ter alagamento, não ter lixo na rua, ter segurança, pô, faz isso, ter escolas públicas legais (E1).

Em 2015 a prefeitura começou um projeto no 4º Distrito, e eu conheci o Piqué (que não é meu parente, apesar do sobrenome) lá em Barcelona, então como ele vinha pra cá, eu de lá, organizei que ele viesse no Distrito C, que ele conhecesse o Distrito C, né? Já que era no 4º Distrito. A maioria das pessoas da prefeitura não conheciam nada do Distrito C (E1).

[...] eu fui convidado para participar de uma reunião sobre o que eles estão tentando fazer como prefeitura [...] eles estão pensando, ainda estão em fase de análise de situações de pontos críticos. Tem uma série de pontos críticos que não precisa de análise, ou seja, tem o problema de alagamento, tem o problema de calçada, tem problema de segurança, isso daí é algo que há 20 anos atrás já tinha (E4).

Aqui é a rua mais bonita do mundo, tem um shopping, tem agora empreendimento aqui, que ta chamando [...] A gente tá tentando trazer movimento pra rua aqui, usa a rua, faz bazar e cadê a segurança? né? Então assim, é o mínimo que a prefeitura podia fazer. Tem uma baita proposta, uma propaganda enorme para Porto Alegre, para o bairro e aí a gente não tem segurança (E5).

4.2.1.3 Colaboração

No contexto das entrevistas, observa-se que nem sempre a colaboração é apresentada de uma forma entrosada. Visto que em alguns projetos e ou ações do DC a colaboração aparece até como um desafio no que diz respeito a participação da comunidade. Entretanto, observa-se que o trabalho colaborativo e grupo estão presentes.

Nesse dia [DIA DA FARRAPOS FLORIDA] a rua tá fechada e tá todo mundo convidado, claro né, pra participar, e eles participam (E1).

Uma de nossas participantes trabalha com origami, aí ela fez origami e todo mundo participou fazendo origami e penduramos e talz (E1).

Quando o cara entra no Distrito C, ele gosta dessa coisa mais colaborativa, tu gostas de pertencer a algo que tem outras pessoas legais (E1).

[...] eu acredito no coletivo, eu acho que a gente se unindo tem força, né? Eu acompanho as atividades do distrito” (E2).

Várias coisas a gente fez conversa com o vizinho, a gente teve participação bastante grande e acordo com a prefeitura (E9).

[...] e veio gente de longe, um amigo de uma conhecida pegou um ônibus pra vir participar, porque ele já participou da organização de algumas outras hortas, limpeza da horta do Guaíba (E14).

Um ponto que deve ser levado em consideração para tal comportamento da comunidade, é que mesmo o DC promovendo diversas iniciativas, e proporcionar muitos impactos positivos, fomentando a RU, ainda falta maior visibilidade e valorização, já que o poder público, moradores de outras regiões de Porto Alegre e até mesmo moradores da região do DC, desconhecem do projeto.

Neste sentido, percebe-se que este desconhecimento e falta de informação sobre o que de fato ocorre é um ponto a ser revisitado pelos partícipes do DC.

O mais difícil são os moradores, porque os moradores estão no mundo deles lá [...] Porque Porto Alegre não conhece o Distrito Criativo, a maioria das pessoas. O Vila Flores é o mais conhecido, e mesmo assim eu já cansei de falar: "Conhece o Distrito C? Não". Conhece o Vila Flores? Não. E o que é? Engenheiro, advogado? Não, é um designer, um arquiteto. Como é que não conhece? (E1).

Em 2015 [...] A maioria das pessoas da prefeitura não conheciam nada do Distrito C (E1).

Maior desafio acredito que a visibilidade. É um grupo que utiliza da força de vontade do idealizador, Jorge Piqué e dos membros [...] Posso falar como morador também. Não são todos os moradores que sabem do grupo Distrito C, porém os que sabem veem super positivamente. A comunidade passa a contar com mais opções de serviços e com qualidade (E15).

[...] Não deve ter dado certo o projeto, porque nunca ouvi falar (E16).

[...] Não conheço e nem ouvi falar (E17).

[...] ah, o 4º Distrito? [...] ah tá, eu pensava que se referiam ao 4º Distrito como Distrito C (E18).

4.2.1.4 Satisfação das necessidades humanas

A satisfação das necessidades humanas se dá a partir do atendimento às questões que não vem sendo amparadas pelo poder público, logo, o DC, a partir do desenvolvimento de iniciativas, atendem um *gap* da comunidade local. Seja ele econômico, ambiental, social ou até mesmo físico, no sentido de questões urbanas, como proposto pela iniciativa de Revitalização da Pracinha.

Ao promoverem ações com oficinas, por exemplo, como a iniciativa do Dia Verde, Jardins de Chuva e até mesmo a Farrapos Florida, geram empoderamento na comunidade local a partir do compartilhamento de conhecimentos, que de certa maneira é uma necessidade humana também, já que tais iniciativas não vêm sendo promovidas pelo poder público.

O Distrito C se baseia nas pessoas que estão aqui, porque elas vivem todo dia aqui, elas precisam resolver os problemas delas aqui (E1).

Quanto mais lugares bacanas, um público melhor, é melhor do que ser um lugar esquecido, como era no passado (E1).

[...] vem um caminhãozinho que faz exame das gurias, aqui. A comunidade também vem fazer exame de HIV, de várias coisas. Uma vez por ano ele faz aqui (E9).

[...] o legal era que tinha tantos objetos físicos para serem vendidos, pessoal que faz cerâmica, mas também tinha apresentação de dança, teve apresentação de poesia, teve um monte de atividade o dia inteiro (E3).

A gente tem um interesse em engajar a comunidade local (E11).

A gente tem o chamado “escola fora de hora” e é justamente onde acontece trabalhos voluntários e gratuitos para comunidade, aulas de inglês, aula de programação, aula de excel, aula de várias coisas que as pessoas não tem (E12).

Acredito que a instalação do Distrito C trouxe algumas melhorias para a região. É uma região com muito potencial histórico-cultural, que possui uma rede de serviços prontos. De 2013 para cá, percebi mais pessoas circulando nas ruas e principalmente, melhoria nos imóveis, recuperação, conservação (E15).

4.2.1.5 Melhoria na qualidade de vida

No que diz respeito a qualidade de vida, alguns aspectos precisam ser melhorados. Apesar de possuírem locais que possibilitem desfrutar experiências diferenciadas, como gastronômicas, musicais, artísticas, entre outras, a região do 4º Distrito enfrenta dificuldades como a falta de segurança, espaços urbanos deteriorados, problemas com lixo, edificações degradadas, pichadas e abandonadas, prostituição, drogas e alagamentos são alguns exemplos mencionados nas entrevistas.

A gente continua com os mesmos problemas urbanos, que já faz 4 anos, tem problemas de alagamento, problemas de lixo, segurança (E1).

E essa questão de segurança que é uma questão que já fizemos duas reuniões. A gente foi falar na brigada militar e a brigada: É o seguinte, a gente não tem viatura, e se tem viatura não tem gasolina (E1).

Essa rua aqui, tem um problema de segurança né? Você reparou nos cartazes? [ver figura 11] Então do ponto de vista do morador tem uma lógica chegar e colocar o cartaz [...] mas do ponto de vista de quem tá aqui, não é uma boa política (E1).

[...] tem o problema de alagamento, tem o problema de calçada, tem problema de segurança (E4).

A gente tá tentando trazer movimento pra rua, faz aqui, usa a rua, faz bazar e cadê segurança? né ? (E5)

[...] mas mesmo aqui, tu percebe a vizinha, do quanto foi importante a revitalização da casa, porque deu movimento. Hoje representamos quase o faturamento total do posto, porque a gente usa o estacionamento do posto (E3).

Em a questão também da prostituição que talvez também faça isso. Tem a parte de albergue, tem a vila dos papeiros, tem uma conotação de zona degradada. Eu acho que tem uma conotação ainda de zona marginal (E13).

As questões de segurança, acredito que precisaria de mais, diversidades de usos e horários, para que iniba um pouco a violência (E15).

Além dos problemas urbanos mencionados, nota-se uma forte preocupação com a questão da segurança. Essa preocupação estende-se desde a comunidade local até aos visitantes. Enquanto eu, como pesquisadora do trabalho, caminhava pela região, com o celular nas mãos, fazendo fotos, e gravador, fui orientada pelo segurança de um dos locais visitados, a Fábrica do Futuro, a tomar cuidado com o celular, aconselhou-me a guardar na bolsa para evitar um possível assalto.

Nota-se que a insegurança instaurada no local é grande, a figura 11, mencionada nas entrevistas, demonstra que os moradores locais, por conta própria, estão tentando mudar a situação de alguma maneira. No cartaz está escrito: “Atenção, área de assalto”. A intenção dos moradores é deixar atento quem frequenta o local, todavia, isso se apresenta de forma negativa para os empreendimentos locais, gerando certo afastamento de públicos consumidores.

Figura 11 - Foto do cartaz colocado por moradores



Fonte: da autora.

Entretanto, muitos pontos já foram melhorados desde o início do projeto DC. A qualidade de vida da comunidade local, e até mesmo dos empreendedores partícipes do projeto, vem melhorando de forma significativa com as iniciativas promovidas pelo DC. Os benefícios das iniciativas para a melhoria da qualidade de vida são descritos pelos entrevistados E3, E10 e E15.

O dono do posto brinca né....porque a gente aumentou muito a receita dele, por causa que a gente usa como estacionamento (E3).

Acaba que o Distrito Criativo, as atividades, as ações, que se costumaram em torno disso, vai desmistificar, acabam desmistificando esse tipo de coisa [...] E eu acho que a força do Distrito C e outras ações que acontecem aqui também acabam resolvendo isso [visibilidade negativa e insegurança] (E10).

Os membros do Distrito C, com seus negócios, possibilitam mais gente circulando nas ruas, melhorias nos imóveis o que causa um efeito dominó no entorno. O Distrito C faz muito bem para a região do 4º distrito e principalmente para o bairro Floresta,

onde concentram-se a maior parte dos membros [...] nos últimos 2 anos, presenciei que deu uma diminuída nos relatos de furtos, roubos e assaltos [...] O impacto social que o projeto gera para a região é muito positivo também, trouxe grandes melhorias (E15).

4.2.1.6 Empoderamento

Tornar as pessoas mais capazes é um dos objetivos do projeto que está explícito nos documentos analisados e também nas entrevistas. Neste sentido, o sentimento de pertencimento e empoderamento é algo que motiva os envolvidos no DC a estarem mais ativos na comunidade. Os entrevistados se demonstraram orgulhosos por fazerem parte do DC. Demonstraram-se satisfeitos por pertencerem ao projeto, uns pela possibilidade de formar uma rede, outros por sentirem que podem fazer algo e nesse sentido transformar o seu cotidiano e de quem está a sua volta.

[...] eu acredito no coletivo, eu acho que a gente se unindo tem força, né? Eu acompanho as atividades do distrito (E2).

[...] eu acho que se resgata uma autoestima, se cria uma situação de orgulho (E4).

[...] só pelo fato de estar ali com a alegria do outro (E5)

[...] me dá muito orgulho, de poder fazer parte [...] Eu ajudo a divulgar muito. Eu faço *stories* ali e esqueço até da minha loja [...] hoje eu acho que tá nítido na sociedade, são coworkings, são parcerias, é só assim pra gente mudar alguma coisa né? (E6).

O empoderamento vem acompanhado pelo reconhecimento e o sentimento de ter uma identidade (PRIM; AGUIAR; DANDOLINI 2016). Esse sentimento de orgulho, de algum modo contribui para que o projeto se mantenha vivo. Apesar dos entrevistados não mencionarem o termo “empoderamento”, esse sentimento de orgulho por pertencer ao Distrito C contribui para geração de mudanças sociais, ambientais, econômicas, físicas e até mesmo governamentais. Pois o orgulho os mantém engajados à promoverem iniciativas que impactam positivamente em tais aspectos.

Em questões sociais, proporcionam para comunidade diversas experiências e possibilidades de capacitação. Com relação aos aspectos ambientais, também atingem de uma forma positiva, pois algumas iniciativas mencionadas, como por exemplo: Dia Verde, Jardins de Chuva e Revitalização da praçinha, atendem questões ambientais. Os aspectos econômicos são atingidos por movimentarem a região como um todo, trazendo mais pessoas para desfrutarem dos empreendimentos da área. Os aspectos físicos são atendidos também, mesmo

que mais lentamente. A revitalização da praça é um exemplo. No que diz respeito aos aspectos governamentais, refere-se à gestão horizontal, onde os envolvidos na promoção das iniciativas também podem atuar em sua gestão.

4.2.1.7 Sustentabilidade

O termo sustentabilidade não é mencionado nas entrevistas, no entanto, pode-se considerar que o projeto DC é sustentável, considerando que a sustentabilidade é uma forma de atuação que se tornou permanente e que suas ações não comprometem de maneira negativa as próximas gerações. O projeto manteve-se por empenho dos próprios integrantes e idealizador, tornando-se sustentável pela força da rede interna. O vínculo entre os participantes se mantém, independente da falta de parcerias da rede geral e recursos externos.

O Distrito C são eles [INTEGRANTES DO PROJETO] trabalhando todos os dias, isso é o Distrito C, e a união deles, uma união que as vezes tá mais próxima e acaba resultando numa ação coletiva, ou uma união que é meramente assim, digital, que eles estão sabendo o que os outros estão fazendo, e as vezes se envolvem (E1).

Tudo que acontece é por "nós". Porém o grupo conta com aproximadamente 100 membros, não é pequeno, mas também não é grande (E15).

4.2.1.8 Escalabilidade

Esse termo não é mencionado nas entrevistas, todavia, a maneira como as iniciativas foram descritas pelos entrevistados, possibilitou considerá-las como escaláveis, já que é possível que tais ações sejam desenvolvidas em outros contextos e em outros locais. A ação “Jardins de Chuva” por exemplo, foi realizada em várias cidades, e em Porto Alegre, o DC foi o local escolhido para realização dessa iniciativa. No entanto, se houvesse uma preocupação em como cada iniciativa é desenvolvida, a escalabilidade teria maior sucesso.

A possibilidade de escalar as iniciativas também é identificada a partir dos bazares, mostras culturais e festivais realizados, pois as parcerias podem se modificar e essas ações serem desenvolvidas em diferentes áreas e com diferentes propostas.

Agora isso vai para um café do centro, e depois que fizermos esse roteiro eu vou propor para algum café daqui (E2).

Os dois canteiros, da minha fachada e da fachada do vizinho (E8).

4.2.2 Temas emergentes

O presente tópico apresenta os temas considerados relevantes que emergiram de forma não correspondentes à revisão da literatura e ao campo, de modo à complementar as discussões, análises e contribuições acadêmicas.

O tema que emergiu no campo, e não foi mencionado de forma enfática na revisão da literatura é “gestão”, enquanto que a literatura apresentou de maneira direta o tema “coesão social”, não como uma característica da IS, mas como algo relevante para sucessos de projetos de RU baseados em inovações sociais.

4.2.2.1 Gestão – Identificado no campo

Três tipos de dificuldades foram pautados pelo idealizador do projeto sobre a gestão. A primeira quanto ao aumento do número de participantes do DC, a segunda dificuldade mencionada sobre a gestão foi quanto a gestão colaborativa das iniciativas propostas e a terceira, quanto a necessidade de se ter uma pessoa fazendo a rede funcionar.

[...] na verdade é muito difícil quando o número cresce, quanto maior é, mais difícil (E1).

Quando se faz algum evento, se convida a comunidade, mas assim, é muito difícil você tentar alinhar, já é difícil alinhar só com eles, os participantes, se tu trás os moradores, cada morador acha uma coisa diferente, então eu prefiro assim, trabalhar com eles, e a partir deles isso vai impregnando (E1).

Eu fiquei 2016 e 2017 em Barcelona e quanto eu voltei, as pessoas me falavam: "Olha, a gente não fez nada", porquê? Precisa alguém sempre ligando, porque a tendência é dispersar, a tendência é cada um ficar resolvendo os seus problemas, então tu não tem uma disponibilidade de dizer: "pessoal vamos fazer." Nesse período não aconteceu praticamente nada no Distrito C, apesar de que eu de longe ainda ter contato, e a gente fazer coisas e conversar e eu divulgar (E1).

Não há um padrão no processo de gestão, não havendo uma liderança clara, nem um processo para tomada de decisões. Tudo acontece de forma espontânea e informal, onde o idealizar do projeto DC é responsável por “ligar as pontas”, e as tomadas de decisões, quando se fazem necessárias, acontecem de formas diferentes a cada iniciativa proposta. Ora em conjunto, ora com um gestor.

As vezes um participante tem o seu projeto, e não tá afim que os outros colaborem, aí o projeto é dele, assinatura dele e ele convida os outros a irem. Todo mundo pode participar e dar sugestões e acrescentar” (E1).

Entretanto, a literatura de RU reconhece a importância da gestão, pois reconhece que cada interveniente e cada ação se apresentam em ritmos diferentes, sendo necessário uma boa gestão de forma a reencaminhar recursos para manter o equilíbrio e possibilitar a conclusão de todos os objetivos do processo (ROBERTS; SYKES, 2000).

A literatura de RU e IS apresenta que há diferentes responsáveis pela gestão das iniciativas propostas. Elas podem ser geridas pelo poder público (QUEIRÓS, 2010; RADYWYL; BIGGS, 2013), entidades privadas (ANDRÉ; REIS, 2009; SAPORITO, 2017); ANDRÉ; ROUSSELE, 2010), pela academia (DI PRETE; MAZZARELLO, 2017) e até mesmo pela própria comunidade (NEMOTO; BIAZOTI, 2017).

Queirós (2010), por exemplo, aponta que é imprescindível a gestão do poder público nos projetos de RU, entretanto, as respostas são concebidas e implementadas pela própria comunidade.

Já no trabalho de André e Reis (2009), nota-se a arte, a partir de atividades circenses, como “gestora” de projetos que proporcionam RU com base em inovações sociais, ou seja, uma entidade privada gerindo tais iniciativas. O mesmo acontece no OrtiAlti, apresentado por Saporito (2017), uma empresa privada promove um projeto de pesquisa-ação com objetivo de revitalizar prédios urbanos abandonados ou subutilizados por meio de hortas comunitárias no último piso.

Nemoto e Biazoti apresentam hortas comunitárias com apoio de políticas públicas, no entanto, a gestão se dá exclusivamente pela comunidade. Enquanto Di Prete e Mazzarello apresentam um projeto desenvolvido e gerido pela universidade em que visam envolvimento e participação da comunidade.

4.2.2.2 Coesão Social – Identificado na literatura

Na revisão sistemática integrativa foi mencionado em quatro artigos (PULTRONE, 2017; SAPORITO, 2017; GARCÍA; EIZAGUIRRE; PRADEL, 2015; RADYWYL; BIGG, 2013) o tema “coesão social”, onde os autores apontam que os projetos RU fundamentados em inovações sociais também oportunizam e proporcionam o aumento da coesão social. Para

Oatley (1995) as boas práticas da RU são levantadas a partir de iniciativas que viabilizam a contribuição ao espírito comunitário e a coesão social.

Entende-se que coesão social trata-se de um conceito sociológico que está relacionado a uma espécie de estado pelo qual os indivíduos se mantêm unidos, integrados em um grupo social, ou, simplesmente, o estado de integração coesa do grupo social (BODART, 2019). Para que esse estado exista, é necessário que cada um dos indivíduos do grupo tenha motivação, podendo ser de diversas naturezas, logo, não há grupo social que não tenha coesão social. O que existe são grupos mais ou menos coesos. A coesão é elemento constituinte do grupo social (BODART, 2019).

Logo, é possível evidenciar que há coesão social entre os partícipes do projeto do Distrito C, pois os indivíduos do grupo possuem motivação, advinda de diferentes naturezas, que mantém a união e funcionamento do grupo. Essa perspectiva justifica a força que a rede interna do projeto apresenta.

5 ANÁLISE E DISCUSSÕES

Este capítulo apresenta a análise dos dados com base na literatura. Possibilitando que seja realizada a comunicação do conteúdo apresentado no capítulo 2, seção 2.3, com os resultados do estudo de caso apresentado. Em seguida apresentam-se as discussões para novos aprendizados, que contribuí para o avanço científico sobre as temáticas em questão.

5.1 ANÁLISE DOS DADOS

A presente dissertação, desenvolvida e analisada a partir de um método qualitativo, visa propor um modelo conceitual de regeneração urbana à luz de características da inovação social. Desse modo, foram identificados na literatura características da IS de modo que possam ser analisadas no contexto da RU. Para tanto, resgatam-se os elementos apresentados na revisão da literatura e comparam-se com os temas das análises dos dados, apresentados no capítulo anterior. Foi observado que características da IS descritas na literatura foram identificadas no estudo de caso, entretanto, nem todas apareceram claramente ou com os termos identificados na literatura, por exemplo: relações sociais, escalabilidade, sustentabilidade e rede.

O quadro 15 apresenta as características da IS que foram identificadas em projetos de RU na literatura e os temas correspondentes identificados no estudo de caso.

Quadro 15 - Características da IS identificadas na revisão x Temas identificados nas entrevistas

Características de IS encontradas em Regeneração Urbana	Temas identificados no Distrito C	Descrição
Redes	Rede Interna e Rede Geral	Rede eficaz são compostas por bons relacionamentos com parceiros (SCHIRMER; CAMERON, 2012).
Relações Sociais	Parcerias e Atores	Parceiros são todos aqueles que desenvolvem algum tipo de relacionamento com os projetos (SCHIRMER; CAMERON, 2012).
Colaboração	Colaboração	A colaboração é um processo em que as partes trabalham em conjunto, sob diferentes perspectivas, exploram suas diferenças de maneira construtiva e procuram soluções que vão além da própria visão individual e limitada do que é possível, para uma solução integrada e coletiva (GRAY, 1989; HARRISSON; CHAARI; COMEAU-VALLÉE, 2012; SANZO <i>et al.</i> , 2015).
Satisfação das necessidades humanas	Satisfação das necessidades humanas	Atender às necessidades sociais, principalmente focando na satisfação de necessidades humanas (MOULAERT <i>et al.</i> , 2007; MULGAN <i>et al.</i> , 2007; BACON <i>et al.</i> , 2008); Reverter em valor para toda a sociedade e não somente para as empresas privadas (PHILLS; DEIGLMEIER; MILLER, 2008); Satisfazer as necessidades sociais, de forma a serem sustentáveis e gerem uma mudança e criar novas relações ou colaborações sociais (MURRAY; CAULIER-GRICE; MULGAN, 2010; BIGNETTI, 2011) e Gerar de forma sustentável uma mudança social benéfica a um coletivo (BORGES <i>et al.</i> , 2015).
Melhoria na qualidade de vida	Melhoria na qualidade de vida	Vida com melhores instalações e melhores opções (SANTOS DELGADO, 2016).
Empoderamento	Empoderamento	Empoderamento é visto na literatura como o fato de tornar o indivíduo autônomo, tornando-se protagonista de sua própria história (PRIM; AGUIAR; DANDOLINI, 2016).
Sustentabilidade	Sustentabilidade	Busca da sobrevivência com foco nos três pilares: econômico, ambiental e social (MALEK; COSTA, 2015).

Escalabilidade	Escalabilidade	Transferível ou reprodutível em outras comunidades (SANTOS DELGADO, 2016).
----------------	----------------	--

Fonte: da autora.

As características da IS nos projetos de RU identificadas na revisão sistemática integrativa da literatura, seção 2.3, estão de acordo e alinhados às características apresentadas no referencial teórico. Isso possibilita considerar quais características possuem maior relevância para que haja contribuição na RU

Nas seções a seguir, serão discutidas as características da IS em RU encontrados na literatura e identificados no estudo de caso.

5.1.1 Características da Inovação Social na Regeneração Urbana encontradas na literatura e identificadas no estudo de caso

Na presente seção, serão analisados os temas encontrados na literatura e que emergiram no estudo de caso: redes (rede interna e rede geral), relações sociais (parcerias), colaboração, satisfação das necessidades humanas, melhoria na qualidade de vida, empoderamento, sustentabilidade e escalabilidade.

5.1.1.1 Redes

Da revisão da literatura realizada, foi possível identificar rede como uma característica de IS que contribui de forma significativa para RU. No estudo de caso realizado no DC, também foi possível identificar menções sobre rede, no entanto, para o caso, essa característica aparece de duas formas. Uma delas é a rede interna, que se refere as parcerias e *networking* que ocorrem entre os integrantes do projeto, e caracteriza-se de uma forma positiva, que contribui para RU, já que essa forte relação mantém a atividade do DC viva, com diferentes iniciativas sendo desenvolvidas.

Schirmer e Cameron (2012) afirmam que são os parceiros que possibilitam a criação de uma rede de relacionamento eficaz. Os parceiros são todos aqueles que desenvolvem algum tipo de relacionamento com os projetos. Esses atores apontam para a necessidade de se construir parcerias fortes e duradouras.

Outro fator, também enquadrado na característica de redes e considerado a partir das entrevistas, foi a rede geral, que são parceiros que contribuem em momentos eventuais e que

também se caracteriza de forma positiva, já que gera visibilidade e impactos positivos para a comunidade e região como um todo, visto que a visibilidade aumenta.

A revisão sistemática integrativa da literatura evidenciou que a rede é a característica da IS que mais é levada em consideração nos projetos de RU (MAHMOUD; BEVILACQUA, 2019; OSTANEL, 2017; PULTRONE, 2017; NEMOTO; BIAZOTI, 2017; DAPRÀ; FABI, 2017; SAPORITO, 2017; BAGAINI *et al.*, 2017; DI PRETE; MAZZARELLO, 2017; GARCÍA; EIZAGUIRRE; PRADEL, 2015; RADYWYL; BIGG, 2013; QUEIRÓS, 2010).

Os trabalhos analisados descrevem diversos projetos que visam a RU, e em 11, dos 15 artigos considerados para essa pesquisa, rede é um princípio de IS que está presente nesses projetos.

Segundo a literatura de RU, buscar o engajamento e a cooperação de múltiplas agências tornou-se o método preferido em processos de RU (ROBERTS; SYKES, 2010; CARTER, 2000), pois o trabalho em rede pode construir “interesses compartilhados, apoio recíproco e benefício mútuo com cada parceiro contribuindo de acordo com seus respectivos recursos, pontos fortes e áreas especialização” (CARTER, 2000, p. 49).

Neste sentido, essa pesquisa fortalece a evidência de que a rede (interna e geral, como encontrada no estudo de caso) possibilita o envolvimento entre os atores, que aponta para novos arranjos sociais, econômicos, financeiros, culturais e políticos, por meio de um processo construído de forma colaborativa e difundido por meio do compartilhamento do conhecimento. Desta forma, contribui para gerar maior visibilidade e impactos positivos para a comunidade e região como um todo.

Nessa perspectiva, é possível evidenciar que há coesão social na rede interna do projeto do DC, pois os indivíduos do grupo possuem motivação, advinda de diferentes naturezas, que mantém a união e funcionamento do grupo. Justificando a força que a rede interna do projeto apresenta.

5.1.1.2 Relações Sociais

No DC, as relações sociais e conexões são estabelecidas a partir de parcerias e relacionamento com atores. Parceiros são todos aqueles que desenvolvem algum tipo de relacionamento com os projetos (SCHIRMER; CAMERON, 2012).

Segundo a revisão da literatura, oito, dos 15 artigos selecionados para a pesquisa apresentam fortes relações sociais, ou seja, forte relacionamento com parceiros (MAHMOUD;

BEVILACQUA, 2019; OSTANEL, 2017; PULTRONE, 2017; NEMOTO; BIAZOTI, 2017; SAPORITO, 2017; DI PRETE; MAZZARELLO, 2017; GARCÍA; EIZAGUIRRE; PRADEL, 2015; RADYWYL; BIGG, 2013).

No estudo de caso, foi possível identificar que no que diz respeito às parcerias geradas a partir da rede geral, há uma dificuldade de criar fortes laços nas relações sociais, já que existe pouca atuação do poder público, ONG's, associações, academia e até mesmo da própria comunidade local.

Essa característica também está alinhada com a encontrada na literatura, e isso demonstra que requer mais atenção para que as relações sociais sejam mais fortes, já que são relevantes para RU.

Segundo Mendes (2013), existem quatro pontos que reforçam a parceria como uma característica relevante para RU. O primeiro deles é em relação a base formada, para que as tomadas de decisões estratégicas sejam participativas e negociadas, forçando a participação da população na definição de soluções mais indicadas para os desafios. Segundo, porque a RU envolve quase sempre grandes investimentos que dificilmente podem ser suportados por uma só entidade, seja ela pública ou privada. Um terceiro ponto é o de que os problemas urbanos que carecem de resolução revestem-se de grande complexidade e multidimensionalidade, logo as parcerias constituem-se pela participação como forma mais eficaz de possibilidade integração e abrangência das soluções propostas. O quarto e último ponto relaciona-se com o fato de as parcerias permitirem uma maior coordenação e complementaridade entre diferentes competências de diferentes agentes e, assim, ultrapassar as tradicionais barreiras institucionais.

Quando fala-se em redes e parcerias, indiscutivelmente fala-se em rede de atores envolvidos, que é a diversidade de atores que se conectam em forma de rede com um propósito comum (PRIM; ZANDEVALLI; DANDOLINI, 2019). Tratando-se de atores, a revisão da literatura possibilitou identificar uma diversidade de atores que podem compor os projetos para RU, como por exemplo: organizações públicas, organizações privadas, ONG's, cooperativas, associações, comunidade, academia e até mesmo incubadoras.

Ainda segundo a revisão, quase 74% dos artigos analisados contam com o apoio de organizações públicas para projetos de RU. Esse dado possibilita inferir que isso é um desafio enfrentado pelo DC, já que há pouca relação com poder público e sabe-se que as relações criadas através de parcerias, na maioria das vezes, apresentam laços benéficos e duradouros (SANZO *et al.*, 2015). Para esses autores, essa nova forma de colaboração entre a rede de atores (públicos,

privados, associações sem fins lucrativos, cidadãos, voluntários) torna-se uma característica da IS.

5.1.1.3 Colaboração

No Distrito C, observa-se que nem sempre a colaboração é apresentada de uma forma entrosada. Visto que em alguns projetos e ou ações, a colaboração aparece até como uma barreira no que diz respeito a participação da comunidade. Entretanto observa-se que o trabalho colaborativo e grupo estão presentes.

A colaboração é indicada na literatura como uma das características essenciais para o desenvolvimento da IS (SCHOOR *et al.*, 2016; BIGNETTI, 2011; MURRAY; CAULIER-GRICE; MULGAN, 2010). É admitida como um processo em que as partes trabalham em conjunto, sob diferentes perspectivas, exploram suas diferenças de maneira construtiva e procuram soluções que vão além da própria visão individual e limitada do que é possível, para uma solução integrada e coletiva (GRAY, 1989; HARRISSON; CHAARI; COMEAU-VALLÉE, 2012; SANZO *et al.*, 2015).

Esse aspecto torna a colaboração um ponto muito relevante, possibilitando evidenciar que quanto maior a colaboração entre os atores, maior a contribuição ao desenvolvimento de projetos para RU.

Porém, tendo em vista o conceito de colaboração trazido pela literatura, admite-se que o desconhecimento sobre o DC pode acarretar a falta de entrosamento e até mesmo engajamento em algumas situações, visto que a colaboração é um processo em que as partes trabalham em conjunto. Logo, para que seja possível aumentar o engajamento e colaboração é necessário que se tenha conhecimento do processo como um todo, sendo assim importante maior divulgação do projeto e seus resultados entre a comunidade, poder público e outros atores.

5.1.1.4 Satisfação das necessidades humanas

A revisão da literatura trata de diferentes conceitos sobre IS e em todos eles o requisito de atendimento às necessidades humanas está presente. Por exemplo: (a) atender às necessidades sociais, principalmente focando na satisfação de necessidades humanas (MOULAERT *et al.*, 2007); (b) satisfazer necessidades sociais (MULGAN *et al.*, 2007; BACON *et al.*, 2008); (c) reverter em valor para toda a sociedade e não somente para as empresas

privadas (PHILLS; DEIGLMEIER; MILLER, 2008); (d) satisfazer as necessidades sociais, de forma a serem sustentáveis e gerem uma mudança e criar novas relações ou colaborações sociais (MURRAY, CAULIER-GRICE E MULGAN, 2010; BIGNETTI, 2011) e (e) gerar de forma sustentável uma mudança social benéfica a um coletivo (BORGES *et al.*, 2015).

No DC, a satisfação das necessidades humanas se dá a partir do atendimento às questões sociais que não vem sendo amparadas pelo poder público, desenvolvendo iniciativas que atendem tal gap da comunidade local. Essas necessidades não estão ligadas somente aos aspectos sociais, mas também em gerar valor para toda a sociedade, como colocado por Phills, Deiglmeier e Miller, (2008).

Nesse sentido, as iniciativas desenvolvidas pelo DC conseguem atender de forma significativa, pois mesmo que não haja colaboração ou engajamento da comunidade, em todas as ações, as iniciativas sempre trazem para região algum tipo de melhoria econômica, ambiental ou física, e atingem, mesmo que indiretamente, às necessidades humanas da comunidade local. Desse modo, a qualidade de vida também é atingida de maneira direta, pois se há melhorias em aspectos econômicos, ambientais ou físicos, há uma melhora em aspectos sociais também e contribuem diretamente para qualidade de vida.

Segundo a revisão sistemática da literatura, apenas em seis artigos os projetos apresentados partem do atendimento das necessidades humanas (TRILLO, 2019; MAHMOUD; BEVILACQUA, 2019; NEMOTO; BIAZOTI, 2017; BAGAINI *et al.*, 2017; ANDRÉ; ROUSSELLE, 2010; QUEIRÓS, 2010), entretanto, isso não significa que essas necessidades humanas não estejam sendo atendidas nos demais estudos. O ponto central desses seis artigos mencionados é que sua motivação para desenvolvimento das iniciativas partiu especificamente de alguma necessidade humana local.

Assim, com base nos casos da literatura e também no caso do DC, pode-se supor que nos projetos de RU, embora nem sempre se inicia de uma necessidade humana (como seria o caso dos projetos de IS), o seu resultado acaba satisfazendo alguma necessidade humana.

5.1.1.5 Melhorias na qualidade de vida

Tendo em vista que qualidade de vida está relacionada com melhores instalações e melhores opções (SANTOS DELGADO, 2016), cabe ressaltar que o DC possui algumas características de IS que poderiam ser trabalhadas de forma mais atenta, de modo a obter melhores resultados na RU.

Apesar de possuírem locais que possibilitem desfrutar experiências diferenciadas, como gastronômicas, musicais, artísticas, entre outras, a região do 4º Distrito ainda enfrenta dificuldades como a falta de segurança, espaços urbanos deteriorados, problemas com lixo, edificações degradadas, pichadas e abandonadas, prostituição, drogas e alagamentos são alguns exemplos mencionados nas entrevistas.

Mahmoud e Bevilacqua (2019), Nemoto e Biazoti (2017), Queirós (2010), André e Reis (2009), mencionam em seus trabalhos a relevância e a preocupação com melhorias na qualidade de vida da comunidade.

Considerando que o atendimento das necessidades humanas está diretamente relacionado com a qualidade de vida, pode-se considerar que 67% dos estudos têm como diretrizes essas duas características da IS para o incremento da RU.

A revisão integrativa sistemática da literatura possibilita identificar que apesar de qualidade de vida e satisfação das necessidades humanas não serem mencionadas como focos centrais em suas pesquisas, nota-se que os projetos que tiveram esse ponto como alicerces, possuíram também mais relações sociais, colaboração, empoderamento e sustentabilidade.

5.1.1.6 Empoderamento

O DC tem como uma de suas finalidades tornar as pessoas mais capazes. Nesse sentido, o sentimento de pertencimento e empoderamento é algo que motiva os envolvidos a estarem mais ativos na comunidade.

A literatura define empoderamento como o ato de tornar o indivíduo mais autônomo, tornando-se protagonista de sua própria história (PRIM; AGUIAR; DANDOLINI, 2016). O empoderamento vem acompanhado pelo reconhecimento e o sentimento de ter uma identidade. Esse sentimento de orgulho de pertencer, de algum modo contribui para que o projeto se mantenha vivo, contribuindo assim para sua sustentabilidade.

A revisão integrativa sistemática da literatura realizada nessa pesquisa demonstra que nove, dos 15 artigos analisados abordam o empoderamento como uma característica para RU (MAHMOUD; BEVILACQUA, 2019; KHAN *et al.*, 2017; NEMOTO; BIAZOTI, 2017; SAPORITO, 2017; BAGAINI *et al.*, 2017; GARCÍA; EIZAGUIRRE; PRADEL, 2015; RADYWYL; BIGG, 2013; QUEIRÓS, 2010; ANDRÉ; REIS, 2009).

O empoderamento é apresentado como característica de IS presente nos projetos para RU, o que é relevante para o engajamento da comunidade e um ponto pertinente para sustentabilidade.

No DC, o empoderamento apresenta-se de maneira forte, no que diz respeito aos partícipes do projeto e da comunidade que de algum modo se envolvem com determinadas iniciativas propostas pelo projeto. Mesmo que o termo “empoderamento” não tenha sido mencionado nas entrevistas, nota-se esse sentimento de orgulho por pertencer ao DC, e isso contribui para geração de mudanças sociais, ambientais, econômicas, físicas e até mesmo governamentais. Pois o orgulho os mantém engajados a promoverem iniciativas que impactam positivamente em tais aspectos.

5.1.1.7 Sustentabilidade

No que tange a sustentabilidade, Malek e Costa (2015) a entendem como a busca pela sobrevivência, com foco nos três pilares: econômico, ambiental e social. O setor econômico representa o fato de manter-se financeiramente ativo no mercado. No ambiental, trata-se da responsabilidade de não comprometer o uso dos recursos naturais das futuras gerações e no contexto social, o respeito e a qualidade de vida dos seres humanos e conseqüentemente da comunidade (CHAMBERS; CONWAY, 1992).

O termo sustentabilidade não é mencionado nas entrevistas, no entanto, pode-se considerar que o projeto DC é sustentável, considerando que a sustentabilidade é uma forma de atuação que se tornou permanente e que suas ações não comprometem de maneira negativa as próximas gerações. O projeto manteve-se por empenho dos próprios integrantes e idealizador, tornando-se sustentável pela força da rede interna. O vínculo entre os participantes se mantém, independente da falta de parcerias da rede geral e recursos externos, visto que o projeto se mantém vivo e forte, mesmo com a rede geral participando de modo eventual.

No que diz respeito a revisão sistemática integrativa, foi possível identificar que em apenas três estudos a sustentabilidade das iniciativas foram levadas em consideração para planejamento das ações para RU (DAPRÀ; FABI, 2017; RADYWYL; BIGG, 2013; QUEIRÓS, 2010). Isso demonstra que esse princípio, apesar de muito relevante para o sucesso das iniciativas, precisa ser mais levado em consideração. Os demais projetos apresentados nas pesquisas também demonstraram-se tornar-se sustentável, no entanto, isso aconteceu de forma casual, e não por ter sido pensadas estratégias específicas para tal.

Para os envolvidos no projeto DC, cabe ser repensado a respeito da sustentabilidade, pois apesar do projeto ser classificado como sustentável, essa característica acontece principalmente por motivações da rede interna. Caso a sustentabilidade do projeto seja pensada com mais afinco, novas redes e relações sociais podem se formar, possibilitando recursos externos para o incentivo de mais iniciativas, contribuindo para RU.

5.1.1.8 Escalabilidade

Assim como o termo sustentabilidade, a escalabilidade não foi mencionada de forma direta pelos entrevistados. É possível inferir que isso ocorre dado ao caráter espontâneo referente ao surgimento das iniciativas propostas. Apesar de sempre terem preocupações em promoverem impactos positivos, não há uma agenda com ações a serem “lançadas”, ou até mesmo um processo ou protocolo para planejamento delas.

Entretanto, nota-se a partir das entrevistas, que algumas iniciativas são passíveis de serem escaladas, visto que atualmente muitas delas são transferíveis ou reprodutíveis em outras comunidades (SANTOS DELGADO, 2016). Possibilitando que sejam expandidas para diferentes pontos da região do 4º Distrito.

No que tange a revisão sistemática integrativa é possível identificar que os trabalhos que tiveram preocupações em tornar as ações escaláveis são de Queirós (2010), Saporito (2017) e André e Reis (2009), nota-se que os projetos apresentados pelos seguintes autores são a partir de instituições privadas, o que justifica tal preocupação com a escalabilidade das iniciativas propostas para RU.

5.1.2 Desafios e Facilitadores do Distrito C

Visando atender o objetivo da pesquisa, os elementos categorizados provenientes da associação da literatura com as entrevistas foram divididos em facilitadores e barreiras, pois desse modo, é possível realizar uma análise das características da IS encontrados no campo, com os identificados na literatura, que contribuem para RU.

Além disso, categorizando-os em facilitadores e desafios, é possível visualizar quais aspectos precisam ser olhados com mais atenção, possibilitando que o projeto alcance maior sucesso, visibilidade e viabilidade.

De modo a sintetizar e possibilitar a visualização de forma mais objetiva e clara, o quadro 16 apresenta as características de IS do DC que classificam-se como facilitadores e desafios que podem contribuir para regeneração urbana.

Quadro 16 - Facilitadores e Desafios do Distrito C

	Temas analisados	Justificativa
Facilitadores	Redes (Rede Interna e Geral)	A rede interna caracteriza-se como um facilitador do caso por dispor coesão social, demonstrando força e motivação do grupo. A rede geral, também é atribuída como um facilitador, por haver parceiros externos que contribuem eventualmente. Entretanto, a rede geral é cabível mais atenção, de modo que mais parceiros externos contribuam.
	Empoderamento	O sentimento de pertencimento e empoderamento é algo que motiva os envolvidos no Distrito C a estarem mais ativos na comunidade.
	Sustentabilidade	Mesmo que não seja o termo mencionado claramente, o projeto mantêm-se ativo por motivação e empenhos dos partícipes.
Desafios	Relações sociais	Muitas relações sociais são formadas, entretanto, essas relações poderiam ser mais fortes no que diz respeito a rede geral, pois a pequena participação do poder público, de instituições privadas não integrantes do projeto, ONG's, associações, academia e até mesmo da própria comunidade local, torna mais lento o avanço e reconhecimento do projeto, dificultando que o sucesso seja ainda maior.
	Colaboração	A colaboração nem sempre é apresentada de forma entrosada, visto que a participação da comunidade aparece como uma dificuldade.
	Escalabilidade	Apesar do Distrito C possuir iniciativas que são escaláveis, o fato de não possuírem um processo e um planejamento para as mesmas não facilita a escalabilidade. Se houvesse uma preocupação em como cada iniciativa é desenvolvida, a escalabilidade teria maior sucesso.
	Gestão ⁴	A gestão no projeto apresenta três dificuldades pautadas: aumento do número de participantes; gestão colaborativa e a necessidade de se ter uma pessoa fazendo com que a rede funcione.

Fonte: da autora, com base nas entrevistas e revisão da literatura

A satisfação das necessidades humanas e a melhoria na qualidade de vida não foram categorizadas como facilitadores e barreiras dado ao fato de que ambas não se enquadram como aspectos atenuantes ou limitantes das iniciativas, mas sim como resultado do processo de RU.

⁴ Gestão foi um aspecto que emergiu do campo e apresentou-se como uma barreira, pois dificulta um maior sucesso do projeto Distrito C.

No caso do empoderamento, o mesmo também enquadra-se como resultado do processo, no entanto, no caso do DC, ele já se apresenta de maneira positiva no sistema.

5.2 DISCUSSÃO

Na seção 5.1 foram apresentadas e analisadas as características da IS que contribuem para RU, a partir de uma análise baseada na revisão sistemática da literatura e das informações extraídas das entrevistas realizadas no DC.

Embora o DC esteja caminhando de forma positiva e alcançando sucesso e contribuindo em termos para RU, ainda existe uma lacuna, principalmente em termos de colaboração, rede geral e relações sociais, dado ao fato a importância do envolvimento do poder público em projetos de RU.

O poder transformador da IS, como um mecanismo de contribuição para a RU, deriva do seu potencial de mudança, sendo ela local ou em contextos institucionais, políticos, socioeconômicos e culturais específicos. A IS pode abrir janelas para um diálogo mais democrático, compartilhamento de conhecimento e visões compartilhadas com os cidadãos e associações cívicas, a fim de imaginar soluções socialmente inovadoras que abordam as necessidades das pessoas, e da região (HAMDOUCH; NYSETH, 2019).

A IS pode ser considerada um campo produtivo na RU, referindo-se ao desenvolvimento territorial concebido como um processo de RU que é intrinsecamente dependente do caminho e do contexto. A IS no tecido vivo existente em bairros, por exemplo, é tida como responsável para uma mudança sócio-espacial, e supostamente visa mudar as relações sociais entre indivíduos e grupos, bem como a relação de poder no processo de planejamento (OSTANEL, 2017).

A literatura demonstrou a relevância de tratar em conjunto RU baseadas em características da IS, e o estudo de caso possibilitou identificar que de certo modo, as características que emergiram no campo estão alinhadas com os identificados na literatura.

Entretanto, algumas das características da IS identificadas em campo carecem de mais atenção, de modo a contribuir de maneira mais satisfatória na RU local. Tais características de IS identificadas também estão alinhadas com a literatura de RU, o que reforça ainda mais o trabalho em conjunto dos construtos dessa pesquisa para garantir sucesso às iniciativas.

A gestão, sustentabilidade e escalabilidade são elementos que poderiam ser pensados com mais afinco pelos participantes do DC, já que para elaboração de planos de RU, é indispensável considerar estratégias, que são como os meios utilizados para se atingir objetivos

e assegurar a efetividade de políticas e programas urbanos, sendo os veículos da realização das ações (AMADO, 2005), além de preocupar-se com a escalabilidade das iniciativas, já que o modelo escalável se utiliza uma série de estratégias para disseminar a inovação (MURRAY; CAULIERGRICE; MULGAN, 2010, p. 13).

No que diz respeito a rede, mais especificamente a rede geral, é fundamental para maior sucesso das iniciativas propostas, que se tenha parcerias externas, o apoio do poder público contribuiria com recursos e políticas públicas que auxiliaram para maior alcance das iniciativas (MENDES, 2013).

No quesito relações sociais e colaboração, o DC também atingiria maior visibilidade e melhores impactos positivos para região, se conseguissem engajar mais relações sociais e colaboração da comunidade local, visto que recursos financeiros, infraestrutura, acesso à rede, network, alianças estratégicas, laços informais (voluntariado) e até recursos organizacionais e de assessoria empresarial são alcançados a partir das parcerias firmadas entre os atores a fim de avaliar a IS (UNCETA; CASTRO-SPILA, 2015) e contribuir para RU. A ativação de novas conexões e colaborações além do nível de bairro, bem como a construção de relações sociais dentro espaços públicos inéditos contribuem para RU e geram impactos positivos para região (OSTANEL, 2017).

Todavia, essas dificuldades não são exclusivas do DC, a revisão sistemática da literatura possibilitou identificar que mesmo que as características da IS contribuam para RU, obstáculos ainda são encontrados. Os desafios que dificultam a RU identificados na literatura dizem respeito ao processo participativo da comunidade (OSTANEL, 2017; RADYWYL; BIGG, 2013; QUEIRÓS, 2010), políticas públicas (OSTANEL, 2017; NEMOTO; BIAZOTI, 2017; SAPORITO, 2017; ANDRÉ; ROUSSELLE, 2010) e recursos (OSTABEL, 2017; ANDRÉ; ROUSSELLE, 2010).

Nota-se que o DC enfrenta as mesmas dificuldades identificadas na literatura, o que demonstra a necessidade de maior atenção nas características emergidas em campo e identificados na literatura.

A bibliografia traz uma forma de driblar uma grande dificuldade enfrentada pelo DC, a falta de relação com o poder público. Saporito (2017) sugere que a partir da implementação do projeto de RU e a demonstração dos resultados que estão sendo alcançados ao poder público, este poderia reconhecer a efetividade do projeto e passar a contribuir para que maiores resultados fossem alcançados.

Além disso, a literatura reforça a importância da IS para RU. Trillo (2019) aponta que as inovações sociais em projetos de RU possibilitam um crescimento inclusivo e alcançando resolutivas de desafios sociais. Já Mahmoud e Bevilacqua (2019) acreditam que a IS pode ser utilizada como uma abordagem para a **qualidade de vida** individual e coletiva, podendo partir da satisfação das necessidades humanas (materiais e não materiais), relações sociais entre indivíduos e grupos em diferentes escalas espaciais, empoderamento, com iniciativas de micro nível trazendo mudanças positivas no nível macro.

Khan *et al.* (2017) acredita que os projetos com características de IS que visam alcançar uma RU, geram um engajamento da população, pois as comunidades participam ativamente no planejamento de suas comunidades e na visão futura das cidades, transformando a governança nas mesmas. Bagaini *et al.* (2017) complementa dizendo que as características da IS inspiram e orientam os projetos de RU, envolvendo os cidadãos (colaboração) e suas necessidades, proporcionando o empoderamento da comunidade.

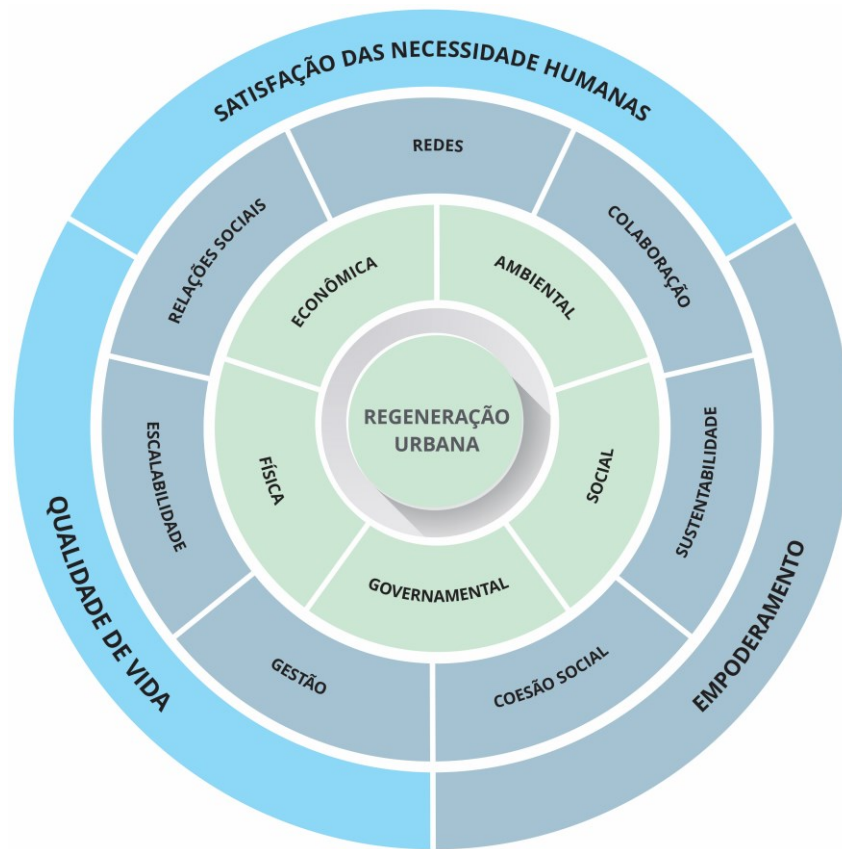
Radywyl e Bigg (2013) apontam que as características da IS em RU proporcionam um aumento nas relações sociais e colaboração entre os membros da comunidade e sua vizinhança, tornando-se potenciais em longo prazo como uma solução urbana sustentável. Enquanto Nemoto e Biazoti (2017) complementam indicando que as ações que partem da satisfação das necessidades humanas promoverem transformação nas relações sociais e capacitação dos cidadãos e bairros.

E para fechar o reforço que a literatura traz a respeito da relevância das características de IS para RU, Queirós (2010) aponta em seu trabalho que regenerações urbanas que emergem de uma necessidade social não atendida, proporcionam melhoria da qualidade de vida e promovem empoderamento, participação da comunidade e resultam em desenvolvimento urbano sustentável, podendo tornar-se muito mais explorada se partir de um modelo escalável.

Por fim, encerra-se essa discussão com a constatação de que redes, relações sociais, colaboração, satisfação das necessidades humanas, melhorias na qualidade de vida, empoderamento, sustentabilidade, escalabilidade, gestão e coesão social são características da IS que contribuem para RU.

De modo a clarificar as análises e discussões aqui apresentadas, a figura 12 visa representar de forma sintética as características da IS relevantes para RU, apresentadas na revisão da literatura. Desse modo é possível visualizar de forma objetiva e direta, quais características da IS devem ser consideradas para iniciativas/ações referentes a projetos para RU.

Figura 12 – Modelo conceitual de Regeneração Urbana à luz de características da Inovação Social



Fonte: da autora, com base na análise dos dados.

A revisão da literatura apontou que a RU atua na perspectiva de cinco dimensões: Ambiental, Econômica, Social, Governamental e Física, conforme representada na figura 12. A dimensão social trata de questões relacionadas à melhoria do bem-estar e qualidade de vida das pessoas, análise de estresse social, privação, habilidades e capacidades, instalações comunitárias, questões étnicas e outras minorias (ROBERT; SYKES, 2000). A dimensão econômica trata de questões sobre estrutura da economia local, fluxos de renda, emprego e desemprego, produção, ligações econômicas (ROBERT; SYKES, 2000). Já em relação a dimensão ambiental, considera-se qualidade física urbana, uso de recursos ambientais, gestão de resíduos, poluição, características projetadas, paisagem (ROBERT; SYKES, 2000).

No que tange a dimensão física, diz respeito à espaços devolutos e ou zonas industriais abandonadas, considerados vazios urbanos, a fim de promover a reutilização de edificações desocupadas, bem como a melhoria das infraestruturas, dos equipamentos e dos serviços

urbanos (ROBERT; SYKES, 2000). E por fim, a dimensão governamental compreende as estruturas formais do Estado (a constituição, as instituições representativas e maioritárias e os níveis de governo, o sistema jurídico e judiciário), as redes mais amplas através das quais o poder flui e é atribuído a uma determinada sociedade (instituições da Sociedade civil e do setor privado), patrocinando o envolvimento comunitário, com atuações de parcerias compostas pelos setores mencionados acima (COUCH; SYKES; BORSTINGHAUS, 2011).

A revisão sistemática integrativa em conjunto com o estudo de campo, possibilitou identificar as características da IS que podem contribuir para RU, sendo eles: **redes, relações sociais, colaboração, empoderamento, sustentabilidade, escalabilidade, satisfação das necessidades humanas, melhoria da qualidade de vida**, além da **coesão social e gestão**.

Tais características foram dispostas em níveis, de modo a demonstrar que o terceiro nível são as características que mostram-se relevantes para promoção de RU (redes, relações sociais, colaboração, coesão social, gestão, escalabilidade e sustentabilidade), e o último nível são as características que se apresentam como resultado da RU à luz da IS (atendimento das necessidades humanas, qualidade de vida e empoderamento). Destaca-se que o empoderamento se faz relevante tanto como característica para promoção da regeneração urbana, pois contribui para a sustentabilidade das iniciativas, tanto como resultado, pois pode-se alcançar empoderamento a partir das propostas.

Essa classificação e apresentação da RU à luz da IS, figura 12, se deu a partir das análises realizadas em campo e da literatura, o que possibilitou inferir-se a síntese apresentada.

Por fim, esclarece-se que essa classificação e enquadramentos das características de IS nas dimensões de RU se deu a partir da análise dos dados do campo juntamente com a análise dos dados da literatura.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E TRABALHOS FUTUROS

Neste capítulo fica apresentado as considerações finais da presente pesquisa, bem como as recomendações para trabalhos futuros.

6.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação visou propor um modelo conceitual de regeneração urbana à luz de características da inovação social. Para tal, fundamentou-se a pesquisa em uma revisão sistemática integrativa da literatura e um estudo de caso, sendo este o DC, em Porto Alegre – RS, com foco em elucidar a temática acima mencionada.

No que tange a RU, a presente dissertação adotou que a mesma atua na perspectiva de cinco dimensões: ambiental, econômica, social, governamental e física. Onde a dimensão social trata de questões relacionadas à melhoria do bem-estar e qualidade de vida das pessoas, análise de estresse social, privação, habilidades e capacidades, instalações comunitárias, questões étnicas e outras minorias (ROBERT; SYKES, 2000). A dimensão econômica trata de questões sobre estrutura da economia local, fluxos de renda, emprego e desemprego, produção, ligações econômicas (ROBERT; SYKES, 2000). Já em relação a dimensão ambiental, considera-se qualidade física urbana, uso de recursos ambientais, gestão de resíduos, poluição, características projetadas, paisagem (ROBERT; SYKES, 2000). Com relação a dimensão física, diz respeito à espaços devolutos e ou zonas industriais abandonadas, considerados vazios urbanos, a fim de promover a reutilização de edificações desocupadas, bem como a melhoria das infraestruturas, dos equipamentos e dos serviços urbanos (ROBERT; SYKES, 2000). E por fim, a dimensão governamental compreende as estruturas formais do Estado (a constituição, as instituições representativas e maioritárias e os níveis de governo, o sistema jurídico e judiciário), as redes mais amplas através das quais o poder flui e é atribuído a uma determinada sociedade (instituições da Sociedade civil e do setor privado), patrocinando o envolvimento comunitário, com atuações de parcerias compostas pelos setores mencionados acima (COUCH; SYKES; BORSTINGHAUS, 2011).

Com relação à IS, a mesma foi tratada como respostas novas para determinado contexto, direcionadas às necessidades sociais, construídas por meio de um processo adaptável e flexível com base nos conhecimentos e colaboração de diferentes atores, a fim de promover empoderamento social e soluções sustentáveis, contribuindo para o desenvolvimento da comunidade e urbano. A partir do conceito adotado, foi possível identificar diversas características da IS, tal como satisfação das necessidades humanas, colaboração, diversidade de atores, sustentável, gerar valor, empoderamento, mudança social, nova solução ou adaptação de soluções existentes, escalabilidade e compartilhamento de conhecimento.

Com base nos conteúdos apresentados e da pesquisa de campo realizada no DC de Porto Alegre, foi possível relacionar a literatura com o estudo de caso e identificar características que podem contribuir para RU, sendo elas: **redes, relações sociais, colaboração,**

empoderamento, sustentabilidade, escalabilidade, satisfação das necessidades humanas, melhoria da qualidade de vida, além da coesão social e gestão.

Deste modo essa pesquisa fortalece a evidência de que a rede (interna e geral, como encontrada no estudo de caso) possibilita o envolvimento entre os atores, que aponta para novos arranjos sociais, econômicos, financeiros, culturais e políticos, por meio de um processo construído de forma colaborativa e difundido por meio do compartilhamento do conhecimento. Assim como as redes, as relações sociais, colaboração e coesão social se fazem importantes para RU, pois a relação social está relacionada com os atores e parceiros envolvidos nos projetos e iniciativas, a colaboração mostra que quanto maior a colaboração entre os atores, maior a contribuição ao desenvolvimento de projetos para RU e a coesão social permite que os indivíduos do grupo possuam motivação, advinda de diferentes naturezas, que mantém a união e funcionamento do grupo.

A gestão, sustentabilidade e escalabilidade também se demonstraram muito relevantes para promoção de RU, pois a gestão é responsável por manter as intercorrências e intervenientes do processo em equilíbrio, assegurando a conclusão dos projetos, a sustentabilidade mantém as implementações vivas e a escalabilidade possibilita o maior alcance das iniciativas que contribuem para RU.

A satisfação das necessidades humanas, a melhoria na qualidade de vida e o empoderamento apresentam-se como resultados positivos de RU à luz de IS.

A partir de todas essas análises, foi possível identificar que no DC existem características de IS bem fortalecidas e que atuam como facilitadoras, sendo elas: redes (rede interna e geral), coesão social, empoderamento e sustentabilidade. Por outro lado, algumas características precisariam de mais atenção, aqui chamadas de barreiras, para que possam contribuir de maneira mais efetiva para RU, sendo elas: relações sociais, colaboração, escalabilidade e gestão.

A literatura apresentada, apesar de também demonstrar alguns desafios enfrentados para implementação de projetos de RU a partir de IS, reforça a importância de tais características para maior sucesso da RU, principalmente de redes e colaboração, podendo inferir-se que as mesmas são premissas para regenerações urbanas baseadas em inovações sociais.

A contribuição científica desta dissertação é a análise de características da IS que podem contribuir para RU e se faz a partir do *gap* da literatura em relação a apresentação de forma clara e direta pela literatura existente a respeito da temática em questão e propor um

modelo conceitual de regeneração urbana. O estudo de caso possibilitou sentir no campo como tais aspectos identificados na literatura se comportam. Além disso, a pesquisa amplifica o conhecimento científico sobre as temáticas aqui apresentadas.

As limitações da pesquisa se dá ao fato de ter sido estudado um único caso, além das entrevistas terem sido realizadas por uma pequena parcela da população de Porto Alegre - RS, além de não ter sido investigado a visão do poder público em relação ao Distrito Criativo, já que a pesquisa demonstrou grande desconhecimento por parte das instituições governamentais.

6.2 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

No desenvolvimento dessa pesquisa deparou-se com muitas literaturas que tratam de IS e RU entretanto, em sua grande maioria há muita confusão conceitual acerca de ambos os construtos. Desse modo:

- estudos com reforço teórico e respaldo empírico se fazem interessante para tratativas futuras, em especial em outros contextos;
- além disso, cabe a investigação das características de IS que contribuem para RU sob outros cenários fundamentais;
- avançar os estudos de modo a propor ferramentas ou diretrizes para vencer os desafios enfrentados em algumas características da IS que podem contribuir para RU, a exemplo das relações sociais e da colaboração;
- Análises futuras sobre motivações e/ou a não participação do ator governo (esfera pública) no projeto do DC.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Ranieri Roberth Silva de. **Modelo teórico de cultura para inovação social nas organizações**. 2019. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina.
- ANDRÉ, Isabel; REIS, João. O circo chegou à cidade! Oportunidades de inovação sócio-territorial. **Finisterra-Revista Portuguesa de Geografia**, n. 88, p. 79-94, 2009.
- ANDRÉ, Isabel; ROUSSELLE, Muriel. Estratégias sociais criativas em Barcelona: O caso do walden-7. **Finisterra-Revista Portuguesa de Geografia**, n. 90, p. 71-90, 2010.
- ANDRÉ, I.; ABREU, A. **Dimensões e Espaços da Inovação Social**. **Finisterra**, v. XLI, n. 81, p. 121–141, 2006.
- ANDERSON, Tara; CURTIS, Andrew; WITTIG, Claudia. **Definition and theory in social innovation**. Krems, Austria: Danube University, 2014.
- ARDILL, Nicholas; OLIVEIRA, Fabiano Lemes de. Social innovation in urban spaces. **International Journal of Urban Sustainable Development**, v. 10, n. 3, p. 207-221, 2018.
- ANGELIDOU, Margarita; PSALTOGLOU, Artemis. An empirical investigation of social innovation initiatives for sustainable urban development. **Sustainable Cities and Society**, v. 33, p. 113-125, 2017.
- AMADO, Miguel Pires. **Planeamento urbano sustentável**. Caleidoscópio., 2005.
- ASHOKA. **Innovators for the Public**. 2010. Disponível em: <www.ashoka.org>. Acesso em: 23 set 2019.
- BACON, N. et al. **Transformers: how local areas innovate to address changing social needs**. London: Nesta, 2008.
- BAGAINI, Annamaria et al. Multidisciplinary approach for a new vision of urban requalification. Multi-scale strategies of social innovation, economic improvement and environmental sustainability practices. **The Design Journal**, v. 20, n. sup1, p. S4778-S4780, 2017.
- BARATA-SALGUEIRO, T. The resilience of urban retail areas. Barata-Salgueiro T., Cachinho, H.(Editeurs). **Retail planning for the resilient city. Consumption and urban regeneration**. Editions Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, p. 19-44, 2011.
- BIGNETTI, Luiz Paulo. As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 47, n. 1, p. 3-14, 2011.

BODART, Cristiano das Neves. **O conceito de coesão social**. Blog Café com Sociologia. 2016. Disponível em: < <https://cafecomsociologia.com/para-entender-de-uma-vez-o-que-e-coesao-social/>>. Acesso em: 29, dezembro, 2019.

BORDIN, Andréa Sabedra; GONÇALVES, Alexandre Leopoldo; TODESCO, José Leomar. Análise da colaboração científica departamental através de redes de coautoria. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 19, n. 2, p. 37-52, 2014.

BORGES, Michele Andréia. **Dinâmica das parcerias intersetoriais em iniciativas de inovação social: da descrição à proposição de diretrizes**. 2017. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina.

BOTELHO, L.L.R.; CUNHA, C.A.C.; MACEDO, M. **O Método da Revisão Integrativa nos Estudos Organizacionais**. **Gestão e Sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. **Thematic analysis**. Analysing qualitative data in psychology, 2016.

CAIADO, Aurílio Sérgio Costa (Coordenador). **Economia Criativa na Cidade de São Paulo: Diagnóstico e Potencialidade**. São Paulo: FUNDAP, 2011.

CAILLOUETTE, J.; GARON.; S. DALLAIRE, N.; BOYER, G. ELLYSON, A. Étude de pratiques innovantes de développement des communautés dans les sept Centres de services de santé et de services sociaux de l'Estrie. **Analyse transversale de sept études de cas**. Crises, 2009.

CAULIER-GRICE, J. et. al. Defining Social Innovation. In: Theoretical, empirical and policy foundations for building social innovation in Europe (TEPSIE). European Commission – **7th Framework Programme**. Brussels: European Commission, DG Research, 2012.

CAJAIBA-SANTANA, G. Social innovation: Moving the field forward. A conceptual framework. **Technological Forecasting and Social Change**, 2014. v. 82, p. 42–51, 2014.

CARTER, Andrew; ROBERTS, Peter. **Strategy and partnership in urban regeneration**. Urban regeneration, 2000.

CORREIA, Suzanne Nóbrega et al. Inovação Social para o Desenvolvimento Sustentável: um caminho possível. **Administração Pública e Gestão Social**, p. 199-212, 2018.

CASTANHEIRA, Guilherme. **Estratégias de intervenção para a regeneração urbana sustentável**. Tese de Doutorado. Escola de Engenharia da Universidade do Minho, 2013.

CASAGRANDE, A. E. SOUZA, E .B. C. **O espaço e a demografia: o planejamento regional em perspectiva nas margens paranaenses do Lago de Itaipu**. Sociedade e Território, Natal, v. 24, n. 1, p. 2- 27, 2012.

COUCH, Chris. Urban renewal: theory and practice. Macmillan International Higher Education, 1990.

COUCH, Chris; SYKES, Olivier; BÖRSTINGHAUS, Wolfgang. Thirty years of urban regeneration in Britain, Germany and France: The importance of context and path dependency. **Progress in planning**, v. 75, n. 1, p. 1-52, 2011.

CONSELHO DA EUROPA – **Glossário do Desenvolvimento Territorial**. Conferência Europeia dos Ministros Responsáveis pelo Ordenamento do Território do Conselho da Europa (CEMAT). Lisboa: DGOTDU, 2011

COSTA, Luciano Antônio. **KM4SI: Framework para Gestão do Conhecimento em Organizações de Inovação Social**. Tese de Doutorado – Programa de Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

COSTA, J. S. **Inovação Social no Semiárido: o caso do projeto mandala no Ceará**. 2013. 97 f. Dissertação (Mestrado em Administração e Controladoria) - Programa de Pós- Graduação em Administração e Controladoria da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

CUNHA, Jorge; BENNEWORTH, Paul. Universities' contributions to social innovation: towards a theoretical framework. In: **EURA Conference 2013**. 2013.

CHAMBERS, R.; CONWAY, G. R. Sustainable Rural Livelihoods: practical concepts for the 21st century. **Institute of development studies: Discussion Paper** nº 296, 1992.

CHANG, Daniel Lage. **CSBC: uma estratégia para promover cidades sustentáveis**. Dissertação de mestrado – Programa de Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

CLOUTIER, J. **Qu'est-ce que l'innovation sociale? Centre de Recherche sur les Innovations Sociales**. Document de travail de l'interaxe, Montreal, 2003.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRESWELL, J. W. POTH, C. N. **Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches**. Sage publications, 2016.

DAPRÀ, Francesca; FABI, Viola. Territories of culture between regeneration and social innovation. An Italian experimentation. **TECHNE-Journal of Technology for Architecture and Environment**, n. 14, p. 200-208, 2017.

DELLA SPINA, Lucia; GIORNO, Claudia; CASMIRO, Ruggiero Galati. Bottom-Up Processes for Culture-Led Urban Regeneration Scenarios. In: **International Conference on Computational Science and Its Applications**. Springer, Cham, 2019. p. 93-107.

DI PRETE, Barbara; MAZZARELLO, Martina. Towards a new “urban sensitivity”. The role of design as support to social innovation. **The Design Journal**, v. 20, n. sup1, p. S3589-S3600, 2017.

DOYAL, Len; GOUGH, Ian. **A theory of human need**. Macmillan International Higher Education, 1991.

DNP. **Construyamos la política de Innovación Social**. 2013. Disponível em: <<https://somosmas.org/project/construyamos-la-politica-deinnovacion-social/>>. Acesso em: 20 ago. 2019

EDWARDS-SCHACHTER, Mónica E.; MATTI, Cristian E.; ALCÁNTARA, Enrique. **Fostering quality of life through social innovation: A living lab methodology study case**. Review of Policy Research, v. 29, n. 6, p. 672-692, 2012.

EVANS, James; JONES, Phil. **Rethinking sustainable urban regeneration: ambiguity, creativity, and the shared territory**. Environment and Planning A, v. 40, n. 6, p. 1416-1434, 2008.

FAIRWEATHER, George W. **Methods for experimental social innovation**. 1967.
FILETI, Giovana de Souza. **Iniciativas de ação social de cooperativas à luz da inovação social**. Dissertação de Mestrado. Programa de Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

FIRJAN (Federação das Indústrias do Rio de Janeiro). **Estudos para o desenvolvimento do estado do Rio de Janeiro: a cadeia da indústria criativa no Brasil**. Rio de Janeiro, n.02, maio 2008. Disponível em: <http://www.firjan.org.br/main.js?lumItemId=2C908CE9215B0DC40121737B1C8107C1&lumPageId=2C908CE9215B0DC40121793770A2082A>>. Acesso em 27 ago 2019

GARCÍA, Marisol; EIZAGUIRRE, Santiago; PRADEL, Marc. **Social innovation and creativity in cities: a socially inclusive governance approach in two peripheral spaces of Barcelona**. City, Culture and Society, v. 6, n. 4, p. 93-100, 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDENBERG, M. **Social innovation in Canada: How the non-profit sector serves Canadian and how it can serve them better**. Canadian Policy Research Networks: Ottawa, 2004.

GRAY, B. **Collaborating: Finding common ground for multiparty problems**. San Francisco: Jossey Bass, 1989.

HALL, Peter; TEWDWR-JONES, Mark. **Urban and regional planning**. Routledge, 2010.

HARRISSON, D.; CHAARI, N.; COMEAU-VALLÉE, M. **Intersectoral Alliance and Social Innovation: When Corporations Meet Civil Society**. Annals of Public and Cooperative Economics, v. 83, n. 1, p. 1-24, 2012.

HEALEY, Patsy. **Collaborative planning: Shaping places in fragmented societies**. Macmillan International Higher Education, 1997.

HORTA, D. M. O. **As Especificidades do Processo de Difusão de uma Inovação:** da propagação inicial à resignificação. [s.l.] Tese de Doutorado (Doutorado em Administração), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo - RS, 2013

HUDSON, Michael. **Killing the host:** How financial parasites and debt bondage destroy the global economy. CounterPunch, 2015.

IGREJA, João Francisco Santos. **Estratégias na regeneração urbana:** uma nova metodologia. 2016. Tese de Doutorado.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA–IPEA. **Relatório brasileiro para o Habitat III.** 2016.

JULIANI, Douglas Paulesky. **Framework da cultura organizacional nas universidades para a inovação social.** Tese de Doutorado. Programa de Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

KHAN, Zaheer et al. Developing knowledge-based citizen participation platform to support Smart City decision making: The Smarticipate case study. **Information**, v. 8, n. 2, p. 47, 2017.

LEARY, Michael E.; MCCARTHY, John (Ed.). **The Routledge companion to urban regeneration.** Routledge, 2013.

LIRA, Cristiane da Silva Coimbra. **A tecnologia digital como ferramenta para inovação social, no contexto de uma organização para impacto social.** Dissertação de Mestrado. Programa de Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

MAHMOUD, Israa H.; BEVILACQUA, Carmelina. Make Public Spaces Great Again Using Social Innovation Reflections from the Context of Downtown San Diego as a Cultural District. In: **International Symposium on New Metropolitan Perspectives.** Springer, Cham, 2018. p. 406-415.

MALEK, A.; COSTA, C. Integrating Communities into Tourism Planning Through Social Innovation. **Tourism Planning & Development**, vol. 12:3, pp 281-299. 2015.

MARTINEZ-FERNANDEZ, Cristina et al. Shrinking cities: Urban challenges of globalization. **International journal of urban and regional research**, v. 36, n. 2, p. 213-225, 2012.

MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação, Brasília**, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001

MATTAR, Maria Eduarda. O árido problema da desertificação. La Insígnia – **Revista de Ecologia.** Agosto de 2003.

MASSAD, Daniela de Oliveira. **A influência das competências do empreendedor social em projetos de inovação social.** Dissertação de Mestrado. Programa de Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

MEDEIROS JÚNIOR, Hélcio; GRAND JUNIOR, João; FIGUEIREDO, João Luiz. **A importância da economia criativa no desenvolvimento econômico da cidade do Rio de Janeiro**. Coleção Estudos Cariocas. Rio de Janeiro, IPP, 2011.

MENDES, Luís. A regeneração urbana na política de cidades: inflexão entre o fordismo e o pós-fordismo. *Urbe*. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 5, n. 1, p. 33-45, 2013.

MOORE, Barry; SPIRES, Rod. **10 Monitoring and Evaluation**. Urban regeneration: A handbook, p. 203, 2000.

MOULAERT, F. et al. Introduction: Social Innovation and Governance in European Cities: Urban Development Between Path Dependency and Radical Innovation. **European Urban and Regional Studies**, v. 14, n. 3, p. 195–209, 2007.

MORALES GUTIÉRREZ, A. C. **Seminário sobre Innovación Social en el ámbito de los Servicios Sociales**. Córdoba: Fundación EDE, 2009. Disponível em: <http://www.205fundacionede.org/innovacion/docs/contenidos_innovacion/seminario_innovacion_conclusiones.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2019

MULGAN, G. et al. **Social Innovation: what it is, why it matters and how it can be accelerated**. London: Skoll Centre for Social Entrepreneurship, 2007.

MULGAN, G.; The Process of Social Innovation. **Innovations – technology, governance, globalization**, v. 1, n. 2, spring 2006.

MURRAY, R.; CAULIER-GRICE; J., MULGAN, G.; **The open book of social innovation**. London: The Young Foundation, 2010.

NEUMEIER, Stefan. Social innovation in rural development: identifying the key factors of success. **The geographical journal**, v. 183, n. 1, p. 34-46, 2017.

NEMOTO, Eliane Horschutz; BIAZOTI, André Ruoppolo. Urban agriculture: How bottom-up initiatives are impacting space and policies in São Paulo. Future of Food: **Journal on Food, Agriculture and Society**, v.5(3), 21-34. 2017.

NYSETH, Torill; HAMDOUCH, Abdelillah. The transformative power of social innovation in urban planning and local development. **Urban Planning**, v. 4, n. 1, p. 1-6, 2019.

OATLEY, Nick. Competitive urban policy and the regeneration game. **Town Planning Review**, v. 66, n. 1, p. 1, 1995.

OEIJ, Peter RA et al. Understanding social innovation as an innovation process: Applying the innovation journey model. **Journal of Business Research**, v. 101, p. 243-254, 2019.

OLIVEIRA, Aline Cristina Antoneli de. Inovação social digital: mapas conceituais baseados em uma abordagem integrativa. Dissertação de Mestrado. Programa de Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

OSTANEL, Elena. Urban regeneration and social innovation: The role of community based organisations in the railway station area in Padua, Italy. **Journal of Urban Regeneration & Renewal**, v. 11, n. 1, p. 79-91, 2017.

PACIONE, Michael. **Urban geography: A global perspective**. London. Routledge, 2013.

PĂUNESCU, C. Current trends in social innovation research: Social capital, corporate social responsibility, impact measurement. **Management & Marketing** .Vol. 9 No. 2 pp. 105-118, 2014.

PEREIRA, K. P.; LOPES, J. L.. Pobreza x degradação ambiental: existe correlação? Uma análise estatística para o Paraná. **VIII Encontro de Produção Científica e Tecnológica**. 2013. In: O Método Científico, 2013.

PIQUÉ, Jorge. **Bem Vindo ao Distrito C!**. UrbsNova, Porto Alegre. Disponível em: <<https://distritocriativo.wordpress.com/>>. Acesso em: 19, out de 2019.

PULTRONE, Gabriella. Urban regeneration as an opportunity of social innovation and creative planning in urban peripheries. **TECHNE-Journal of Technology for Architecture and Environment**, n. 14, p. 139-146, 2017.

PHILLIPS, W.; LEE H; GHOBADIAN A.; JAMES P.; Social Innovation and Social Entrepreneurship: A Systematic Review. **Group & Organization Management** v. 40, 2015.

PHILLS, J. A., DEIGLMEIER, K. & MILLER, D.T. Rediscovering Social Innovation. **Stanford Social Innovation Review**, Fall, 34-43. 2008.

PRIM, Marcia Aparecida; ZANDAVALLI, Carla; DANDOLINI, Gertrudes. Elementos essenciais para a dinâmica da inovação social. In: **Congresso Internacional de Conhecimento e Inovação–Ciki**. 2019.

QUEIRÓS, Margarida. Integrated Urban Revitalisation in Montreal: lessons from local development initiatives. **Finisterra-Revista Portuguesa de Geografia**, n. 89, p. 47-77, 2010.

RADYWYL, Natalia; BIGGS, Che. Reclaiming the commons for urban transformation. **Journal of Cleaner Production**, v. 50, p. 159-170, 2013.

REVI, Aromar; ROSENZWEIG, Cynthia. The urban opportunity: Enabling transformative and sustainable development. **Sustainable Development Solutions Network**, 2013.

ROBERTS, P. Urban Regeneration: A Handbook, Capítulo 2 – **The Evolution, Definition and Purpose of Urban Regeneration**. SAGE Publications in association with the British Urban Regeneration Association, Londres. 2000

ROBERTS, Peter; SYKES, Hugh (Ed.). **Urban regeneration: a handbook**. Sage, 2016.

SALDAÑA, Johnny. **An introduction to codes and coding**. The coding manual for qualitative researchers, v. 3, 2009.

SANTOS DELGADO, Ana Alexandra. **Framework para caracterizar la innovación social sobre sus procesos**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

SANZO, M. J. et al. Business–nonprofit partnerships: a new form of collaboration in a corporate responsibility and social innovation context. **Service Business**, p. 1–26, 2015.

SAPORITO, Emanuela. OrtiAlti as urban regeneration devices. **Future of Food: Journal on Food, Agriculture and Society**, v. 5, n. 1, p. 59-69, 2017.

SILVA, Enid Rocha Andrade da Coordenador. **Agenda 2030: ODS-Metas nacionais dos objetivos de desenvolvimento sustentável**. 2018.

SON, Milyung. **‘Urban regeneration’ to ‘Social regeneration’**: Culture and social regeneration through the Culture City of East Asia event initiative in Cheongju South Korea. 2018. Tese de Doutorado. University of Sheffield.

SCHOOR T. V. D., T.; VAN LENTE, H.; SCHOLTENS, B.; PEINE, A. Challenging obduracy: How local communities transform the energy system. **Energy Reserch and Socil Science 13**. p. 94:105, 2016.

SCHIRMER, Heike; CAMERON, Heather. Collaborations and partnerships. In: Social Entrepreneurship and Social Business. C. K. Volkmann (Eds.) et al., Social Entrepreneurship and Social Business, Gabler Verlag | Springer Fachmedien Wiesbaden 2012

SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

SVEIBY, K. E. A knowledge-based theory of the firm to guide in strategy Formulation. **Journal of Intellectual Capital**, v.2, n.4, p. 344- 358, 2001

SKOGHEIM, Ragnhild; ATKINSON, Rob. **Urban Regeneration and the Use of “Urban Knowledge” in English and Norwegian Cities**: Knowledge Producers, Interests and Inclusion/Exclusion of Knowledge. In: Production and Use of Urban Knowledge. Springer, Dordrecht, 2013. p. 35-54.

TALLON, Andrew. **Urban Regeneration in the UK**. Routledge, 2013.

TIDD, Joe; BESSANT, Joe. **Gestão da inovação-5**. Porto Alegre: Bookman Editora, 2015.

TURCU, Catalina. Local experiences of urban sustainability: Researching Housing Market Renewal interventions in three English neighbourhoods. **Progress in planning**, v. 78, n. 3, p. 101-150, 2012.

THE YOUNG FOUNDATION. **Social Innovation wins backing of President Obama and Barroso**. 2009. Disponível em: <<http://www.youngfoundation.org/social-innovation/news/socialinnovation-wins-backing-president-obama-and-barroso>>. Acesso em: 20 ago. 2019

TRILLO, Claudia. The rise of the co-creative class: sustainable innovation-led urban regeneration. In: **International Symposium on New Metropolitan Perspectives**. Springer, Cham, 2018. p. 411-421.

TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 2012.

UNITED NATIONS. **Department of Economic and Social Affairs. Population Division**. World urbanization prospects: the 2009 revision. UN, 2006.

UNITED NATIONS. **Transforming our world: the 2030 agenda for sustainable development**. Seventieth United Nations General Assembly, New York, v. 25, 2015. Disponível em: <[http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/69/L.85&Lang =E](http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/69/L.85&Lang=E)>. Acesso em: 15 out. 2018

UNCETA, Alfonso; CASTRO-SPILA, Javier; GARCÍA FRONTI, Javier. Social innovation indicators. **Innovation: The European Journal of Social Science Research**, v. 29, n. 2, p. 192-204, 2016.

UN-HABITAT. **State of the World's Cities 2010/11: Cities for All, Bridging the Urban Divide**. UN-habitat, 2010.

VAN DE VEN, Andrew H.; HARGRAVE, Timothy J. **Social, technical, and institutional change**. Handbook of organizational change and innovation, p. 259-303, 2004.

VICKERY, Jonathan. The Emergence of Culture-led Regeneration: A policy concept and its discontents. **Centre for cultural policy studies**, Research papers, Vol.9. 2007.

VILLA, A. **Un Modelo de Evaluación de Innovación Social Universitaria Responsable ISUR**. Bilbao: Universidad de Deusto, 2014.

VOSS, Chris. **Case research in operations management**. In: Researching operations management. Routledge. p. 176-209. 2010.

VOSS, C.; TSIKRIKTSIS, N.; FROHLICH, M.. Case research in operations management. **International Journal of Operations & Production Management**, v.22, n.2, p.195-219. 2002.

VOS, J.; WAGENAAR, H. The Munchhausen Movement: Improving the Coordination of Social Services Through the Creation of a Social Movement. **The American Review of Public Administration**, v. 44, n. 4, p. 409–439, 23 dez. 2014.

VOSGUERITCHIAN, Andrea Bazarian. **Infraestrutura e projetos de regeneração urbana**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2015

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICE A – Revisão Sistemática Integrativa sobre Regeneração Urbana e Inovação Social

Este apêndice visa apresentar os detalhes da revisão sistemática integrativa realizada sobre regeneração urbana e inovação social nas bases de dados. Para a elaboração da revisão integrativa seguiu-se seis etapas, as quais estão detalhadas no sendo elas: 1) elaboração da pergunta norteadora a partir do objetivo; 2) critérios de inclusão e exclusão; 3) identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados; 4) categorização dos estudos selecionados; 5) análise e interpretação dos resultados e por fim 6) apresentação da revisão do conhecimento (BOTELHO; CUNHA e MACEDO, 2011).

Etapa 01 – Pergunta Norteadora

A questão norteadora para realização dessa revisão sistemática integrativa é: Como as características da Inovação Social podem contribuir para Regeneração Urbana? e baseia-se no objetivo geral dessa pesquisa.

Etapa 02 – Critérios de Inclusão e Exclusão

Para esta etapa iniciou-se com a definição das bases de dados que seriam exploradas. Dessa maneira, considerou-se para essa revisão bases de dados consagradas no meio acadêmico como Scopus®, Web of Science®, Scielo® e o Banco de Teses e Dissertações da CAPES. As bases Scopus®, Web of Science® foram selecionadas por possuírem um dos maiores acervos bibliográficos dentro do meio acadêmico e científico e suas publicações serem revisados por pares. A base Scielo® foi selecionada por ser uma importante base de pesquisas nacionais e América Latina, permitindo uma exploração das pesquisas no cenário nacional e pelo mesmo motivo, a seleção do banco de teses e dissertações da CAPES, mas com o foco na captação de teses e dissertações brasileiras relacionadas com a pesquisa.

Os termos de busca foram definidos a partir de pesquisas iniciais e exploratórias que aconteceram nas bases de dados acima mencionadas incluindo o Google Acadêmico. Os termos utilizados nessa revisão sistemática integrativa para a estratégia de busca das literaturas foi “urban regeneration” e “social innovation” para as bases internacionais, e “regeneração urbana” e “inovação social” para as bases nacionais. No Banco de Teses e Dissertações da CAPES. Os operadores utilizados foram “AND” e “OR”. A primeira busca foi realizada em 22/04/2018, e a segunda 20/07/2019 e foi possível verificar que não houve novas publicações nesse período.

No Banco de Teses e Dissertações da Capes não foi encontrado nenhuma pesquisa que relacione os termos de buscas, enquanto que pesquisados separadamente encontra-se 137

estudos relacionados à inovação social e apenas nove sobre regeneração urbana, ao passo que apenas cinco deles tratam diretamente o tema.

Quadro 1 – Total de publicações encontradas

Bases pesquisadas	Quantidade
Scopus	17
Web of Science	31
Scielo	01
Base Capes	00
TOTAL	31

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Com a busca realizada, os documentos foram agrupados por base de dados e importados para o software EndNote®, onde foi realizada a eliminação dos artigos duplicados, resultando em 26 artigos, quadro 2.

Quadro 2 – Publicações sem duplicados

Ações de seleção	Quantidade
Total das buscas	31
Eliminação de duplicados	-05
TOTAL	26

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Etapa 3- Estudos pré-selecionados e selecionados

Os estudos foram pré-selecionados de maneira qualitativa, a partir da leitura de seus títulos, resumos e palavras-chave, levando em consideração contribuições na perspectiva direta ao objetivo da pesquisa e contribuições para aspectos conceituais, colaborando para a justificativa da pesquisa. Com os artigos pré-selecionados, iniciou-se a leitura integral dos materiais selecionados. Para leitura integral foi selecionado 15 artigos.

Quadro 3 – Publicações após pré-seleção

Ações de seleção	Quantidade
Total das buscas	31
Eliminação de duplicados	-05
Sem aderência inicial na pesquisa	-11
TOTAL	15

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Etapa 4- Categorização dos estudos selecionados

Para esta etapa, foi realizada uma matriz de síntese, utilizando como o Excel como ferramenta, a fim de sumarizar e documentar informações extraídas dos artigos que foram lidos integralmente. As informações coletadas inicialmente foram: objetivo, metodologia, teoria ou conceito e seus principais resultados. Essa categorização possibilitou identificar os contextos trabalhados pelos pesquisadores além de detectar como as inovações sociais são tratadas quando relacionadas à regeneração urbana.

Em uma segunda matriz de síntese, e essa sim mais detalhada e alinhada com a questão norteadora foi documentada informações sobre: projetos apresentados, processos, atores, desafios, características de inovação social identificadas.

Etapa 5- Análise e interpretação dos resultados

Esta etapa é responsável pela discussão sobre os textos analisados a partir da matriz de síntese e está detalhada na seção 2.3 da presente dissertação.

Etapa 6- Apresentação da revisão/síntese do conhecimento

Esta etapa é responsável pela apresentação/síntese do conhecimento e está detalhada na seção 2.3 da presente dissertação.

APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecimento

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) na pesquisa de campo _____ referente _____ à _____ pesquisa intitulada _____ desenvolvida por Yohani Dominik dos Santos Figueiredo. Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo. Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semiestruturada a ser gravada a partir da assinatura desta autorização.

Porto Alegre, 27 de agosto de 2019

Assinatura do (a) participante: _____

Assinatura do (a) pesquisador (a): _____

APÊNDICE C – Roteiro da entrevista

INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA

- Como começou
- Motivação
- Potencial da Região
- Atores
- Recursos

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

- Identificação do problema
- Atores e seu papel
- Como ocorre as interações dos parceiros/ frequência
- Desafios/ Soluções
- Projetos em andamento/planejamento

IMPLEMENTAÇÃO

- Atores
- Recursos
- Avaliação/Manutenção
- Desafios e Soluções

RESULTADO

- Impactos na sociedade
- Sustentável?
- Atores na manutenção?

MELHORES PRÁTICAS

- Lições aprendidas
- Sustentável?
- O que considera necessário?

FACILITADORES

- Elementos que foram primordiais para desenvolvimento dos projetos

EXPECTATIVA INICIAL X VISÃO HOJE

- O que queriam x onde chegaram/pretendem